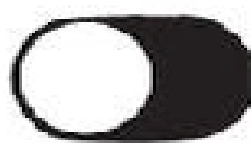
Autora do blog
BENDITA CUCA!

500 DIAS ~~COM~~ SEM VOCÊ

Samantha Silvany

500 DIAS ~~COM~~ SEM VOCÊ

Autora do blog
BENDITA CUCA!

Samantha Silvany

“Eu te amo, bem longe de mim.”

1º dia

Eu sou uma pessoa apaixonada por você, mas que te odeia. A verdade é essa. Você me leva ao extremo, me tira do sério. Você me intoxica, é meu veneno disfarçado de cura.

Eu sou uma pessoa completamente louca por você, mas que não suporta nem mais um dia desse jeito: identificando as entrelinhas, colecionando detalhes, sempre com medo de avançar o sinal, de te afastar de mim por um descuido bobo.

Eu te amo do fundo do meu coração, mas você fez com que eu não me reconhecesse mais. Eu não sei mais o que consertar, mudar ou aceitar pra te fazer bem porque já nem lembro do bem que você me fez. E cada dia que passa eu me sinto ainda mais incapaz, nadando contra a maré; mas meus braços estão cansados. Meu corpo inteiro está cansado.

Eu quero descansar. Quero uma pausa, uma trégua.

Eu amo tanto você que fiz de tudo pra aguentar isso, mas eu odeio o que você faz comigo. Você me enlouquece, traz à tona o pior do meu ciúme. Eu não quero te perder – e só de pensar nisso me tremo por inteiro – mas não consigo me manter ao seu lado. Perco a cabeça com sua presença e fico carente com sua ausência.

Quero ir pra sua casa, te esperar na beira da cama de dedos cruzados pra que você se esqueça que já desistiu de mim. Quero que me aceite de volta. Mas você sabe que eu não mudei nadinha. Nem você.

Eu te amo, mas detesto você com todas as minhas forças. Não suporto quando aumenta seu tom de voz, quando interpreta errado o que eu digo, quando não quer discutir comigo. Odeio a forma como você me olha quando eu te faço rir. Só Deus sabe o quanto eu acho lindo te ver assim! Eu odeio o quanto fico feliz por suas conquistas, odeio quando comemoro suas vitórias como se fossem minhas. E odeio quando você, no auge da minha raiva, me cala e se declara, porque eu te amo mais ainda!

E quando você não diz nada e não sai do meu lado, eu tenho pavor do quanto meu coração bate acelerado e se rende em seus braços. Eu não te faço mais bem e você não tem noção do mal que me faz. Mas sou alguém que, de tão apaixonado por ti, não consegue guardar nem uma pontinha de raiva, nem sequer pra fazer birra de criança mimada.

E se eu te ligar implorando por mais uma chance, te fazendo promessas, te dizendo tudo aquilo que você quer ouvir, por favor, me deixe ir. Eu amo tanto você que perco completamente o juízo, que esqueço do orgulho e só tento em vão resgatar o lado bom de nós dois.

Você é meu inferno de Dante, meu apocalipse interno. Você foi a melhor pessoa que eu já conheci e a pior coisa que já me aconteceu. E eu me apaixonei completamente por sua loucura. Será que quem perdeu a sanidade fui eu? Sei que fiz a escolha certa ao desistir, mas meu coração me trai e te suplica amor em silêncio. E eu tento me convencer que, a cada dia a mais sem você, estou me aproximando de mim.

Eu amo tanto você que precisei ir embora, desviar do teu caminho, ignorar tua importância. Eu odeio tanto você que me afastar de ti foi a minha maior prova de amor próprio. Qualquer relação que custe a nossa paz é muito cara. Você não vale a pena e tampouco vale mais do que eu. Eu te amo, bem longe de mim.

“Conformar-se é um dos passos de quem procura seguir em frente. Cedo ou tarde, a gente entende que não tem como manter alguém em nossa vida contra a sua própria vontade, independentemente do que a gente ofereça em troca.”

8º dia

Eu menti pra você. Eu menti toda vez que disse que não me importava com o que fazia em meio a uma risada irônica. Eu estava lentamente me dilacerando por dentro; o riso foi puro desespero. Eu menti pra você quando disse que não fazia questão de te ver. Não é como se eu fosse dependente de ti, mas como se você fosse a melhor parte de mim e toda vez que você se afastasse, eu tivesse medo de me perder, ainda que fosse só por um metro. Nada me doía tanto quanto a distância dos teus passos até a porta.

Menti quando aceitei de lábios cerrados e coração apertado ser qualquer coisa em sua vida, inclusive nada. Eu queria ser a pessoa em quem você pensa antes de dormir, aquela que procura quando precisa desabafar ou contar uma piada em que só você acha graça pra que eu te fizesse sentir que não está só. Eu queria ser a pessoa que te faz enxergar o mundo ao avesso e se apaixonar por cada desencontro que a vida traz. Eu menti quando um fio de orgulho precipitou minhas palavras e me fez me despedir de você ao telefone. Por mim, meu bem, eu permaneceria em silêncio só ouvindo sua respiração pra ter certeza de que você ainda estava ali, do outro lado da linha, se importando comigo. Mas eu menti porque não pude suportar a ideia de te deixar, de sair da tua vida e fingir jamais ter te encontrado.

Contudo, quando eu olhava pra ti era exatamente isso o que eu queria: abandonar o orgulho e abraçar tudo o que eu vinha sentindo. Dizer ao mundo inteiro que eu tinha te conhecido, sim. E que todo o errado que eu vivi, entre amores levianos e paixões enlouquecedoras, havia se tornado gratidão por você. Eu queria você e eu agradecendo por mais um dia nascendo lado a lado, sonhando de olhos abertos. Eu queria você e eu vivendo um no outro entre pernas e planos.

Não é como se eu nunca tivesse pensado em te dizer a verdade, aliás, eu pensei nisso todos os dias. Principalmente aqueles em que te via acordar. A hora em que nossos olhos se encontravam pela primeira vez no dia era como soltar o ar que eu havia prendido a vida inteira nos pulmões, e a rapidez com que meu coração se acelerava com a consciência da tua presença ao meu lado, diariamente, me dava a chance de acreditar em finais felizes mais uma vez.

Às vezes, me pergunto se teria sido diferente se eu tivesse lhe dito as coisas que escrevia pra ti em segredo, e tento me convencer de que não. Conformar-se é um dos passos de quem procura seguir em frente. Cedo ou tarde, a gente entende que não tem como manter alguém em nossa vida contra a sua própria vontade, independentemente do que a gente ofereça em troca. Não vou dizer que aprendi a minha lição porque nas manhãs de domingo, nos livros de romance e aqui no fundo, a verdade desse sentimento me libertou. Eu faria tudo de novo.

É quase impossível que um amor tão errado, com o tempo e a nossa própria insistência, pudesse dar certo. Eu disse quase. O que quer dizer que, pra não deixarmos nosso coração endurecer, pra não cairmos no abismo da desilusão, pra não matarmos nossa esperança ou enaltecermos nossas expectativas, temos que crer no quase. Ou no impossível, tanto faz. Mas, quando a gente cria uma mentira pensando que ela nos protege da força da verdade, só alimentamos o medo de descobrir nossas próprias fraquezas. Eu menti, sobretudo, pra mim e paguei o alto preço de te perder.

“Um dia a mais, outro a menos, a gente acaba aceitando que nem toda saudade vale a pena.”

15º dia

Eu não senti nada notável quando te vi, nem um arrepio me percorreu o corpo e nem compus um futuro a dois em meio segundo. No entanto, lembro com exatidão do instante que seus ambiciosos planos de mudar o mundo me convenceram a ficar. No hiato do seu esforço contínuo de me conquistar, eu me entreguei. Quando percebi que o silêncio se arrastava sem qualquer preocupação de ser preenchido com palavras nervosas, eu soube que havia me vencido. Às vezes, por menos que um gesto a gente já se despede da muralha erguida para nos defender.

Honestamente, a gente só quer que dê certo pra gente e, por mais impenetráveis que sejamos, até mesmo duas rochas que colidem acabam por faiscar. E, no fundo, essa esperança que se acende é tudo o que a gente procura.

Como eu queria mudar essa história! Você não faz ideia. Eu quis tanto que desse certo que nem preciso fechar os olhos pra te ver na minha porta outra vez; metade da mente fora, metade do coração dentro. E todas as infinitas possibilidades que eu tinha de ter feito mais, de fato, adiantariam? Acho que o problema maior foi esse – ou talvez seja esse – o orgulho me impediu de apostar todas as fichas. Mas, você bem sabe, um relacionamento nunca se faz a dois. O que já sorrimos para outros olhares conta. O que já sonhamos em outros corpos também. Não existe essa de recomeço, somos o meio. Às vezes, o fim. Cansados demais para tecer um novo drama nos baseamos no que já vivemos. Já estamos feitos.

No início, eu só queria alguém, sabe? Alguém com quem eu pudesse compartilhar uma garrafa de vinho sem me preocupar com o gradual histerismo da minha risada. Aliás, alguém que me fizesse rir assim: enlouquecidamente. Alguém pra andar de mãos dadas, compartilhar o que só digo em voz alta quando estou só. Inclusive, alguém que não me deixasse sentir solidão, mesmo à distância.

Com o tempo, eu só queria você no lugar de todo alguém que eu encontrava. Não era a mesma coisa, mas era alguma coisa e, às vezes, isso me bastava. Mas o pior é que continuo querendo você com a mesma vontade.

Já me convenci de que não éramos para dar certo. Eu apagava uns erros com outros, tanto meus quanto seus. Insistia. Perdoava. O problema do perdão é que a gente não esquece, só enumera os motivos pelos quais vale a pena tentar mais uma vez. Acontece que se a gente enumera não é amor, é apego. Não se justificam prós em uma lista negra! Quando alguém nos faz bem, a gente sabe. Nos sentimos agradecidos, sortudos. No entanto, com você eu me sentia imbatível, como se valesse de algo o placar imaginário de pontos em que tive a razão. Como se ele compensasse nossas reconciliações manipuladas. Você já sabia o que dizer pra me agradar, eu já sabia o que fazer pra te afetar. O amor não é um jogo e, por isso, toda vez que tentava te ganhar, me perdia mais um pouco.

Em razão da saudade que me arregaça o peito sem dó, eu não volto atrás. Talvez fosse esse o empecilho: orgulho demais para ceder uma vida inteira por meia história. Ou talvez ainda seja. Mas vou em passos curtos, por vezes lentos, seguindo em frente. Ninguém sabe do esforço que faço para não sucumbir à vontade de não te ligar agora ou ao desvio do meu caminho que cruzaria com sua rua. Essa é a questão: só eu sei. Você sequer algum dia soube. Não dá pra recompensar algo que nunca foi dado, não é mesmo? Eu te dei bons momentos, cafunés intermináveis, sussurros ao pé da orelha. Porém, nunca te dei certeza, pois não é uma coisa que se pode prometer, é uma ponte que se ergue naturalmente pra conectar dois resistentes. Mas nós éramos dois desistentes lutando para sobreviver.

Eventualmente, eu vou me esquecer do seu cheiro, do susto que ainda levo quando não te encontro ao meu lado na cama. E vou acreditar que foi melhor assim. Afinal, nada pode ser pior do que passar o resto da vida se lamentando pelo que poderia ter sido com alguém. Então, quer a gente queira ou não, vai ser melhor assim porque tem que ser melhor assim. Um dia a mais, outro a menos, a gente acaba aceitando que nem toda saudade vale a pena.

“Não tem coisa pior do que se apegar a alguém e, lá no fundo, acreditar que vai acabar logo. O que a gente precisa é de quem nos dê esperança, e não de quem nos rouba pouco a pouco a fé. A gente precisa de quem também precisa da gente.”

@BENDITACUCA

22º dia

Me faz um favor? Dessa vez, não volta. Fica na sua, caminha do seu lado da rua. Desvia de mim antes de chegar à beira do abismo, senão eu não vou te dar saída. Vamos retornar ao início do fim e prometer o que não podemos cumprir. Não implora, não se demora na minha história. Quem ama também desiste, não só insiste enquanto vê o outro sofrer. Não temos mais nada a oferecer um ao outro, entende? Tudo o que me resta é uma chance de recomeçar sem você.

Não percebi de uma hora para outra nem o resto à minha volta nem o que de mim sobrou com sua falta. Um silêncio abissal lentamente engolia todas as fantasias travestidas de verdades que proferi por tanto tempo sobre nós dois. A nitidez que se apoderava dos meus olhos era maçante. Juro que desejei voltar no tempo, não muito, mas só até o instante em que achava que você fosse minha maior perda. Não vou mentir, tem um certo conforto na ilusão que o entendimento afasta. Às vezes, quando doía, eu cobiçava a inocência de um coração intacto. Mas agora não tem como voltar atrás. Você deveria ter passado, ou talvez me calado, mas podia ter evitado que terminássemos separados.

Mas, se você voltar, eu vou esquecer do porquê te mandei embora, e do quão difícil foi me despedir. Se você sorrir de novo pra mim, eu vou perdoar facinho seus deslizes. Se você falar baixo ao pé do meu ouvido, vou pedir que fique para o café. Se você lembrar do que éramos no início, vou acreditar que vale a pena tentar outra vez. Se você jurar que vai mudar, eu vou dormir com a porta aberta para quando quiser entrar. Se você me ligar e se declarar aos tropeços, vou odiar sua sobriedade. Se você me quiser de novo, vou ter que abrir mão de mim mais uma vez.

Fico me perguntando se signifiquei para você o mesmo que você pra mim, se poderia ter me avisado antes do estopim. Se você sentiu o mesmo que eu senti quando te vi ou se sabia que toda sua vida, a partir daquele momento,

mudaria. Mas já entendi que o tempo se alia aos mais fortes. Se eu demonstro fraqueza, ele por mim passa e me arrasta. Já levou muita gente bacana pra longe enquanto eu tinha medo de matar um sentimento feito para dois que só vivia em um peito, o meu. Não tem coisa pior do que se apegar a alguém e, lá no fundo, acreditar que vai acabar logo. O que a gente precisa é de quem nos dê esperança, e não de quem nos rouba poupo a pouco a fé. A gente precisa de quem também precisa da gente.

Dessa vez, por favor, não volta. Se tiver qualquer consideração por mim, não volta. Não quero que me ponha em dúvida sobre as escolhas que eu fiz. Porque, no fundo, dói, não vou mentir. Mas, apesar das memórias que me traem e trazem à tona o gosto amargo da saudade na boca, termos terminado foi nosso maior acerto.

“A gente se cansa de ter esperança, acredite. Um dia, por causa de uma atitude que não foi à altura de nossos sonhos, a gente desiste.”

30º dia

Estou escrevendo esta carta porque faz exatamente um mês que saí da sua casa, e eu ainda lembro avidamente da nossa despedida. Eu ainda sinto uma fisgada no peito toda vez que penso em você me abraçando, me pedindo perdão sem nem saber por quê. O tipo de perdão que a gente implora à própria consciência. O perdão embevecido de culpa. E você estava lá, com o rosto colado ao meu, a respiração ofegante e o medo estampado na cara. Você havia me perdido há tempos, aos poucos, aos gritos. Mas só agora via. Essa situação é patética.

Eu, você e o mundo inteiro nos adaptamos às artimanhas do jogo da conquista e cada vez que tentávamos ganhar um do outro nos perdemos de nós mesmos ainda mais. Deixávamos de ser honestos um com o outro pra calar as mentiras que talhamos no peito.

E sabe o que é pior? Eu não senti pena de você, mas de mim. Era eu quem te esperava ligar na madrugada torcendo que quisesse me ver com qualquer desculpa. Era eu quem que se doava por inteiro a ti; na cama, na alma, na vida. Era eu quem engolia o choro pra te fazer sorrir, que não trazia os próprios problemas à tona pra se dedicar a resolver os seus. Era eu aquela pessoa que acreditava cegamente na importância da liberdade e escolhia estar ao seu lado todos os dias. Era eu aquela pessoa que se deixou levar pelo encanto de ser dois e desaprendeu a ser um. Aquela que, embora nunca

tivesse admitido, só queria a sorte de um amor tranquilo. Era eu quem te esperou tanto, de tantas formas, em tantos planos, que se cansou. O tipo de cansaço que não passa quando dorme. O cansaço das tentativas, da insistência. Do apego. A gente se cansa de ter esperança, acredite. Um dia, por causa de uma atitude que não foi à altura de nossos sonhos, a gente desiste. Simples assim. E concretiza o ato com um suspiro brando. Decide não viver mais à sombra do passado e, ainda que não queira aceitar, sente que aquela história chegou ao fim. Sorte no jogo da conquista, azar no amor verdadeiro.

“Amor é aquilo que a gente descobre quando caminha ao lado de alguém. É, sobretudo, parceria, e não só afeto.”

36º dia

Talvez demore mais que um mês, mas vai passar. Talvez me tire mais do que a paciência e o sono. Talvez eu precise me afastar de tudo que me lembra você, mas eu sei que vai passar. Talvez eu tenha que evitar qualquer assunto que me traga a lembrança da sua voz em teimosia me chamando (e talvez eu não consiga por algum tempo), mas um dia vai passar. Talvez, quando acordar e me procurar, você se afunde no vazio da cama, mas vai se acostumar. Talvez eu ainda tenha esperança de que seja você toda vez que meu celular toca na madrugada, mas quando eu menos perceber, vai passar.

Tem dias que eu não consigo me lembrar porque acordo só depois de muito tempo sonhando a dois e teu cheiro resiste impregnado ao lençol. Tem dias que me perco cruzando vidas sem pedir licença e, sem me dar conta, faço o caminho da sua casa. Tem dias que vomito as respostas que engoli pra impedir uma discussão e percebo que sinto falta até de tê-las. Tem dias que não me importo com quem você anda, para onde foi, com quem está, mas torço de dedos cruzados pra que não me digam. Não posso me importar com o que não sei.

Leio meu horóscopo, jogo cartas, decoro tua rotina e me apego aos comentários de que teus olhos não desviavam de mim, mesmo quando seu corpo inteiro me evitava. Já não sei há quanto tempo estou assim: esperando. Esperando passar, esperando mudar, esperando aceitar e, por que não dizer? Esperando você. Eu sei que vou superar, mas não sei se quero. Gostar de você é tudo o que tenho de ti. No entanto, a cada dia percebo que

amor não deveria me consumir aos poucos, mas, sim, me preencher. Que não deveria me deixar em um mar de angústia, mas em um mar de rosas. Que eu não deveria ter dúvidas, mas confiança. E muita.

Talvez tivéssemos que ser mais do que fomos juntos e, mesmo assim, vai passar. Talvez tudo tenha sido mesmo escrito e tenhamos sido rascunho ao aguardo da arte final, mas eu sei que vai passar. Não temos como adivinhar quem fica e quem passa, tampouco como impedir alguém de nos deixar. Amor é a liberdade de ir e voltar quando quiser, mas merecer a estadia pelo tempo que for. Nem sempre o que nos faz bem foi feito pra durar.

Amor não é aquilo que a gente cria enquanto diz gostar de alguém; isso é apego. Amor é aquilo que a gente descobre quando caminha ao lado de alguém. É, sobretudo, parceria, e não só afeto. Tem dias que a esperança me leva a lugares onde o meu amor nunca andou. Talvez seja preciso parar de procurar outras pegadas para seguirmos a trilha até o nosso próprio coração, mas eu sei que um dia tudo isso vai passar.

“Dar um tempo é adiar a decisão de ir ou de ficar. Só maltrata a gente.”

43º dia

“Nós demos um tempo”, foi o que eu disse aos curiosos de plantão que solicitaram um relatório de como estávamos. Pois é, eu menti. Só se dá um tempo quando se esgotam as tentativas e a gente tenta preservar intacta a lembrança daquele amor. Eu me dei conta de que dia após dia me agarrava a um bom momento, em que qualquer faísca de carinho me acendia a esperança de um recomeço, assim como transbordava em mim a frustração com uma mera gota de desavença. Uma mágoa que no início não resistia até o final do dia passou a me tirar o sono. Dar um tempo é um claro pedido de socorro ao Universo para que tenha compaixão e alinhe nossos caminhos novamente lado a lado. Mas o tempo não espera a gente se recuperar.

Dar um tempo é resistir ao fim, mas é preciso haver um desfecho para que possamos nos reinventar. É imaturidade achar que podemos voltar a ser o que éramos. Não só não podemos como não devemos. Temos que procurar evoluir, nos redimir por nossos erros, consertar nossas falhas. Do passado só nos serve o aprendizado. Que façamos por onde sermos melhores e despertarmos o mesmo em alguém, mas que não tentemos nos manter iguais, ainda que o igual seja bom. “Bom”, depois de um tempo, não é o suficiente pra ninguém. Dar um tempo é dizer nas entrelinhas que é preciso descobrir como lidar com a própria vida antes de incluir mais alguém.

Quando se dá um tempo é porque já se perdeu a paciência, a capacidade de se colocar no lugar do outro, e não há mais nada pra dar. A gente prefere acreditar que o tempo cura, que vai levar a dor embora assim como a trouxe. Mas se todo desafeto é consequência, precisamos de um espelho pra nos enxergar, e não do relógio pra sarar. O tempo se esgota, mas o amor não

tem prazo de validade. Se não podemos garantir um “pra sempre”, quem dirá que uma pausa repentina que não deixa o disco arranhado. É ingenuidade acreditar que assim não vai machucar tanto, que perder aos poucos é melhor do que sair da nossa vida de uma vez. Dar um tempo, mas reprimir as tentativas, é puro desperdício. Às vezes, é um ato de covardia de quem não sabe como se despedir.

Em alguns casos, pode ser libertador, pois te dá a oportunidade de repensar as suas escolhas, pôr a cabeça no lugar do coração e se perguntar para onde está indo. Se a força de vontade for latente e recíproca, o tempo vai passar, mas o amor vai permanecer intocável. Já em outros, é um capricho em que se espera que algo surpreendente aconteça sem que seja preciso se esforçar para isso. Como se fosse responsabilidade do destino alinhar seu fuso horário ao do outro. Quando os ponteiros só marcam as mágoas a gente precisa ajustar o passo para que o caminho faça sentido.

Dar um tempo é adiar a decisão de ir ou de ficar. Só maltrata a gente. Dói; e o pior é que não sabemos quando a próxima foto, mensagem ou ligação vai nos fazer voltar ao tempo em que éramos felizes. Só se dá um tempo quando muito já foi dado a alguém que não soube aproveitar. Pensando bem, eu não menti coisa nenhuma. Eu dei um tempo pra me enganar.

“Nem sempre acaba quando termina. Já aprendi que alguns “adeus” são mais longos que outros.”

50º dia

Vontade louca de fazer as pazes contigo e apagar essa merda de orgulho que me inflama o peito. Que raiva eu sinto de mim agora! E de você. E de tudo no mundo por não ser como poderia. Como eu queria. Dói, e o pior dessa dor é que eu não quero suturá-la com ninguém. Quero deixá-la assim: aberta, exposta. Do jeitinho que ela é, porque ainda é o mais perto que eu me sinto de você. Vivo com minhas verdades entaladas na garganta. Eu queria um palco, um picadeiro, o mundo inteiro para expor minha alma mutilada.

Não lembro o que eu estava assistindo antes de selar meus olhos com tuas lembranças. Ou seriam criações minhas? Sei que estava tudo bem, tranquilo. E eu sentia aquela paz que me rompe o peito, que me descontrola a falar a qualquer pessoa com quem eu cruzar na rua que eu te encontrei, que você existe. Talvez eu tenha mesmo inventado isso.

Acordei e você não estava ao meu lado, nada estava bem. Tentei me lembrar do que antes me mantinha com esperança. Tentei me lembrar de onde eu tirava forças. Não consegui. Procurei por alguma mensagem sua e não tinha, uma ligação recente que não existia. E toda a rigidez que eu havia galgado, e todo o sentimento que eu havia petrificado, eu vi se desfazer na minha frente. Bem na minha frente; na tela impassível do meu celular que só me alerta do tempo que faz que não nos vemos, das nossas fotos que se tornaram velhas, da nossa música que nenhuma rádio ousa mais tocar. Guardo tudo.

Venho escrevendo pra ti de partes em partes. A cada dia, uma nova história. Mas não importa o quanto eu escreva e quantos dias se passem até que elas cheguem ao fim, serão sempre minhas, e não nossas.

Sabe, sempre que eu termino um relacionamento tem uma coisa que me inquieta muito. Não sei ao certo dizer o que é e, às vezes, penso que seja rejeição. Puro e claro sentimento de rejeição, de “menos um”, entende? Ou de “quando vai chegar a minha vez?” Mas a verdade é que eu não consigo definir o que seja. Nem por que está lá dentro, latente e ardendo. De uma forma difícil de compreender, até mesmo de se sentir. Sinto angústia de mudar algumas coisas. Como um adeus.

Mas eu não sei o que tínhamos, o tipo de relação que você me dava não me saciava. Era muito pouco; não valia a pena. Por isso, as brigas, os choros, os términos e o fim. Inevitável, sabia? Eu sabia.

Agora reprimo no peito a saudade. Ela é traiçoeira, sei disso também. Só consigo me lembrar dos nossos bons momentos, da sua mania de lamber o lacre do iogurte como se fosse parte do prazer de comê-lo. Do seu irritante azar de sempre, sem exceção, desatar o lençol, luva da cama, simplesmente por se deitar. E agora, vendo-a impecável, me desmorono em lágrimas a fim de preencher seu vazio. Mas a melhor parte era seu cabelo bagunçado de todas as manhãs, que denotava a rotina de nossas noites em claro.

Reprimo no peito a saudade. Ela é traiçoeira, sei disso. Por isso, me despeço da tua lembrança mais uma vez. Quem sabe é a última. Eu me policio a dizer qualquer coisa a seu respeito. Nem sempre acaba quando termina. Já aprendi que alguns “adeus” são mais longos que outros.

“Se foi amor, não importa quando, ainda será outra vez.”

57º dia

A maioria das coisas em que acreditamos sobre relacionamentos vem daquilo que lemos ou, sei lá, assistimos na sessão da tarde de domingo. Ninguém nos puxa no canto e diz “Olha só, isso é ficção. Eu sei que te dá esperança, mas não é real. A realidade exige muito mais esforço e paciência do que caberia em uma mera trilogia.” E é pior ainda quando ouvimos as narrações de amores perfeitos daqueles que estão próximos à gente. Mas nenhum deles teria coragem de nos contar o que realmente passou pra poder encarar uma vida a dois. Inclusive porque, honestamente, muitas dessas pessoas também estão diariamente engolindo suas inseguranças, respirando fundo e dando segundas, terceiras, quartas chances. E a gente só escuta a parte boa. Por isso que se comparar aos outros é uma tremenda injustiça conosco, porque das nossas histórias nós sabemos de tudo, não podemos ignorar a parte ruim. É autoboicote.

Se você me quisesse, eu teria ficado. Se você me quisesse, eu teria respeitado o seu tempo; eu não tenho essa pressa. Se você me quisesse, eu teria tido paciência com sua insegurança, compreensão com suas falhas. Teria sido o colo para seu pranto até torná-lo brando. E se chegássemos ao fim novamente, ao menos, teríamos esgotado as chances de dar certo. Mesmo errados, mesmo cansados. Sem desistência, sem reticência.

Não parece patético acreditar que aconteça de alguma forma especial? Que pessoas estejam destinadas a ficarem juntas? Mas ninguém nos diz e, por causa disso, ainda acreditamos que não está nas nossas mãos fazer acontecer. Acontece que, embora nos exija por inteiro, compomos ainda só metade de um desejo. Se um dos dois não se empenha, sequer enxerga o

esforço do outro. Quero dizer, quando uma pessoa quer terminar e a outra insiste, então todas as suas boas intenções se tornam abuso. Deixa de ser carinho pra se tornar hostilidade, invasão do espaço.

Sou um emaranhado de pecado, sonhos, traumas e recomeços. Me dou por inteiro, dou tudo. Ou nada. Não acho que seja preciso durar, mas é preciso valer a pena. Mas todos os dias quando eu acordo me dá um desespero por ter que aguentar mais um dia inteiro. Você disse que não queria me perder, mas agiu como se não se importasse em me encontrar. É terrível a sensação de não saber o que foi real ou o que foi inventado.

Se você me quisesse, eu teria feito por ti o que ninguém jamais fez por mim. Mas nem todas as promessas valem a pena quando temos que convencer alguém a não partir. A gente tem que saber reconhecer quando não é mais bem-vindo na vida do outro. Se não tem reciprocidade, o que resta pra insistir? Convencer alguém a nos querer é, sobretudo, estúpido. Não é amor, mas a falta dele. Se foi amor, não importa quando, ainda será outra vez.

“De que outra forma eu saberia que foi amor se você não fosse saudade? Foi você. E depois de você, amor não foi por mais ninguém.”

64º dia

Pra mim, nunca foi saudade. Foi você. E, depois de você, a saudade não foi mais ninguém. Eu tentei me afastar, juro. Mas eu sabia que dessa vez seria diferente, ia doer de verdade. Sabia que não ia conseguir te esquecer da noite para o dia, que dividiria contigo meus sonhos mesmo quando a cama estivesse vazia. Eu sabia que tudo estava prestes a mudar; a cor do céu, o tom da música. Sabia que, se você me bagunçasse por dentro, eu levaria um tempão para pôr cada coisa em seu lugar; a começar pelo coração que passou a chamar de lar onde você estava. Eu sabia que, depois de você, eu teria medo de me envolver novamente ou pior, medo de correr o risco de sentir por outro alguém o mesmo que por você.

Não acho justo, sabe? Não foi destino, não foi sorte, não foi o tempo. Foi você. Como eu poderia atribuir a qualquer pessoa o que você fez comigo? Eu podia ter me afastado, eu sei, mas não quis. Vê se me entende: quando alguém nos faz sentir medo pela primeira vez é exatamente dessa pessoa quem precisamos, de quem nos desafia.

Enquanto a vida ensina a ser forte, é quem temos ao lado que nos ensina a sermos corajosos. Depois de você, não sou mais a mesma pessoa. E nem ligo. Não tenho vontade de saber onde eu estaria se não tivesse te conhecido, devo quem sou a quem fomos.

Não me cabem arrependimentos. Na verdade, só gratidão. Eu amei, eu lutei e eu sofri, mas no fundo, fiz tudo isso por mim, e não por você. Sempre quis saber como era perder a cabeça por alguém, perder o sono e a vergonha. Abraçar a intimidade de suas vidas em um só passo, preencher lacunas inteiras de afeto e respeito e subestimar o espaço-tempo contido na intensidade da distância. Foi uma escolha inteiramente minha, não nossa. Pensando bem, talvez esse tenha sido o erro, faltou plural. Amor no singular, se não for próprio, se conjuga com a dor. Mas, se quer saber, eu faria tudo de novo. Aliás, eu faria tudo por só mais uma vez.

Se eu tivesse pensado em ti, lembraria de todas as vezes em que soube que teríamos fim e te pouparia bastante tempo. Mas aí, também perderíamos todos os beijos, as reconciliações e os apelos. Não me leve a mal, fui mesmo egoísta. Eu te queria tanto para mim que transformei todo último abraço em recomeço. Sei que passei do ponto, sou um exagero ambulante. Sempre fui. Antes de você, eu confundia a solidão com a liberdade e, hoje, sigo em frente em companhia das nossas lembranças, agora tão minhas. Não é que seja melhor, mas é o mais perto que tenho de você. Acho que até já me acostumei, sabe? De que outra forma eu saberia que foi amor se você não fosse saudade? Foi você. E depois de você, amor não foi por mais ninguém.

“Pior do que a ausência é a insistência sem reciprocidade.”

@BENDITACUCA

71º dia

Tem dias em que ainda acredito que não vai passar, mesmo contradizendo tudo o que já vivi, a malícia do tempo e a veracidade da minha memória. Tem dias que já se tornaram meses, e eu ainda te cito como se tivéssemos nos falado ontem. Tem dias em que sinto vergonha por todos aqueles em que pensei ter gostado antes de você. Nada se compara. A gente tem que se acostumar a perder alguém antes de se preocupar em mantê-lo, porque a decisão de partir não é nossa. A maioria das pessoas vai simplesmente passar pela gente. Só devemos nos importar com aqueles que decidem ficar por nós, independentemente do quanto seja difícil. Eu não sabia disso, agora eu sei.

Eu me afastei de você enquanto te amava, e sei que era amor porque a distância não diminuiu o sentimento. Mas eu tive que escolher a mim, porque pior do que a ausência é a insistência sem reciprocidade. Enquanto eu continuo pensando em como estaríamos hoje, se você sente minha falta como eu sinto a sua, se você se imagina nos melhores e piores momentos comigo ao lado ou se você se lamenta por ter me perdido, minha vida está passando e a sua está seguindo em frente. Sem mim.

Nunca senti uma sensação tão incômoda em toda a minha vida quanto a saudade. Sério. É um aperto no peito tão forte, uma vontade desesperada de sair correndo, de fugir daquilo, de fugir de você ou de mim e das consequências que eu não quero suportar, de fugir das minhas escolhas. Ninguém está esperando que eu me recupere, que enterre o passado e sacuda a poeira de memórias já gastas. Ninguém vai me lembrar do tempo que eu perdi enquanto aguardava o melhor momento para te superar. Eu tive que começar de algum lugar, tirar forças de dentro de mim. E, sobretudo, entender que terminar não é um fardo, e sim uma decisão.

Eu poderia estar com você, sim. Acontece que eu mereço muito mais do que você tinha a me oferecer. Guardo a saudade no bolso e estampo um

sorriso no rosto. O amor não é como a maioria dos outros sentimentos. Tem o lado ruim, aquele que dói e nos muda para sempre. Eu não sabia disso, mas agora eu sei.

“No passado não se ama. Ou se ama agora ou nunca foi suficiente.”

79º dia

Você está bem, não está? Sei que está. Vejo suas fotos. Mesmo com a imagem desfocada, seus olhos brilham. Eu me pergunto se alguma vez você já me olhou desse jeito. Você fazia alguma ideia de quem eu seria pra ti quando me conheceu? Você sequer planejou em segredo um futuro para nós dois? Sei que é tarde, mas queria saber. Queria saber se era nítido o seu “gostar de mim”. Queria saber se realmente se apaixonou por mim ou se era como eu te via. Ou como eu te queria.

Já reescrevi nossa história com tantos finais diferentes, sabia? O que eu mais gosto é aquele em que você ainda está comigo. Sou eu que não tiro o sorriso do rosto e você que não para de me olhar como se eu fosse a pessoa mais linda do mundo. Não me entenda mal, eu não te quero de volta. Aliás, eu também sei que você não volta mais. Sério. Mas quem você é pra mim ninguém nunca vai ser. Como eu posso não gostar de você desse jeito? Eu só tive a parte boa! Às vezes, desejo que você tivesse aprontado uma sacanagem imperdoável, que eu tivesse sofrido por decepção. Ou que tivéssemos tido uma briga enorme recheada de inverdades e vãs tentativas de machucar um ao outro enquanto nos despedaçávamos por dentro.

Mas não foi assim, e eu sinto falta de você. Como se depois de você faltasse uma parte de mim. Há sempre um espaço reservado em meu peito ironicamente ocupado pelo vazio que você deixou. E aquela certeza de que, por mais que diminua com o tempo, não vai fechar. É apenas falta, não tem nada nas entrelinhas.

Sinto falta da minha vontade desgovernada de tentar adivinhar o que você estava pensando. Eu te enchia o saco e você pacientemente ria. Quando foi que percebeu que não pensava mais em mim o dia inteiro? Levantou um pouco mais tarde do que devia, tomou um café pelando e se deu conta de que não precisava de mim ao seu lado?

Tenho essa cena em minha cabeça da última vez que engoli o choro por você. Se eu soubesse que esse orgulho me faria até hoje imaginar tuas respostas, eu teria te bombardeado. Acho que, no fundo, eu não acreditei que fosse minha última chance definitiva. Como eu poderia, afinal? A gente sempre se supera e volta. Ou voltava. Agora você está seguindo em frente. E eu aqui me perguntando se na próxima vez eu vou fazer diferente.

Até já aceitei, sabe? Talvez tenha sido melhor assim. Eu tive meu espaço, pude me reconstruir. Eu tive outras pessoas e, ao mesmo tempo, ninguém. Ninguém pode ser você, essa é a parte ruim, mas estou me virando. Juro. Prefiro que continue assim: eu no meu canto, você em seu lugar e meu pensamento te trazendo pra mim de vez em quando. Desse jeito, ninguém pode te tirar daqui de dentro. Não importa com quem eu esteja, nada vai poder estragar você. Essa é só minha forma de te eternizar comigo. Não quero que se torne passado, você é minha saudade. Só minha.

Eu poderia te escrever bonito, até te emocionar, sei lá. Mas no passado não se ama. Ou se ama agora ou nunca foi suficiente. Sou coadjuvante no meu próprio roteiro. E você está bem, não está? Sem mim, eu sei e não admito. Não esqueço a foto, nem te esqueço fácil. Mas vou guardar esta carta pra ver se aprendo algo.

“Ninguém fracassa por tentar, mas por insistir no erro. Fracasso é quando a gente mantém um relacionamento ruim por medo de não ter um melhor e aceita menos do que é digno porque duvida de si mesmo.”

86º dia

Já apostei comigo tantas vezes não ir atrás de você, não procurar saber da sua vida, evitar os lugares em que você possa estar. É patética a necessidade que eu sinto de você. Fico aqui juntando os cacos da nossa história à procura de qualquer pista que me faça acreditar em destino. Confesso que trapaceio uma vez ou outra, escondo a parte que mostra que não demos certo, que discordamos e, às vezes, até mesmo toda a razão da nossa separação.

Podia ter sido diferente, sei bem disso. Depois que passa, fica tão fácil pontuar nossos erros, as vezes em que eu poderia ter nos poupado de mais um espetáculo de insinuações que circulavam minha insegurança. As vezes em que você poderia ter falado honestamente sobre os motivos de seu ciúme. As vezes em que nós dois nos viramos para lados opostos e fingimos dormir para não encararmos nossa covardia em continuar cara a cara. Acontece que, com o passar do tempo, eu percebi que, pra poder ter a minha saída triunfal e dizer-lhe tudo o que ainda tinha entalado na garganta, você precisava vir atrás.

Sendo assim, eu pacientemente esperei qualquer notícia sua durante dias, talvez meses. Confesso que cheguei a te cercar nas redes sociais no aguardo de que a qualquer momento você fosse se render à saudade. Mas a pior

parte era me perguntar o que diabos você estava fazendo – ou pensando – que não tinha a decência de se comunicar comigo. Ensaiei nosso diálogo por noites em claro. Eu já sabia na ponta da língua como me desvencilhar de qualquer uma de suas investidas. Tinha decorado mais de trinta formas de dizer que simplesmente não te queria mais. E já havia desdenhado das maiores promessas que fingi ouvir aos quatro ventos. Esperei por uma ligação, esperei por uma surpresa, esperei por um pedido de desculpas. Eu estava prontamente à sua espera.

Então, passei a me perguntar o que você fazia, com quem estava e se pensava em mim em algum momento. Senti falta de quando você era meu primeiro bom dia e meu último boa noite. Senti falta de saber sua rotina, seu almoço, seus planos. Senti falta de combinar o final de semana, um jantar fora, um aniversário da família. Senti sua falta. Eu cavei minha própria cova.

No fundo, no fundo, eu só queria que as coisas voltassem a ser como eram. Eu só queria ficar com você. Eu só queria apertar um botão e esquecer todas as mágoas que sofri, toda a decepção que senti e todas as palavras que jurei sobre as atitudes que nunca tomei. Eu só queria que tivesse sido um sonho ruim e que você ainda acordasse ao meu lado.

Mas não foi assim. E você não veio atrás. Engoli em seco tudo o que tinha ensaiado pra te dizer. Às vezes, a gente tem que esquecer como nos sentimentos por alguém para nos lembrarmos de quem merecemos ter.

Ninguém fracassa por tentar, mas por insistir no erro. Fracasso é quando a gente mantém um relacionamento ruim por medo de não ter um melhor e aceita menos do que é digno porque duvida de si mesmo. O que mais nos impede de desapegar é essa mania de cultivar esperança em cada detalhe.

No fim das contas, ninguém entra em nossa vida por acaso. Algumas pessoas vão nos machucar, algumas vão nos amar e outras vão nos deixar. Mas todas vão nos ensinar. E a gente vai se tornar melhor pra gente, e não só para a próxima.

“Tanto eu fiz por quem pouco fez que agora tanto faz.”

93º dia

Eu disse que tínhamos acabado, que não voltaria atrás, que estávamos decididos. Disse o que devia dizer para que parassem de me perguntar como eu me sentia; eu não queria sentir nada, quem dirá tudo o que se passa aqui dentro. Aliás, que não passa: tudo o que ficou enraizado nas memórias me ancorando ao passado.

Tem dias em que eu realmente acho que te esqueci; faço planos, vou a festas, aceito aquele convite que estava evitando. Mas, aí, vejo um carro igual ao seu parado em frente à minha porta e desejo que tenha vindo se declarar, pedir outra chance. Mas, aí, ouço nossa música na rádio ou seu nome me acerta como uma flecha em qualquer conversa alheia. Mas, aí, alguém me diz que te viu em uma balada. Feliz.

Superar não é tão fácil quanto eu imaginava. Mesmo tendo tudo fresquinho na cabeça, sabendo de cor e salteado os motivos pelos quais não voltar atrás. Não é uma questão de força, mas de disciplina. É sério. Eu listo diariamente as razões que me levaram a desistir. Decidir desistir não foi uma escolha minha, confesso. Você tomou a iniciativa, você ditou o fim. Eu apenas revidei por noites a fio na esperança de acender qualquer chama no teu peito que te fizesse lembrar de mim, de nós.

Acontece que, quando alguém quer terminar, não adianta o quanto tentemos reverter a situação. Ainda que você acabasse por ceder aos meus apelos, não seria verdadeiro. Não seria inteiramente por me querer. Então, dessa vez, quem decidiu desistir fui eu.

Para algumas pessoas isso pode bastar; meio que ter alguém ao lado pode ser melhor do que se ter por inteiro. Mas, para mim, não é o suficiente. Saber que eu dava tudo de mim todos os dias, que fazia malabarismo com a tristeza pra que desviasse da nossa porta, que mastigava a insegurança pra não lhe cuspir provocações e que, mesmo assim, não conseguia dar vida ao seu olhar, me fez sentir incapaz. Eu não sabia onde estava errando.

Tanto eu fiz por quem pouco fez que agora tanto faz. Aprendi a desistir e posso dizer, sem sombra de dúvidas, que fiz isso por mim. Somente por mim. Se eu tivesse pensando em você ou acreditado em cada armadilha do destino, que me trazia seu perfume com o vento pra amolecer minha certeza, eu teria voltado.

Difícil mesmo é suportar essa ausência. Não é amor, não é saudade, eu juro. É só a falta. E para o caso de não passar, preciso me acostumar com esse vazio. Em primeiro lugar, aceitá-lo, e daí por diante preenchê-lo com pequenas doses de esperança e paciência. Sem exageros. Fingir que ele não existe é pior, acredite.

Superar é um processo e, como todo processo, é doloroso. Eu minto sobre ter te esquecido. Eu mudo de assunto sempre que minha memória me trai e traz seu nome até minha boca. Eu evito conversas que me deem qualquer pista de onde você está (e principalmente com quem). Eu não sei quanto tempo isso vai durar, mas não vou me entregar. Pode chamar de orgulho se quiser, não me importo. Eu chamo de recomeço.

Superar é ser egoísta. E não faz mal, sabe? A gente tem que se pôr em primeiro lugar para que ninguém nos trate como segunda opção. A única pessoa que tem obrigação de me priorizar, de me amar incondicionalmente e de lutar por mim pelo resto da vida sou eu.

“Compromisso tem que ser uma escolha, não uma consequência. Amor tem que ser conquistado, não imposto. Quem não suporta a própria companhia exige dos outros uma completude inalcançável.”

@BENDITACUCA

100º dia

Confesso que acho tão admirável quanto bizarro um casal permanecer uma vida inteira juntos. Sem intervalos, sem longos términos e voltas. Simplesmente juntos. Honestamente, à medida que o tempo passa, involuntariamente mudamos. Tudo ao nosso redor nos afeta de alguma forma, até mesmo aquelas pessoas que só passaram por nós e de quem nos lembramos com certa indiferença nos afetam para fortalecermos nossas preferências ou prioridades ou apenas gostos. Mesmo que a maioria delas seja somente um rosto borrado em uma foto amarelada. Manter um relacionamento contínuo é se adaptar, se respeitar e se moldar aos trejeitos e defeitos do outro. É um desafio.

Não estar em um relacionamento também é uma busca. Por alguém ou por autoconhecimento. Por um lado, há quem diga que a solidão é sinônimo de fracasso; por outro lado, eu acredito que seja sinônimo de liberdade. Eu posso fazer o que eu quiser, aceitar o convite de quem eu bem entender, experimentar o que me interessar, falar o que der na telha, dançar até o dia amanhecer. Eu posso me dilacerar, me confrontar, me debater, espernear. Posso me descobrir, me desfazer em pedaços, me recompor por inteiro.

Aprendi que quando eu estiver consciente de meus percalços, das cicatrizes que ainda me latejam o peito, das aventuras de outros tempos, das alegrias de sorrisos plenos, essa busca vai se internalizar. Se completar. E eu, finalmente, vou poder estar totalmente entregue a quem me merecer. Compromisso tem que ser uma escolha, não uma consequência. Amor tem que ser conquistado, não imposto. Quem não suporta a própria companhia exige dos outros uma completude inalcançável.

“A gente tem que escolher lutar por quem prioriza a gente.”

108º dia

Seu nome surgiu em minha mente desavisada deixando um rastro de curiosidade e culpa. Tentei me conter em lhe procurar, mas cenas do que nunca vivemos sobressaltam na velocidade de uma piscada. Confesso que naquele momento me rendi, mas ainda relutei com o celular prontamente na mão para digitar seu nome no Google. Por um instante, me permiti te imaginar ao meu lado rindo e achando absurda a ideia de procurarmos a nós mesmos na internet. Você nunca soube por quanto tempo procurei por mim, na verdade. Você nunca vai saber quem eu era antes de você. Talvez porque com você eu acreditei em recomeços, em páginas em branco. Talvez porque depois de você eu evitei curvas em caminhos trôpegos, quis disfarçar o apego.

O que resta de nós quando se desatam todos os laços? Se não há mais respeito, o que mais pode haver? Paixão, por si só, não sustenta um coração, quem dirá dois. Aliás, paixão por vezes nos enfraquece e nos impede de ver em quem confiar. Confiança cega gera corpos que se falam no toque e mentes distantes. E agora não sei onde guardar tanta teimosia. Saber que eu poderia ter sido mais flexível e não fui, que eu poderia ter compreendido mais e não compreendi é muito pior do que fracassar por tentar. Eu me sinto desistente, talvez da única coisa pela qual realmente vale a pena lutar. Não me refiro a você, a propósito. Falo de mim. Eu poderia ter me confrontado com suas críticas, me moldado aos teus defeitos, aceitado que amor não se faz de modo certo ou errado. Mas a gente tem que se perder para se valorizar, não é? Sinceramente, sem você eu nunca teria me encontrado.

E você não mudou nadinha. Sei disso pela forma com que ainda bate suas fotos. Sei disso pela forma com que meu coração ainda bate por ti. Experimento ter um grande amor de quem sequer fui amor e me pergunto quando será a minha vez de acertar as horas depois de tanto tempo quebrado, despedaçado. Anos roubados de mim que subestimam a lucidez dos meus planos. Onde eu estava enquanto você não estava comigo? Às vezes, a gente esquece que essa busca só a nós pertence, que ninguém poderá consertar um relógio de peças faltantes, é preciso estar completo. É preciso juntar cada pedacinho de dor, saudade e perdão para compor um tempo que seja nosso. Nem sempre a gente faz isso. Queremos esquecer tão rápido quanto nos apegamos, queremos nosso final feliz tão certo quanto leviano.

Você nunca vai saber quem eu sou depois de você porque nem mesmo a mim importa se éramos ou não para ser. Talvez porque com você eu acreditei cegamente em destino. Talvez porque depois de você eu acredito piamente em escolhas. A gente tem que escolher lutar por quem prioriza a gente.

“Se as lembranças são mais presentes do que as próprias atitudes, então essa história não passa de uma saudade inconveniente.”

114º dia

Se eu disser que já não te quero mais, estarei mentindo. Na verdade, acho que hoje te quero mais do que ontem. E te quero ainda mais quando escuto seu nome em qualquer conversa, quando atravesso a rua procurando algum sinal de que poderíamos nos esbarrar por uma sorte – ou ironia – do destino. E te quero muito mais quando um frio na espinha me invade ao cruzar com uma foto sua, se for possível querer tanto alguém assim.

Então, meu bem, definitivamente não foi por falta de querer. Foi por excesso. Absolutamente por excesso de querer aguentei me dilacerar de lábios cerrados sempre que punha à prova o que você dizia sentir por mim. Por excesso de querer engoli o amargo da minha língua mordida de tantas vezes que jurei nunca mais voltar pra ti. E, pelo mesmo excesso, te deixei. Te querer demais me envenenou, me entorpeceu, me sedou. Rompi meus planos para me encaixar aos teus.

Eu disse que gostava de você, não que pararia minha vida por sua causa. Você já devia saber que cedo ou tarde eu iria me cansar de tentar chamar tua atenção, de implorar por tua consideração. Não dá pra fazer alguém entender a nossa importância se, a cada vez que damos o braço a torcer e perdoamos o mal feito, valemos menos pra nós mesmos. Eu sei que amor também é sobre perdão e por isso não me arrependo de nenhuma das vezes que distribuí segundas chances como se isso compensasse as vezes que eu também errei. Eu precisava me reconstruir, eu precisava de tempo. Mas

preferia investir em cenas de ciúmes que me provavam o mínimo de apego à ideia de que você realmente gostava de mim.

Talvez se eu tivesse tido mais coragem nossa história agora fosse outra. Talvez, de fato, pudéssemos seguir em frente sem citar as inúmeras pedras que catamos no caminho a postos para serem jogadas. Mas, honestamente, eu quis mais pra mim. Eu sempre quis mais pra mim. E talvez por isso me tenha me dedicado a te fazer quem eu quisesse. Eu não respeitei suas limitações, confesso. Sobretudo, não respeitei o seu querer. Se você não iria mudar por mim, de que valia a insistência?

Acredito que no momento certo você vai perceber que talvez esse tenha sido seu maior erro, assim como eu me dei conta que disfarçar a dor ao esbanjar um sorriso não mantinha meu coração intacto. Pensando bem, será que não fomos apenas um disfarce um para o outro? Uma máscara de satisfação feita para maquiar o contentamento de nossos fracassos? Quando duas pessoas já não se fazem mais bem, qual o propósito de estarem juntas? O que, maior do que nossa própria felicidade individual, pode nos manter ao lado de alguém?

E sabe o que eu descobri? Que só querer não é o bastante. Que relacionamentos são compartilhados e não competidos. Que se alguém não te estimula, mesmo que de forma inconsciente, te desmotiva. Que se as lembranças são mais presentes do que as próprias atitudes, então essa história não passa de uma saudade inconveniente. Que o contrário de construir uma relação não é a ruína da mesma, e sim a estagnação de duas vidas. Mas, sobretudo, eu descobri que hoje não preciso mais de você. Talvez nunca tenha precisado, honestamente. Talvez eu só tenha te querido demais antes mesmo de saber se você era o suficiente.

“Não há nada de errado em se desapegar de uma história que não te dá nada mais do que saudade.”

121º dia

A gente erra, mas também perdoa. A gente xinga, mas também acaricia. A gente se esperneia, mas também se emudece. A gente se adapta. A gente se transforma. Quando estamos dispostos, quando a nossa força de vontade se sobrepõe às nossas angústias, a gente faz tudo o que pode. A gente tenta. Mas nem por todo mundo vale a pena esse confronto.

O segredo talvez seja esse: não desistir. Acreditar que qualquer sapo pode virar príncipe, que um amor de verão pode terminar em casamento. Mas o que temos de nós se vivemos para nos doar? Somos o resto. Resquícios de planos, sonhos e traumas. Dizer que não esperamos retorno é utopia – além de estúpido. É claro que queremos reciprocidade, é claro que sonhamos com o dia em que todo esforço valerá a pena. É claro que no fundo estamos inundados de esperança. Por isso a gente tenta, por isso a gente aguenta. Mas nem todo mundo vale o tempo investido.

Se apaixonar não tem receita de bolo: faz isso, faz aquilo e serão felizes para sempre. Nada disso. Algumas vezes, você vai fazer coisas que nunca imaginou por alguém; vai se contradizer, vai se confrontar. Outras vezes, alguém vai fazer por ti o que não fez por nenhuma outra pessoa; vai se doar, vai mudar. Mas, na maior parte das vezes, ninguém está contando esse placar, ou seja, tenha em mente que, independente do seu esforço, se envolver e fazer dar certo é um resultado em conjunto. Se um não tenta, dois não conseguem e, se for o caso, o ponto final tem que partir de alguém.

Esquecer é parte de um longo e doloroso processo de autossuperação. Eu luto primeiramente contra mim, incansavelmente, torcendo para, um belo dia, descobrir que já nem me lembro mais. Não há nada de errado em se desapegar de uma história que não te dá nada mais do que saudade. Ser feliz com alguém faz parte do mesmo processo. O amor não é feito de certezas e, sim, de tentativas. Ora falhas, ora bobas. Porém sempre na esperança de que duas pessoas construam uma só vida.

O que pra mim foi eterno talvez não tenha durado mais do que um segundo para você. Discordo piamente da ideia de que ao final da nossa relação a conclusão foi de que não demos certo. Todo mundo é capaz de dar certo por um tempo, mas eventualmente histórias muitos desgastadas ou com excesso de cobranças tendem a não durar. Isso porque estamos tão apegados a um ideal de relacionamento, a um perfeccionismo de sentimentos, que menosprezamos atitudes e palavras que não condizem com a nossa expectativa de par perfeito.

Pessoas diferentes têm maneiras diferentes de demonstrar sentimentos. Não dá pra ensinar alguém a te agradar "da forma correta". Há muitas formas de demonstrar amor. Não só aquela que vimos nos filmes. Não só aquela que lemos em livros. Não só aquela que ouvimos de amigos. Não só aquela que vemos nas redes sociais. Não só aquela que idealizamos. Não só aquela que queremos.

Amor é sobre adaptação. No início da paixão somos uma massinha de modelar feliz e, com o passar do tempo, enrijecemos em nossas perspectivas. O amor é tão abrangente em sua definição que não deve ser medido, apenas sentido. Quando conseguimos sentir o amor, não precisamos de provas. Em razão disso, nós demos certo, sim. Pelo tempo que foi necessário, pelo tempo que foi bom. Você foi inesquecível, mas não insubstituível.

Muitas vezes, a fraqueza se reduz à insistência de manter alguém que se faz distante ao lado. Pra desistir é preciso ser mais forte do que eu pensava. É preciso trocar o conforto pelo medo, a segurança pelo risco, cortar nossas próprias asas antes que alguém o faça e não temer a queda. Porque, meu bem, a verdade é que você não vale nem a porra dessa saudade.

“Às vezes, a gente precisa se reinventar, pois, enquanto permanecermos com as mesmas atitudes, não podemos esperar por um final diferente, quem dirá por um final feliz.”

@BENDITACUCA

128º dia

Acreditei durante muito tempo que um amor realmente curasse o outro. Era mais fácil desse jeito, agora eu sei disso. Quando eu sentia que estávamos próximos ao fim, já correspondia com mais interesse às investidas de outras pessoas, saía de casa olhando com mais atenção para quem estivesse ao meu redor. Então o ciclo se repetia e, assim que terminava uma relação, me forçava a sair com outras pessoas. Já dei conselhos desse tipo também: "Você tem que tentar sair pra desopilar. No mínimo, você se diverte." Afinal, havia funcionado pra mim a vida inteira.

Aprendi duas coisas nessa fase: 1) o placar não zera, só acumula. Qualquer semelhança entre meu presente e meu passado já causava uma guerra numa proporção muito maior do que eu merecia. Eu trazia no peito feridas abertas, nas mãos os planos que nunca se concretizaram, e despejava à queima-roupa na primeira pessoa que tivesse a oportunidade. E foi assim que eu fiz contigo, agora eu sei disso. Não era sua culpa não suprir essas expectativas. Até porque, sinceramente, sequer haviam sido criadas para você ou com você. Era apenas eu impondo minhas vontades a um novo relacionamento devido ao fracasso do antigo. E 2) eu podia até achar que tinha driblado o sofrimento, que mantive meu coração intacto enquanto ocupava minha mente com a nossa história, mas a verdade é que a mágoa estava ali, pronta pra se lançar ao menor sinal de perda.

Se nem eu priorizei a mim, como poderia achar que outra pessoa pudesse fazê-lo? Ninguém sabia o que eu havia passado e sentido. Só eu tinha o poder de me curar, mas enfrentar a si pode ser um desafio mais assustador do que se imagina. A gente aprendeu a repulsar a solidão, aprendeu que estar só é sinônimo de fracasso. É normal sentirmos medo de não termos outra chance ou deixarmos escapar mais um romance. É normal sentirmos pressa; o tempo não espera que nos recuperemos, como podemos desperdiçá-lo sem tentar outra vez?

Às vezes, a gente precisa se reinventar, pois, enquanto permanecermos com as mesmas atitudes, não podemos esperar por um final diferente, quem dirá por um final feliz.

“Você fez a sua escolha e eu a minha, o problema foi não termos escolhido um ao outro. Não sei dizer o que foi mais difícil: aceitar que isso era o certo a se fazer ou que chegamos a essa conclusão juntos.”

135º dia

A gente nunca sabe quem vai mudar nossa vida. Aliás, francamente, meu problema é achar que sei e sempre apostar todas as minhas fichas nas pessoas erradas. Talvez o amor aconteça mesmo para os distraídos e, enquanto metade de mim ainda se recuperava da bagunça que urgia em meu peito, a outra metade escapulia por entre meus dedos. Quando eu menos percebi, era para você que eu contava nos mínimos detalhes minhas ambições diárias e as pequenas aventuras que se passam dentro da minha cabeça. Era de você que eu queria ouvir uma opinião, um conselho ou a indicação de um filme, sei lá. Tinha que vir de ti o meu sossego e, aos poucos, me viciei nisso. Eu queria sempre mais, ter mais. Mas, sobretudo, queria que você estivesse sentindo o mesmo por mim. Meu apego anda em par com a vaidade.

Vou pular a parte boa porque passou. Demos certo, é claro, mas só por um tempo. Dizem que as melhores coisas da vida duram pouco. Discordo, não sei dizer quanto tempo foi, mas pareceu a minha vida inteira. Pareceu que tudo o que eu havia feito cumpriu perfeitamente seu papel de me levar até você. Agradeci até pelos percalços que superei quando o tive ao meu lado. Tudo fez sentido. No entanto, passou. É, assim mesmo. Sem mais nem menos. Não sei dizer por quanto tempo nos desgastamos, nos entregamos e fizemos as pazes até colidirmos novamente, mas, pra mim, pareceu um

minuto. Sério. De que vale um minuto sequer sem quem a gente ama ao lado? Se eu pudesse voltar no tempo, eu juro como não voltaria mais do que isso. Eu só queria mais uma vez aquela esperança, eu só queria acreditar que iríamos superar isso. Quero dizer, superamos. Mas não juntos. Como explicar para a saudade que o amor passa arrastado?

Você fez a sua escolha e eu a minha, o problema foi não termos escolhido um ao outro. Não sei dizer o que foi mais difícil: aceitar que isso era o certo a se fazer ou que chegamos a essa conclusão juntos. Eu queria que você lutasse por mim, queria que você deixasse a razão de lado e me dissesse “sim”. Eu queria não ter pensado sobre tudo, não ter ponderado o certo e o errado. A vida não é justa, sejamos francos, por que o amor havia de ser? Eu queria você, e queria que você me quisesse. Mas tínhamos os pés no chão e as asas cortadas de outros voos; quanto mais alto se aposta em alguém, maior é a queda também.

No fundo, tínhamos medo. Sei disso pela forma como meu coração batia acelerado, golpeado pela adrenalina de me desfazer da única coisa que aparentemente me fazia respirar. Sei disso porque minhas mãos tremiam em um impulso desesperado de se manterem longe de você. Sei disso porque quando eu vi seus olhos, fugi desgovernadamente para sua boca e pedi por tudo que mais uma vez ela fosse minha. Ou, quem sabe, que nunca deixasse de ser.

Às vezes, até acho que te esqueci, mas aí sempre vem alguém me dizer que te viu. Ou todas as estações do rádio tocam a nossa música. Ou talvez seja coisa da minha cabeça, sei lá. Então, eu saio, me divirto, conheço algumas pessoas, ouço o de sempre: “vai passar”. Sei que falam do tempo, mas imagino que podia ser de você. Já perdi a conta de quantas vezes prometi a mim que, se você passasse pela minha vida outra vez, eu te pararia. Eu sei, talvez não desse em nada, mas quando se tem o coração em frangalhos, nada é a única coisa que se tem a perder. Não é todo mundo que faz a gente querer tentar de novo.

Quando eu te vi ontem, não encontrei uma só palavra pra descrever esse sentimento. Eu quis pular em cima de você, te agarrar, te dizer que mande a razão à merda porque eu não aguento mais essa saudade, mas tudo que fiz

foi te dizer “oi” à distância com um sorriso bobo na cara. O que pode ser mais patético? Sempre fantasio com o dia em vou te tratar como ninguém, perguntar sobre a família, o trabalho, desejar que dê certo com um novo amor. Eu podia fazer isso, sério. Mas prefiro não me arriscar, afinal, como ignorar que foi que você quem me deixou assim? Tenho medo de ouvir que está muito mais feliz sem mim. Não é egoísmo, não. Ainda é amor, mas agora mais meu do que seu. Prefiro cuidar do meu jeito, deixar quieto. Vou esquecer, sei disso. Só não sei se quero. Estamos bem, cada um para o seu lado, sabe? Vida que segue. Mas, por trás da minha força, só eu sei a falta que você me faz.

“Nunca me pareceu certo que qualquer destino ou desafeto valesse arriscar quem éramos por completo. Quando for amor, que seja merecido, não imposto. Que seja dividido, não cobrado. Que seja único, mas nunca sozinho.”

142º dia

Enrolei o quanto pude até admitir que não tínhamos mais jeito. Troquei toda exclamação por reticência na esperança de calar o grito do fim. Entornei grandes doses de desespero até cuspir minha gargalhada em histeria. A verdade é que eu tentei. Talvez até mais do que deveria. Fiz por você o que por ninguém mais consegui: eu me doei. Em cada passo procurei teu rastro para acompanhar, em cada despedida abracei o frio na barriga, a cada dia ao teu lado sentia uma batalha vencida. No fundo, algo me dizia que não éramos para ser, mas a ânsia dessa incompatibilidade apenas me motivava. Eu queria desafiar o destino por você. Eu queria que as engrenagens do mundo rodassem ao contrário só para fazer o tempo voltar ao momento em que você sorria pra mim.

Por causa disso, não sei quando foi que paramos de dar certo. Ou, pior, será que já demos algum dia? Ou você não passou da personificação da minha própria vontade? Eu não precisei de muito, você sabe, para que meu coração batesse em um ritmo desafinado por ti. Você me cantava as maiores mentiras e eu pedia bis como um espetáculo de consolação. Eu tinha certeza que era amor toda vez que mergulhava nos seus olhos, pois era minha alma que se inundava. Não tinha nada igual. Antes de você, eu tentei

insistentemente preencher as lacunas de afeto e delírio que me mantinham em pé. Depois de você, eu estive transbordando sentimentos desgovernados que carnavalizam meu coração o ano inteiro em clima de paixão e samba.

Nunca entendi como o desamor nos invade do dia para a noite. Ou como diziam ser possível que fosse amor a qualquer custo e, depois, esquecimento a qualquer preço. Até que senti na pele a necessidade compondo um formigamento intenso em mim. Eu precisava de mais do que você tinha a me oferecer. Eu precisava de mais do que você. Enquanto eu perdesse a razão a cada sorriso e a coragem a cada afago, seria impossível me desvencilhar de ti. Se te deixei, entenda, não foi por medo. Mas. por te amar demais. me perdia em pequenos segredos. Nunca me pareceu certo que qualquer destino ou desafeto valesse arriscar quem éramos por completo. Quando for amor, que seja merecido, não imposto. Que seja dividido, não cobrado. Que seja único, mas nunca sozinho.

Chega uma hora que a gente tem que ser racional, sabe? Pensar no que vale a pena insistir e no que vale a dor de perder. Mas a gente nunca quer que isso seja sobre a gente. A gente quer que o amor supere. A gente insiste em acreditar que pode passar por cima de tudo, inclusive de nós mesmos. Não podemos. Aos poucos, descobri o conforto do apreço mesmo à distância. Às vezes, não deixa de ser amor, mas isso não quer dizer que ainda seja nosso. Eu aprendi a sobreviver, mesmo naufragando em minhas próprias inseguranças. Eu aprendi a navegar em repentinas metáforas de coração aberto, e fazer de todo ponto final um recomeço, mesmo incerto. Eu conheci alguém no seu lugar que me traz um infinito de possibilidades e promessas esperançosas. Conheci alguém que bagunça minha rotina, surrupia minhas memórias e me arrebata diariamente em puro êxtase. Conheci alguém no seu lugar para me acompanhar mesmo contra minha vontade. Conheci alguém no seu lugar chamado saudade.

“Paixão acontece, não se explica. Mas o amor é uma decisão. Você escolhe amar uma pessoa todos os dias, inclusive nos piores. E especialmente quando ela não sabe se amar.”

@BENDITACUCA

149º dia

À medida que amadurecemos, fazemos escolhas mais sensatas e nos cobramos uma estabilidade (emocional, financeira, profissional) inalcançável. Queremos ser acerto, correção, direiteza. Endurecemos nossas ideologias e procuramos, muitas vezes, quem reforce nossas opiniões e não nos acrescente divergência ou confronto. Até certo ponto, isso pode ser uma mera compatibilidade de interesses, mas também pode ser pura covardia. Nem sempre quem julgamos ser a pessoa certa para nós é, de fato, a pessoa de quem precisamos.

Estou em constante mudança, travando batalhas internas para me reconhecer todos os dias. Às vezes, o espelho não reflete o que vejo, me desespero e busco mais de mim além do que a vista alcança. Talvez você não perceba isso nas pessoas ao seu redor porque, assim como eu, cada uma delas tenta camuflar suas dores com gargalhadas histéricas e abraços prolongados.

Se nós dois não estávamos na mesma página, não havia relação. Se você não respeitava o tempo que eu lhe pedia, você estava me ancorando. Amor é complacente mas, sobretudo, empático. Se limitamos nossa capacidade de compreensão sobre as necessidades do outro, nos tornamos egoístas. Fechamos nossos olhos para o infinito que nos preenche por dentro quando, na verdade, deveríamos nos esforçar para enxergar os valores que caminham lado a lado com nossas perspectivas, planos e ambições de um futuro a dois.

Cite um casal que apenas por se gostar demais permaneceu em harmonia por tempo o bastante. Tudo dá certo por um período, mas para uma vida, uma história e, principalmente, para sempre, o parâmetro é outro. Qualquer um serve pra quem não sabe o que quer. A pessoa certa nada mais é do que alguém disposto. Não tem estereótipo e talvez sequer consiga seguir as normas de etiqueta à mesa. É aquela pessoa que vai falar algumas bobagens

que nos tiram do sério uma vez ou outra, assim como algumas amenidades que nos fazem sentir bem. É aquela que vai errar e nem sempre encarar seu erro de frente, mas vai se importar o suficiente pra tentar consertá-lo. Paixão acontece, não se explica. Mas o amor é uma decisão. Você escolhe amar uma pessoa todos os dias, inclusive nos piores. E, especialmente, quando ela não sabe se amar.

“Eu continuo aqui, fazendo o mesmo caminho só pra ver se a gente se esbarra. Só pra ver se você, me vendo assim do mesmo jeito, se lembra que um dia já me amou.”

156º dia

Que saudade da porra que estou sentindo de você. Não é amor, nem paixão, tampouco exagero. Isso tudo passa, mas esse aperto aqui no peito, não. É só saudade, falta. Ou talvez loucura. Quero te ligar agora, mas não tenho nada pra te dizer. Tudo já foi dito, tudo já foi feito. Mas só queria ouvir tua respiração do outro lado da linha e saber que você se importa a ponto de me atender. Mas eu nunca vou saber porque, por mais que tenha decorado seu número, enterrei minha coragem depois do nosso adeus. Aliás, seu adeus, porque, por mim, você sempre terá boas-vindas. Você é meu “pode entrar” na minha vida, meu “fique à vontade” no meu coração, a casa é sua. Sempre foi.

Mas tudo o que era rotina se tornou saudade. Amava o bem que você me fazia sem perceber. Não era aquela coisa ensaiada de filme de comédia romântica em que se esperam serenatas exageradas ou declarações em público. Era quando você ajeitava meu cabelo e me fazia perceber que estava atento a cada detalhe em mim. Era quando você tocava o meu braço enquanto conversávamos em uma roda de amigos só pra me provar que não bastava estarmos perto, tínhamos que estar juntos. Amava quando você me tirava o sono com as lembranças do nosso beijo e me fazia acreditar que a realidade podia ser muito melhor que qualquer sonho. Amava quando me ligava a qualquer hora do dia e dizia que não aguentaria esperar me ver pra

contar a novidade. Porque éramos melhores assim, afinal. Sendo dois, e não um.

Eu sei que vou demorar pra te superar, eu sou assim. Mas esse é o problema: se eu desistir agora, vou estar mais perto de te esquecer e, principalmente, de esquecer o que eu estou sentindo neste momento. E eu não quero, simplesmente não quero seguir em frente. Eu me vejo sem você e não gosto antes mesmo de saber se consigo.

Eu continuo aqui, andando pelos mesmo lugares, fazendo as mesmas coisas. Ainda tenho os mesmos amigos que insistem em perguntar por ti toda vez que nos falamos. Ainda respondo que não sei, não tenho te visto, e disfarço a vontade de saber até quando. Ainda saio sem chinelo do banho e deixo tudo encharcado. Já me aconselharam a mudar de ares, conhecer gente nova, viajar, mas são esses mínimos detalhes que ainda fazem quem eu sou. E se eu mudar a rota e me perder, como você vai me achar? Eu continuo aqui, fazendo o mesmo caminho só pra ver se a gente se esbarra. Só pra ver se você, me vendo assim do mesmo jeito, se lembra que um dia já me amou.

Que saudades da porra de você. Talvez você nunca saiba, mas, talvez, quem sabe, você encontre esta carta.

“ Quanto mais aprendermos, quanto melhores formos e quanto mais abrirmos mão da responsabilidade pelo que não podemos controlar, mais perto vamos estar de encontrar alguém que, simplesmente, queira dar certo tanto quanto a gente.”

@BENDITACUCA

163º dia

Já nem conto nos dedos quantas vezes me culpei, aceitei a premissa de que eu também havia errado, de que minha parcela de vacilos continha um peso que nem você poderia sustentar. É mais fácil quando acreditamos que não merecemos o tal do final feliz, sabe? A gente fica achando que se não deu certo dessa vez é porque não nos esforçamos o suficiente, não fomos bons o bastante e que, se tentarmos com legítima vontade, na próxima oportunidade vai dar certo. Acontece que, às vezes, simplesmente não vai dar certo. Talvez porque o esforço não foi recíproco, talvez porque sequer foi enxergado pelo outro lado, talvez porque tenha faltado interesse. Não é uma ciência exata, nunca vai ser. A minha ideia de justiça divina se baseia em um relacionamento em que ambos se beneficiam, se ajudam. Cada qual a sua maneira, claro. E, ainda assim, quando deitam à noite para dormir, têm a consciência tranquila de que, embora tenham feito a sua parte, exigir consideração, respeito ou carinho está fora do seu alcance.

Então, sobretudo, me perdoo. Não deixo a culpa me definir. Prefiro não falar do meu passado, mas também faço questão de não esquecê-lo. Preciso dele para saber quem sou hoje e até das minhas falhas tenho orgulho. Cada partezinha de dor e alegria compõe minha alma por inteiro. Me desfazer de quem sou completamente pra agradar alguém seria um tremendo desrespeito com aqueles que amei e me amaram por quem fui.

Independentemente do quanto eu me esforçasse para fazer a nossa relação dar certo e provar meus sentimentos a você, de nada adiantava. Não estávamos na mesma página. Você não era capaz de ver minha dedicação. O que mantém uma relação não é o quanto a gente gosta de alguém (embora isso seja importante também), mas o quanto isso é recíproco. A partir do momento em que o casal perde o equilíbrio entre o que faz e o que recebe, claramente um dos lados sairá machucado. Não tem como, por mais que tente, um só lado conseguir sustentar duas vidas. Eu que o diga.

E o amor deve prevalecer, dia após dia, independentemente do árduo caminho, do coração calejado e das expectativas latentes, ele deve perseverar. Como uma fonte inesgotável de inspiração que nos faça acreditar até nos piores momentos que vai valer a pena, faz parte do processo. Quanto mais aprendermos, quanto melhores formos e quanto mais abrirmos mão da responsabilidade pelo que não podemos controlar, mais perto vamos estar de encontrar alguém que, simplesmente, queira dar certo tanto quanto a gente. E, cá entre nós, eu preciso de quem me impulsione, inspire, admire, e não de quem é uma bagagem que eu tenha que arrastar.

Se eu não acreditar que mereço alguém melhor e ficar insistindo em fazer dar certo contigo porque quero esperar, essa pessoa realmente nunca vai aparecer pra mim. Porque seria mais cômodo continuar com você, cujos defeitos eu já conheço todos, com quem tive bons momentos, com quem já passei por todo esse blá-blá-blá de se gostar, do que esperar uma pessoa boa que realmente possa me fazer bem como eu mereço nesse momento da minha vida. Porque você já me fez bem, sim. Em outro momento, sabe? No passado. Então eu vou ter que esperar mesmo. Isso não quer dizer que eu vá sentar e cruzar os braços e torcer para que essa pessoa me encontre. Quer dizer que eu vou ter que arriscar uma, duas, dez vezes até conhecer alguém que eu tenha o prazer de dizer “ufa, ainda bem que te encontrei”. Porque essa pessoa existe, sim. Ela não é perfeita, mas é a certa pra mim. Pode ser que não seja a próxima que eu vá conhecer, mas se eu estiver procurando por ela e consciente de que mereço quem me valoriza, eu vou encontrar alguém que faça isso em seu lugar. Fato.

“Cedo ou tarde, a gente percebe que a paz que tanto procuramos está no adeus que não permitimos que aconteça.”

170º dia

“Eu não quero que você me esqueça, confesso. Eu ainda quero ser especial pra você. Mas eu também cansei. Eu não quero passar por todo esse processo com outra pessoa. Eu não quero gostar de alguém de novo. Era pra ser você. Só você. E, sem você, não quero que seja mais ninguém”, dizia a última mensagem que te enviei.

Com você não foi como das outras vezes. Aliás, eu senti vergonha por toda vez em que achei ter gostado de alguém antes de ti. Era como se, por você, aqueles com quem me envolvi não passassem de uma rápida preliminar. Nada se comparava. Eu não queria estar por cima, vencer na disputa de egos. Me apavorava pensar que você fosse apenas uma obsessão ou um passatempo. Porque, se fosse, se por acaso você fosse uma distração à qual me apeguei, então eu não sabia nada sobre o amor. E talvez não soubesse mesmo, porque o que eu sentia era tão intenso que chegava a me assustar. Eu havia entregado as cartas. Tudo o que eu queria era que ficássemos bem. Eu estava com meus sentimentos nus e sem nenhum pudor. Sem medo. Eu queria que você me visse como ninguém pôde ver.

Decidir superar foi uma das melhores e mais dolorosas escolhas que já fiz. Assim como toda perda, me derrubou e, assim como toda fase, passou. E eu sobrevivi, ainda mais forte. Cedo ou tarde, a gente percebe que a paz que tanto procuramos está no adeus que não permitimos que aconteça. Depois de um tempo, eu pude entender que até mesmo esquecer era uma daquelas escolhas capazes de nos mudar pra sempre. Quando o sentimento está

apertado dentro da gente é sinal de que está na hora de abrirmos mão de guardá-lo, pois ele ocupa um espaço que não lhe pertence mais.

Eu não estava feliz ao terminarmos, é claro. Quem fica feliz ao deixar para trás alguém que o coração quer ao lado? Mas eu estava em paz e, por mais que sentisse saudade, eu não trocaria essa paz por nenhuma promessa de quem teve a oportunidade e não soube valorizar. Um dia, eu simplesmente me dei conta de que, ainda que decidisse tentar mais uma vez, não existe essa de “voltar a ser o que era”. Escondem-se as cicatrizes, mas, muitas vezes, a dor persiste calada. É preciso tentar, antes de mais nada, fazer dar certo com uma versão melhor um do outro para que os antigos erros não se repitam.

No fundo, a gente sabe quando alguém se importa. Às vezes, a gente finge que não vê, outras, já finge que acredita. Mas, dentro da gente, sabemos a verdade: quem gosta não esconde. Quem gosta, quando sente falta, vai atrás. Quando quer estar com a gente, procura. Quando se importa, demonstra. Talvez eu estivesse esperando demais de você.

Às vezes, a saudade permanece quietinha dentro de mim e eu juro como acabo me acostumando. Às vezes, ela escorre pelos meus olhos. Mas sentir saudades não é desculpa para tentar de novo, sobretudo se não houver reciprocidade. No fim das contas, não vou guardar rancor. Aprendi a perdoar, mas não quero esquecer. Não por lhe desejar mal, mas por ter aprendido minha lição: o preço da confiança quebrada é o coração partido. Há uma gritante diferença entre uma pessoa que diz que não quer te magoar e uma pessoa que age como quem não quer te magoar. Só uma delas pode me fazer bem e, infelizmente, não é você.

“Um salve para os recomeços que me ensinaram a acreditar que eu mereço mais do que já perdi.”

177º dia

Não posso negar que algumas das pessoas que mais me decepcionaram também desempenharam um papel importante em minha vida: me ensinaram a ser forte. Temos que ser tolerantes quanto às falhas dos outros, afinal, somos igualmente imperfeitos. A questão é conhecer seu limite: se o perdão te leva a um ciclo vicioso de dor, por que insistir? Não é egoísmo, é simplesmente entender que algumas pessoas não valem a pena. Mas que sempre vão existir aquelas que te farão mudar de ideia e, por elas, não podemos nos desmotivar.

Eu costumava pensar que você fosse insubstituível, mas quanto mais o tempo passa, percebo que você me marcou bastante, e não porque me faz falta ou porque me fazia bem, mas porque me ensinou a seguir em frente. Quando você pede para que eu mude e me julga ao invés de me ajudar, claramente não me aceita por quem sou. A pessoa certa pra mim não deve ter medo de me conhecer ou tentar me mudar, muito menos fazer com que eu me sinta trouxa por demonstrar afeto. Esse é o meu filtro. Eu já perdi muito tempo tentando te convencer a gostar de mim e me convencer de que valia a pena. Eu não preciso mudar pra te agradar, eu preciso aprender a selecionar melhor as pessoas com quem me envolvo, isso sim. Amor é quando um quer o bem do outro, já apego é quando um quer que o outro seja outro.

Relacionamentos não seriam tão complicados se as pessoas dissessem aquilo que sentem e ouvissem mais o próprio coração e menos a boca dos

outros. Ou se, simplesmente, não tivessem receio de se arriscar.

Às vezes, para que a gente se sinta bem, temos que afastar algumas pessoas, enterrar sentimentos, quebrar promessas. O único compromisso que a gente tem é com a nossa própria felicidade. Não dá pra ser fiel ao passado e esperar por um futuro melhor. Desapego é não temer ser aquele que saiu perdendo. Se eu não tivesse ficado só, sem chão, não teria aprendido a cuidar de mim, a me reerguer, e continuaria achando que preciso de quem faça isso em meu lugar. Eis algo que eu aprendi: ninguém tem a obrigação de me amar, além de mim. Um salve para os recomeços que me ensinaram a acreditar que eu mereço mais do que já perdi.

“Se te dei amor é porque sempre dou o melhor de mim, não porque você merecia tanto assim.”

184º dia

Dei o meu melhor, disso eu tenho certeza. Foram os erros mais sinceros, o arrependimento mais amargo, os beijos mais doces os que guardei pra te dar. Foram as cenas mais dramáticas que aconteceram, primeiro dentro de mim, e que se repetiram dia após dia até se tornarem reais. Foi a realidade mais linda e dolorosa que já vivi ao lado de alguém. Foram as risadas mais honestas ao soltar disparates, sem perceber que falava sem filtro enquanto estava contigo. Foi o sono mais tranquilo quando permiti que o peso do seu corpo sob o meu me confortasse. Foi a história mais intensa que já escrevi por alguém. E reescrevi em vão milhares de vezes na esperança de mudar o final.

Fiz o melhor que pude e reconheço que não tenha sido o suficiente porque eu precisava mudar, porque eu precisava te aceitar. Eu aprendi tanto sobre mim com você que era como se esse meu lado estivesse desacordado até a sua chegada e ficado desamparado com a sua partida. Agora é ter o peito aberto e, ainda assim, esconder a chave para que nenhum desavisado possa entrar. É chorar de rir e, ainda assim, sorrir chorando ao lembrar de ti. É saber que, muitas vezes, fiz papel de trouxa, dei um escândalo por besteira, agi sem pensar e me contradisse e, mesmo assim, eu cresci.

Dei o meu melhor, mas fiz por mim, disso eu tenho certeza. Simplesmente percebi que eu fazia por quem amava o que precisava que fizessem por mim. Eu era a pessoa que eu esperava encontrar. Depois disso ficou fácil

entender que eu não poderia estar com quem não me desse, no mínimo, reciprocidade.

Porque eu não consigo entender como amar alguém e não querer por perto, como é renegar a pulsação do próprio coração, como é dar as costas a quem segurou sua mão. Porque eu prefiro me despedaçar no fim do que perder a chance de viver como se não houvesse amanhã. Porque um dia não haverá.

Dou o meu melhor, portanto, mereço encontrar quem faça por mim o que eu fiz por ti. E, quando esse dia chegar, eu vou fazer o que você não fez. Se te dei amor é porque sempre dou o melhor de mim, não porque você merecia tanto assim.

“Sempre vale a pena lutar por amor. Desde que não seja só.”

192º dia

Sabe o que eu descobri? Que o amor não pesa nada e que não devemos colocá-lo na balança. Quando a gente procura razões para estar com alguém, acaba encontrando motivos para desistir. É sério.

Veja bem, qual relacionamento, se posto na balança, compensa?

Só vale a pena porque o amor vale a pena, mas temos dificuldade de acreditar nisso a maior parte do tempo. Exceto quando nos apaixonamos mesmo, porque a gente prefere que o mundo se exploda a ter que se afastar de quem a gente gosta. Porque a gente se sente forte o suficiente pra suportar a distância física, maduro o bastante pra lidar com as adversidades e confiante de que é mais feliz assim. Mas quando a gente pensa racionalmente – prós e contras, o que idealizamos e o que temos, o que fazemos e o que merecemos – quase nunca é uma comparação justa. Sempre está faltando alguma coisinha, sempre achamos que podemos mudar algo no outro ou que precisamos mudar algo em nós mesmos. Me parece que o inconformismo é forte indicativo de normalidade entre casais, por mais absurdo que soe.

Eu lembro de reclamar bastante sobre a frequência com que transávamos. No início era enlouquecedor, algumas vezes não conseguimos sequer chegar em casa de tanto tesão. O clima de tensão sexual era percebido por quem quer que estivesse ao nosso redor. Meu deus, como eu amava isso! Com o tempo fomos diminuindo o ritmo. Às vezes, eu me culpava e armava surpresas pra chamar sua atenção, outras vezes, eu apenas me conformava. Confesso que, certa noite, cheguei a sentir alívio por termos escolhido um

filme para assistir e por termos assistido, de fato, o filme inteiro. Sem interrupções, sem pausas, sem amassos. Foi então que meu próprio comportamento me alarmou para um possível problema: será que eu não gostava mais de você? Ou, pior, será que você se sentia igual em relação a mim?

Você sabia que isso acontece com todo mundo? Pois é, eu não sabia. Eu achava que era um problema nosso, exclusivamente nosso. Alguns casais consideram isso vulnerabilidade ou falta de virilidade. Nós éramos um deles. Sentimos tanta vergonha de quem estávamos nos tornando que não admitimos nem para os nossos amigos! Pelo contrário, passamos a competir, sem nos dar conta, com qualquer casal que ousasse demonstrar mais juventude, paixão ou apetite sexual que nós. Pra mim, foi quando começamos a desandar. O princípio do fim.

Eu senti que estava perdendo alguma coisa: uma oportunidade, a minha própria liberdade, um tantinho de mim. Foi quando comecei a me questionar se estava onde gostaria e se estava com quem realmente gostaria. Foi quando comecei a acreditar que já não podíamos viver pra sempre juntos, como imaginamos, daquele jeito. Foi quando deixei meu coração confinado em dúvidas pra quebrar o encanto de que o amor fosse mesmo tudo isso que dizem. E acabei esquecendo do que nos motivou a começar.

Porque, embora eu só tenha me dado conta disso agora, gastei muito esforço e energia somente na intenção de estar ao seu lado. E admito que já lhe culpei por acreditar que você me impediu de chegar aonde eu quero, sem perceber que fui eu quem lhe deu esse poder. Eu permiti que você decidisse a minha vida.

Gostar de alguém é como ter um elástico amarrado em volta da cintura e preso ao outro, em muitos casos. A gente faz de tudo para andar para longe, mas sempre é puxado de volta. A gente nem sente que acaba se limitando ao perímetro que aquela pessoa nos proporciona. Ou então anda em círculos.

Em tese, isso parece terrível, mas, na prática, amamos viver assim. Deus sabe por quê. A gente, muitas vezes, passa a vida esperando por alguém que

também queira nos dar seu elástico. No entanto, algumas pessoas – a grande maioria delas, hoje em dia – preferem cortar o elástico e caminhar sozinhas porque acham que é mais fácil do que aprender a andar na mesma velocidade que outra pessoa, lado a lado. E, dependendo da pessoa a quem estão presas, isso é um fato. O conhecido “atraso de vida”. Mas até que ponto isso é sabedoria ou covardia?

O amor não pesa nada, não devemos colocá-lo na balança da relação. Eu ainda acredito que, apesar de tudo, sempre vale a pena lutar por amor. Desde que não seja só. Foi isso que eu aprendi.

“Uma das coisas mais difíceis que aprendi é que o desapego é uma necessidade. Não evita que o coração seja quebrado, mas impede que quem o partiu uma vez o faça de novo.”

@BENDITACUCA

199º dia

Se eu sinto saudades suas? É claro que eu sinto. Todos os dias me desafio a lembrar dos motivos pra não te procurar. E dói, de verdade. Apesar de saber que racionalmente não faz sentido; não é pra doer, não é pra existir. Não somos um nem metades. Eu estou incólume, por incrível que pareça. Apesar disso, tenho um espaço só seu em meu peito, não consigo comparar a nada que já tive com ninguém. Um dia alguém vai caber ali ou eu vou esquecer; o que acontecer primeiro.

Se afastar ainda gostando te faz perder um pouco a esperança, confesso. A gente acha que quando for amor vai ser tudo diferente, vai desmentir as milhares de histórias que criamos na cabeça. Vai ser simples. Vai só fazer bem. E então descobre que, às vezes, é amor em plena tempestade. É amor entre gritos, promessas e choro. É amor até quando decide ter fim. Apesar de não ser recíproco. É bem egoísta querer tanto alguém assim. Portanto, dói. Mas eu acho que o caminho é esse porque, à medida que isso me machuca, também me faz perceber o quanto não é justo. Não é justo que eu ainda me sinta desse jeito. Que eu ainda te queira, apesar de tantos pesares.

O problema, e só agora eu percebo, é que eu preciso de alguém que goste de mim como eu gosto de você. Preciso de alguém que me olhe com a certeza de que faria qualquer coisa por mim, que pense “que sorte a minha! Entre todas as pessoas, você me escolheu!”. Eu preciso dessa pessoa, entende? Que veio dar sentido a toda essa bagunça que trago aqui dentro. Alguém que não queira competir para se envolver e, pelo amor de Deus, que se deixe levar, que não se reprima tanto. Chega de joguinhos!

Qual é o mal de mostrar o que se sente? Quando foi que nos tornamos essas pessoas, tão preocupadas em impedir o coração de se afetar? Isso é capricho ou trauma? Não, chega disso! Já não aguento mais me fazer de insensível e morrer por dentro. Eu mereço alguém que goste de mim como eu gosto de você. E por isso escolhi a mim ao invés de ti. Então, respiro fundo. Conto

até dez e recomeço. Sei que não tenho culpa. Pior seria se eu me contentasse em ser tão pouco pra você. Uma das coisas mais difíceis que aprendi é que o desapego é uma necessidade. Não evita que o coração seja quebrado, mas impede que quem o partiu uma vez o faça de novo.

“Se eu tivesse a chance de voltar ao passado, ainda assim eu escolheria você de novo. Porque tinha que ser você. Tinha, no passado. Felizmente, meu futuro sou eu que decido.”

206º dia

Você foi o motivo de eu ir embora e também o de eu voltar. Parece piada. Como posso ter saído com tanta convicção de que havia feito a escolha certa, de que não valia a pena tentar de novo e de que ainda era cedo o bastante para que a distância não doesse tanto assim e voltado com absoluta certeza de que essa havia sido a melhor decisão? Pois é. Você. Sempre você.

Foi você desde o primeiro contato, foi você no primeiro beijo, foi você na primeira vez que eu senti a famosa pontada no peito que avisa quando o amor passa, ou melhor, quando o amor fica. Foi você na briga que me fez esquecer completamente meu orgulho pra não dar o azar de te perder. Foi você que me fez te amar, me pedindo pra voltar até quando eu levantava da cama pra beber água. Foi você que me fez acreditar que era isso que eu queria, que me fez mudar meus planos pra te caber neles. Foi você quem eu mais amei e foi você quem mais me feriu.

Foi por você que eu achei ter pagado todos os meus pecados e por você que eu senti gratidão só por ter te conhecido. Foi por você que eu mudei – por mais que eu não goste de admitir – porque me fez enxergar como eu tinha apego a certos defeitos. Foi por você que eu tentei me tornar uma pessoa melhor, não só para você, mas para mim, foi por você que aprendi a aceitar mesmo o que eu não conseguia compreender. Foi com você que eu aprendi

sobre a complacência do amor, sobre a abnegação dos próprios caprichos e sobre o altruísmo de fazer por alguém mais do que já pensei em fazer por mim. Foi com você que eu vivenciei o perdão, que descobri o quanto dói lembrar e como é grande o esforço para esquecer.

Você. Que não se compara a ninguém que eu já conheci, que eu enxergo de corpo e alma, que me faz derreter dos pés à cabeça quando vejo sorrir. Você, que deixa minhas pernas bambas com sua presença. Você, que me deixa de coração mole com sua ausência. Você, que já me fez perder a cabeça tantas vezes; você, que hoje encontro do lado esquerdo do meu peito, em um espaço só seu. É, você. Que talvez não tenha sido o grande amor da minha vida, mas que, definitivamente, foi o primeiro. Foi tudo o que eu sempre quis e, ao mesmo tempo, tudo o que eu evitava encontrar.

Se eu tivesse a chance de voltar ao passado, ainda assim eu escolheria você de novo. Porque tinha que ser você. Tinha, no passado. Felizmente, meu futuro sou eu que decido. Você é inesquecível, mas não insubstituível. Você aí. Eu aqui. Melhor assim.

“A gente precisa estar disposto pra fazer dar certo, pra não se apegar ao passado, pra controlar nossas expectativas, pra aprender com os próprios erros e, sobretudo, pra desistir. Porque, às vezes, nosso coração precisa ter paz, e não ter alguém.”

@BENDITACUCA

213º dia

Dia desses, um amigo meu me confessou que seu namoro não estava lá essas coisas. Minha reação instintiva foi perguntar se ele já não a amava mais ou se não a amava como antes. Ele disse que sim, o sentimento era o mesmo, mas já não estava tão disposto.

E então eu entendi.

Temos mania de questionar o amor que a pessoa sente porque, lá no fundo, acreditamos que isso seja o suficiente. Acontece que "o amor vence tudo" nem sempre está se referindo ao amor ao próximo. Aliás, eu sou a prova viva de quem preferiu se afastar quando sentiu que já não podia dar tudo de si na relação e, muito menos, aceitar tão pouco. Porque o pior que podia nos acontecer não era o término, era insistirmos ao ponto de nos odiarmos no fim. Uma parte de mim reluta em compreender como eu podia gostar de você e, mesmo assim, não te querer por perto. Isso me parece pior do que deixar de gostar. Isso me parece pior do que se decepcionar. Por outro lado, gostar não é o bastante, sei disso. Às vezes, nos apegamos àqueles momentos de alegria pra acreditar que compensam o caos e vamos empurrando com a barriga, torcendo para que no dia seguinte as coisas melhorem como num passe de mágica, até porque, muitas vezes, não entendemos o que houve de errado. Ou melhor, como paramos de dar certo.

Sempre defendi que não vale a pena estar com alguém que não tenha certeza de que quer estar contigo, mas e quando os papéis se invertem? E quando sou eu que não tenho certeza se quero estar na relação? Devo ouvir meu coração ou a razão? Pois é. É difícil se colocar no lugar do outro, se compadecer com suas dúvidas, inseguranças e medos. Quem escolhe o amor, a emoção como caminho, está simplesmente ignorando o outro lado da história, mas não pode exigir que o outro pense da mesma forma. Isso não mede o quanto se gosta, mas o quanto vale a pena para cada um. Não

tem certo e um errado. A verdade é que a gente não tem como saber como o outro se sente, a menos que passemos pelo mesmo que ele.

Mais do que ninguém, eu o entendi.

Estamos todos interligados, precisamos uns dos outros – mais de uns, menos de outros. Então, meu esforço, muitas vezes, também precisa do seu esforço. Eu não posso carregar o mundo nas costas. Ninguém pode. É por isso que cada um de nós carrega um pouquinho – alguns mais e outros menos. E todo mundo está procurando com quem dividir esse peso, com quem tornar de alguma forma essa caminhada mais leve. Mas, no fundo, todo mundo sabe que vai ter que lidar com seu próprio fardo; por vezes arrastá-lo, por vezes escondê-lo. Mas nunca vai surgir alguém que o tire completamente de você. Aliás, minto. Pra mim, essa pessoa foi você, e eu precisei esesperadamente fugir porque você me fazia perder muito mais do que a cabeça e o coração. Eu estava me perdendo.

No fim das contas, é tudo uma questão de disposição, e não de amor. A gente precisa estar disposto pra fazer dar certo, pra não se apegar ao passado, pra controlar nossas expectativas, pra aprender com os próprios erros e, sobretudo, pra desistir. Porque, às vezes, nosso coração precisa ter paz, e não ter alguém.

“Eu queria que você me quisesse por uma vida inteira, e continuava a aceitar estar contigo por uma noite mal dormida. Mas, hoje, da mesma forma que meu coração foi dilacerado, ele se tornou absolutamente mais forte; não se doa em mil pedaços sem reivindicar cada parte.”

220º dia

Se você está lendo isso agora, saiba que é tarde demais. Não sei se faz um dia ou um ano desde que escrevi esta carta para você, mas nada mudou. Disso eu sei. Eu já parti, saí da sua vida tão sorrateiramente quanto entrei. Talvez me arrependa disso amanhã, mas, honestamente, pelo tempo que estive contigo, perdi a conta do calendário. Não sei mais sequer quem sou hoje! A culpa disso foi sua. Mas a culpa não é de todo má, eu que achei que pudesse esperar a vida toda e não pude. Aliás, quem é que pode? Quem é que aguenta tornar a insistência uma concorrência para o coração?

Meu bem, o cansaço me venceu quando bati à sua porta naquela madrugada, quando fingi não te ver dando em cima de outras pessoas, quando, mesmo assim, te deixei despir minha roupa. Eu achava que você me via como um porto seguro, mas muitas vezes não passei de sua válvula de escape. Você não faz ideia de quantas noites esperei ao lado do telefone qualquer proposta presunçosa de ser casual. Eu queria que você me quisesse por uma vida inteira e continuava a aceitar estar contigo por uma noite mal dormida. Mas, hoje, da mesma forma que meu coração foi dilacerado, ele se

tornou absolutamente mais forte; não se doa em mil pedaços sem reivindicar cada parte. Hoje, qualquer coisa é muito pouco, todo mundo é muita gente. Tem que fazer valer, tem que fazer querer. Não te deixei por pouco, eu te troquei pela minha liberdade.

Aprendi que não podia controlar suas escolhas e que, às vezes, ao invés de ter teimado em te provar a coerência do meu lado, deveria simplesmente ter aceitado sua divergência. Aprendi que você não me compreendia sem palavras e que, mesmo quando eu as dizia, você relutava em concordar. Claramente, não estávamos na mesma frequência.

Sinceramente, eu devia ter feito menos, tentado menos, sentido menos. Mas, quando a gente se entrega demais, tende a achar que existe uma fórmula mágica de compensação. Aprendi que isso não existe, algumas pessoas nunca conseguirão ver quem tiveram do lado mesmo depois de perdê-las. Aliás, aprendi muito sobre perda, sabe? Não dói por aquilo que tínhamos, mas peloque nunca tivemos. Dói pelo que gostaríamos de ter, mas acabamos nos acovardando no receio de deixar escapar uma chance. Talvez a última.

Por muitas vezes, me perguntei que chance era essa, se amor era mesmo esse bicho de sete cabeças com o qual lutamos desde quando nos conhecemos. Se iríamos esquecer antigas rupturas quando fizéssemos novas memórias. Ou, melhor, boas memórias. Há algo de sobrenatural e divino em toda história que já ouvimos que nos faz acreditar que para o amor acontecer tem que estar escrito, tem que ser destino. Mas, mais do que nunca, acredito que o destino é puramente força de vontade. Talvez, se tivéssemos dado tão certo quanto eu te pedia, sequer fôssemos nós mesmos. E como poderíamos amar a quem não conseguimos conhecer? Ainda que eu saiba que isso não vai mudar nada, não consigo evitar a nuvem de conflitos que paira sob a minha cabeça me lembrando do que fiz e do que podia ter feito.

Se você leu até aqui, saiba que não volto atrás. Eu achei que pudesse te esperar a vida toda, mas quem sabe o que esperar da vida, afinal de contas? Sinto o que você, talvez, nunca possa entender, de tão forte e contraditório. Agradeço por tudo o que aprendi com você, mas agora sou eu que faço as

escolhas. Posso tropeçar novamente e até cair, mas essa caminhada é minha e sei que sempre vou me reerguer.

Não sei se faz um dia ou um ano desde que te escrevi esta carta, mas te deixei para trás, te deixei livre. E torço para que, logo, aprenda a não deixar quem te ama ir embora. Pode ser sua última chance.

“Não se ensina alguém a ter consideração. A forma como a pessoa te retribui diz mais sobre ela do que sobre você”

227º dia

Eis uma coisa que eu aprendi: ninguém está destinado a ficar com ninguém. Almas gêmeas, em tese, não existem. O que eu já vi – e invejei, admito – foram duas pessoas apaixonadas, aceitando os defeitos, enaltecendo as qualidades, engolindo o choro, reformulando as críticas para que fossem construtivas e diminuindo o tom de voz uma para a outra. Esse esforço colossal felizmente não é da conta de ninguém a não ser dos próprios envolvidos. E quanto mais fácil, simples ou divino eles fazem soar, mais estão dando o braço a torcer por trás. Não se ensina alguém a ter consideração. A forma como a pessoa te retribui diz mais sobre ela do que sobre você. Amor é para dois, para dez, para mil, mas, para uma pessoa só, se não for próprio é mera vaidade.

Bobagem é acreditar que exista uma relação perfeita, sem altos e baixos, sem desistências, sem colidir. O ideal, de fato, seria o meio termo: se está ruim, conserte. Se você fez tudo o que pôde e não melhorou, desapegue. Falar é fácil, eu sei. Mas é essa substancial mania de achar que o amor é feito de extremos que nos faz acomodar. E se você não estiver disposto a fazer a sua parte, como pode esperar que um só lado suporte duas vidas?

À medida que me tornei mais confiante quanto a mim, também me tornei mais exigente. A primeira impressão não é a que fica, aliás, não tenho mais treze anos para julgar o que não conheço. Minhas prioridades sempre irão existir, mesmo que não sejam sempre as mesmas. Isso é normal. Ter opinião, debatê-las e confrontar-se é uma das maiores e melhores

experiências sobre o amadurecimento. Mas hoje eu sei que amor tem que ser galgado, que é tolice entregar o coração de bandeja para a primeira pessoa que aparentar ser o que a gente quer, inclusive porque nem sempre quem a gente quer é a pessoa de quem a gente precisa. Precisamos de quem lute por nós, de quem passe por cima do orgulho, de quem não conte o tempo investido e não tenha receio de fracassar. Acima de tudo, precisamos de alguém que saiba que a jornada importa mais do que o final, alguém que entenda que amor verdadeiro é muito melhor do que a fantasia do amor ideal.

“Eu aprendi que a saudade passa e que não há necessidade de voltar atrás, aprendi que eu sou singular e que você é como os demais. Eu aprendi a me amar como você não foi capaz.”

234º dia

Tinha realmente algo de contagiante em sua risada que eu não conseguia evitar imitar, você sabia. Parecia bobagem, mas era admiração. Eu tinha fascínio por cada detalhe seu, eu te achava diferente da maioria. Mas era eu quem me enganava.

Você me jurou a honestidade que nunca deu. E todos aqueles planos tão bem desenhados não saíram da folha do papel. Eu te pedi fidelidade e você achou que compromisso era esconder do coração o que os olhos não pudessem ver.

Você me ensinou a acreditar em farsas e a contestar verdades irrefutáveis. E todo aquele jogo de palavras, por fim, fez sentido. E as mentiras que eu não quis entender, de tão claras, me cegaram.

Fecho os olhos e ainda consigo te ver ofegante ao entrar no quarto, andando de um lado para o outro, apontando para mim. Meu coração palpita. Quero te abraçar. “Eu não sei como chegamos aqui”, tento dizer, mas você não ouve. Acho que você grita, mas eu não te escuto. Falo sobre o tempo em que éramos felizes na esperança de lhe fazer mudar de ideia, mas não há ninguém. Sou a única pessoa no quarto. Abro os olhos e me pergunto quantos anos eu vivi até o final desse dia.

De novo, lá está você entrando no quarto. Dessa vez, traz rosas na mão e um humilde pedido de desculpas nos lábios. Deus sabe como eu quero te perdoar, esquecer o passado, te conhecer outra vez. Por favor, não me deixe. Mas você já foi. Sou a única pessoa na porta.

Consigo te ver fazendo careta para o sol que nos acorda cedo. Você me abraça, me puxa pra perto, substitui meu cobertor. Sussurra promessas que não pode cumprir ao pé do meu ouvido. Finjo dormir em seus braços enquanto a luz que clareia seus olhos nos ilumina. Em paz, agradeço a minha sorte pela eternidade nesse minuto, mas você não está mais aqui. Sou a única pessoa na cama.

Eu quero ligar pra você, saber quando paramos de dar certo, quem definiu que devíamos terminar. Quero ouvir da sua boca nas mais inimagináveis línguas a certeza do fim. Quero voltar no tempo, desfazer os erros, refazer as malas. Quero te tirar da sua realidade, te trazer dos meus sonhos. Quero acreditar que tudo foi um engano e que vou acordar com seu bom dia de novo, mas você não volta.

Repito tanto a cena do fim em minha mente que já nem sei mais quem terminou. Ou quem eu sou. Tomo medidas drásticas: eu me desfaço das suas esquecidas roupas, das superestimadas cartas. Eu me despeço de seus filmes, de suas bandas e de seu perfume favorito. Desvio do quarteirão do seu trabalho, ignoro a buzina de carros iguais ao seu. E se me vem à mente alguma lembrança sua, eu me apego tanto que abuso.

Tenho que te confessar: eu esperei por tanto tempo uma ligação sua de madrugada que aprendi a brincar de faz de conta e, pouco a pouco, o esquecimento se tornou real. Eu não sou mais a mesma pessoa desde que você se foi. Eu aprendi que a saudade passa e que não há necessidade de voltar atrás, aprendi que eu sou singular e que você é como os demais. Eu aprendi a me amar como você não foi capaz.

“Todo mundo tem alguém para quem não consegue dizer não, e de quem tem que aprender a se afastar para, enfim, descobrir que só pode ter o amor que aceita receber. E não se contentar em ser tão pouco para si mesmo.”

@BENDITACUCA

241º dia

Todo mundo tem alguém para quem não consegue dizer não. Aquela pessoa que, não importa o tempo que passar, ainda dá uma pontada certeira no peito que te desnorteia. Aquela que pessoa que ao menor sinal de reaproximação já te deixa com a boca seca e o coração disparado. A gente até que tenta pontuar o mais rápido possível porque não demos certo, mas só conseguimos pensar no quanto queremos, lá no fundo, que ainda dê. E ainda fantasiamos fazer tudo pra isso acontecer, mesmo que nos falte coragem.

Estive com muitas pessoas em minha vida que nunca me deram certeza. Pessoas que me escolheram, que quiseram estar comigo – e eu quis estar com elas também, juro, você não sabe o quanto. Mas nunca me deram certeza. E, eventualmente, essas dúvidas falaram mais alto que minha força de vontade, que minha maneira racional de prever o que compensa, que minha mania de esperar demais dos outros, e eu passei a me questionar se elas realmente me mereciam.

Não que eu fosse melhor do que elas, pelo contrário. Em alguns casos, a sensação que eu tinha era uma constante incapacidade de fazer alguém feliz à altura. Tem de haver um equilíbrio que faça as atitudes e sentimentos soarem naturais, simples, ainda que não o sejam por dentro, porque é isso que faz com que andemos na mesma velocidade, sem surpresas pelo caminho, nem ruas sem saída. Mas eu continuei tentando porque foi isso que eu aprendi a fazer: insistir. Teve o lado bom, mas, mesmo assim, foi em vão. Sei disso porque quando te conheci – e eu nunca imaginei que fosse você –, eu entendi o que faltava nas outras e o que, como num passe de mágica, transbordava em mim.

Você traduziu a esperança e a insensatez num só sorriso. Você esteve na ponta da minha língua, no sopro da minha memória. Você foi o parâmetro de certo e errado que definiu a minha lista mental de culpa e méritos.

Depois de você, eu sei o que faria de diferente; antes de você, eu sequer sabia quem era. Todo mundo tem alguém que sempre vai mexer consigo. E que a gente fica achando, porque tem mania de romantizar os términos, que aquela pessoa seja o grande amor da nossa vida.

Mas isso está longe de ser uma coisa boa. Uma pessoa que te deixa com as pernas bambas e traz à tona tanto sentimento do passado não pode ser alguém que irá lhe fazer bem. Você me fez lembrar das minhas falhas, salientar os meus defeitos e duvidar que o amor fosse mesmo capaz de superar qualquer dificuldade. Simplesmente porque com você eu aprendi que só gostar não basta, que nem todo esforço é recompensado, que, às vezes, não se faz acontecer quando não é pra ser.

Ter certeza não é só uma escolha, não é só força de vontade, não é só esforço. É como um sexto sentido que não nos deixa dúvidas de que vale a pena. De que valerá a pena mesmo depois do fim. É uma espécie de gratidão e um bocado de sorte. Porque é também o que a maioria das pessoas buscam e não sabem, assim como eu não sabia: que pode existir alguém que nos carregue tão seguramente que a gente sequer tema cair de cabeça.

Todo mundo tem alguém para quem não consegue dizer não, e de quem tem que aprender a se afastar para, enfim, descobrir que só pode ter o amor que aceita receber. E não se contentar em ser tão pouco para si mesmo. Porque essa pessoa que nos deixa com o coração palpitando, com as mãos suando e que a gente não consegue tirar da cabeça, definitivamente, não é a mesma capaz de nos trazer paz.

“Outro dia, o amor passou por mim. Fingi que não vi. Deixa o amor lá e eu aqui. Cedo ou tarde, a gente se esbarra de novo. Estou em uma fase em que posso dizer sem qualquer peso na consciência ‘Calma, fica aí na sua, coração. Vai chegar a hora de te dividir, mas, agora, você é só meu’.”

248º dia

Se tomei a decisão certa só o tempo pra me dizer, mas eu ainda me lembro das erradas que fiz. Lembro do desespero crescente de estar em mais um relacionamento fadado ao fracasso, justificando meus esforços na frase “mas nós nos gostamos de verdade”. O que era esse gostar, afinal de contas? Lembro das promessas irracionais que eu recitava com a convicção de uma criança que tenta evitar o castigo. Lembro que, dentro de mim, eu sabia o quanto era patético pedir chances e mais chances sem qualquer possibilidade de retorno. E, mesmo assim, não fazia nada para evitar.

Outro dia, o amor passou por mim. Fingi que não vi. Não me leve a mal, mas eu já conheci muitos amores por aí. Distribuí oportunidades que certamente sequer foram acatadas. Eu só queria que desse certo, tanto que deixei de lado os pré-requisitos que, geralmente, nos poupam as dores. Até que entendi que ceder faz parte, mas se submeter é loucura. Parece papo de alguém que já perdeu a fé, que ainda está em busca de uma metade que sequer lhe falta. Não é porque minhas prioridades mudaram que eu deixei de lado minhas preferências.

Levei a vida inteira pra ser quem sou e já nem me espanto se amanhã me reinventar outra vez. Eu vivo por mim, seguindo minhas vontades, desviando dos meus medos, e aqui ou ali pegando um atalho da paixão à solidão. Já me acostumei, inclusive, com a angústia de quando ambas se encontram e acabo me vendo só mesmo ao redor de uma multidão. Mas hoje, sobretudo, respeito meu tempo. Não dá pra se recuperar da noite para o dia, honestamente. Como eu poderia fazer bem a alguém quando maltrato a mim?

A gente pensa que entende como isso funciona, mas se perde ainda mais a cada pista. A gente acha que, por não fazer nada de errado, temos como recompensa o gostar recíproco da pessoa a quem nos dedicamos. A gente, no fundo, espera não ser aquela pessoa que gosta demais, aquela que nitidamente estaria disposta a tudo, mas torcemos em silêncio para que tenhamos alguém que seja capaz de fazer isso por nós.

Outro dia, o amor passou por mim. Fingi que não vi. Já cheguei a duvidar do amor mais vezes do que gostaria. Sempre me pareceu uma equação falha em que duas ou mais pessoas que se atraem procuram meios de se repelir. Já acreditei que amor era também vivenciar o medo porque é impossível conhecer tão bem a si mesmo, quem dirá quem temos ao lado. Ou seja, quando não é um tiro no escuro? Às vezes, acho que eu e você não fomos feitos para ficarmos juntos, e daí me pergunto: “será que alguém já foi?”

Quando olho à minha volta está todo mundo tentando se desvencilhar ou não se apegar a uma relação. Temos medo, sim. Medo de sofrer, medo de não sermos correspondidos, medo de ficarmos por baixo. Quem faz dar certo é quem tem coragem. Quem engole a seco os riscos de um coração partido em prol da união de vários cacos. Porque, no fim das contas, estamos mesmo estilhaçados e procurando nos recompor ao menor sinal de compaixão alheia. Não tem segredo, sabe? Se você quer viver esse grande amor, tem que morrer de amores todos os dias. Daí é só uma questão de tempo encontrar quem esteja disposto a enfrentar seus próprios medos por ti.

Outro dia, o amor passou por mim. Fingi que não vi. Deixa o amor lá e eu aqui. Cedo ou tarde, a gente se esbarra de novo. E pode ser que eu acabe

por segurá-lo com as próprias mãos e tente não o deixar ir. Não seria a primeira vez, aliás. E nem será a última. A gente sempre pode investir em alguém, dar atenção para aquela vozinha que nos diz ao pé do ouvido “e se?”. Tudo é uma questão de oportunidade e interesse. Estou em uma fase em que posso dizer sem qualquer peso na consciência “Calma, fica aí na sua, coração. Vai chegar a hora de te dividir, mas, agora, você é só meu”.

“Se pudéssemos ser estranhos outra vez, eu faria diferente. Mas não podemos. E eu sei que se você voltar para a minha vida agora e me machucar de novo, a culpa terá sido minha por permitir sua entrada. É por isso que sigo em frente.”

255º dia

Um dia desses pensei que a saudade fosse me matar. Ela me perseguiu a noite inteira como um predador insaciável. Você não sabe o quanto foi exaustivo reviver essa história até em sonho. Mas resisti e não te dei nenhuma pista de como me senti. Por um lado, tive certeza de que não conseguiria fugir da saudade por muito tempo, por outro lado, tive convicção de que já havia escapado do pior. Cedo ou tarde eu iria esquecer, pois já não colecionava nenhum fardo seu. Eu me achava livre de ti, como um rato engaiolado numa roda se acha dono de si. Mas aí não sei o que te deu na cabeça e você veio atrás.

Se pudéssemos ser estranhos outra vez, eu não teria pressa, não te pressionaria a ser quem eu queria, mas sim quem você quisesse ser pra mim. Se pudéssemos ser estranhos outra vez, eu teria te alertado para não me testar, o tiro sairia pela culatra. Eu adoro um desafio. Eu teria te dito como você me faz sentir e não teria fingido desinteresse. Se pudéssemos ser estranhos outra vez, eu acreditaria em recomeço, em segundas chances, em páginas em branco. Mas não podemos, porque eu ainda lembro como começou. Aliás, eu ainda lembro porque terminou.

Toda vez que eu olho pra você eu sei por que te amo, assim como sei por que te odeio. Eu não consigo esquecer nem qual é o seu sorvete favorito. Eu mudei muito, você também, mas o sentimento não. Ele ainda coleciona nossos beijos, ele ainda planta esperança por onde passa na fé de que você colha em seguida. Se pudéssemos ser estranhos outra vez, eu faria diferente. Mas não podemos.

Quando uma história termina mal acabada, deixa lacunas em branco que preenchemos com nossas expectativas porque temos a sensação de que poderíamos ter feito mais. E a cada vez que nos decepcionamos ou iludimos com as relações seguintes, lembramos daquela – a que poderia não ter acabado – pra nos apegar e até nos culpar por não termos dado certo com as outras.

Imagina que, quando você é criança, tem seu desenho favorito. Naquela fase, tudo tem um tom diferente, encantador. Você cresce e continua achando que ama aquele desenho porque ele esteve presente em boa parte da sua vida, porque ele te fazia sentir bem e, sobretudo, porque ele acabou de uma hora pra outra. Mas se você chegar a assisti-lo de novo, vai perceber que ele não tinha nada de especial, melhor ou diferente dos desenhos que passam hoje em dia. Ou de qualquer outro desenho. E você se desencantaria, se decepcionaria ou simplesmente cairia em si que ele só foi especial porque você se lembrava dele assim. E não porque, de fato, era especial de alguma forma, entende?

O que eu quero dizer é que, quando a relação se estende por muito tempo, tendemos a folclorizar as lembranças. O lado bom é ressaltado, a saudade aperta, a gente chega a esquecer como foi que deu errado. E o fato de ter sido mal acabado, de ter deixado tanto espaço pra palpites sobre o porquê e o fim, é o que torna nossa relação, no máximo, ímpar. O desafio é entendermos que algumas perguntas ficarão sem resposta mesmo. Isso significa que a obrigação de ficar em paz, perdoar e esquecer é exclusivamente nossa. E, francamente, ninguém quer ter tamanha responsabilidade, especialmente sobre seus fracassos. Logo, a maneira mais fácil de nos livrarmos da culpa é colocando-a no outro.

Não adianta vir atrás agora. Você não me quer de verdade, mas está com medo de me perder definitivamente, portanto o desespero falou mais alto. Se pudéssemos ser estranhos outra vez, eu faria diferente. Mas não podemos. E eu sei que se você voltar para a minha vida agora e me machucar de novo, a culpa terá sido minha por permitir sua entrada. É por isso que sigo em frente.

“Mais vale estar só do que imerso em um amor de faz de conta.”

262º dia

Uma coisa que ninguém me disse é que histórias de amor são uma grande fábula, salpicadas de dúvidas compostas em vírgulas. Sendo assim, eu tinha pressa.

Troquei meu cachorro quente de posto de gasolina por sua comida orgânica. Minha manhã de ressaca no sábado pra assistir desenho animado e comer a pizza congelada do dia anterior ao seu lado. Você preferia feijoada no domingo e eu uma boa leitura na beira do mar, mas já haviam me dito que eu não encontraria alguém que fosse exatamente tudo aquilo que eu queria, que eu deveria me moldar, fazer concessões e me doar também. Talvez eu tenha levado ao pé da letra, mas antes isso do que levar um pé na bunda, eu pensava. Ignorei qualquer falta de afinidade, compatibilidade e objetivos em comum. Para fazer dar certo era preciso mais emoção do que razão, eu acreditava nisso.

E se você adorava, eu fazia o que quisesse de mim. Você me via como um projeto, pronto pra ser moldado – e mudado. E o pior era que eu me contentava em ser o fantoche com o qual você quisesse brincar. Chamava isso de cuidado.

Mas não fui completamente vítima nessa história. Pra falar a verdade, eu gostava mais do que devia de bater no peito e dizer que te tinha. Esse mútuo sentimento de posse me fazia sentir ser parte de algo maior, algo melhor do que já havia experimentado. Eu desfrutava o doce sabor da aceitação: ser um casal. O termo composto me garantia a entrada em qualquer grupo social.

Levei um tempo pra aceitar que, na verdade, a minha primeira paixão foi pela nomenclatura, pela fantasia que eu havia criado de que precisava de alguém. Os seus planos para uma vida a dois não eram os mesmos que os meus. Eram seus, eram você, e não eu. “Nós” não conjugava mais meu coração.

Sabe, eu jamais voltei a ser a mesma pessoa, mas tenho me tornado, até então, uma versão melhor de mim: verdadeiramente livre. Eu me encontro a cada esquina, em cada peça de roupa que havia escondido no fundo do armário, na melodia das músicas que eu canto alto, mesmo em público. Não me encabulo com os olhares de espanto por desfrutar de um jantar em minha própria companhia. Estou aprendendo a me bastar. O que eu venho descobrindo ainda não pode ser nomeado nem mensurado e, infelizmente, tampouco dividido. É preciso ser vivido. Mais vale estar só do que imerso em um amor de faz de conta.

“Sou livre para ser quem eu quiser, sem os meios – e as metades – para justificarem meu final feliz.”

269º dia

A ansiedade sempre foi meu calcanhar de Aquiles. O que quer que não fosse como eu gostaria era engolido por uma avalanche de palavras que resumiam um afogamento sádico de “foi melhor assim”. Quem, além de mim, poderia me convencer disso, afinal de contas? Eu procurava conforto nas estatísticas em que os outros se expunham e me esquecia de que nem toda margem de erro é rasa.

Segui à risca o ditado que diz que um amor cura o outro. Emendar o coração me parece ser melhor do que esperá-lo sarar. Eu tinha pressa. Me preocupava tanto com o futuro que meu presente se tornava passado em uma fração de segundos. Presunção demais para acreditar em frases de autoajuda e covardia demais para admitir. Como resultado, me forcei a ter relações que não me pertenciam com um modelo aprimorado de felicidade pairando sob meus planos. Eu pensava que sabia o que estava fazendo e que meu equilíbrio emocional caminhava na mesma velocidade dos meus passos largos. Ou do meu desespero para te esquecer.

Não vou mentir. Depois que eu me acostumei a ter você, encarar a vida só foi como enxergá-la unilateralmente. Meio cinza, meio termo. Às vezes, sinto falta até mesmo de ter quem teime e discorde de mim. E a primeira sensação pós-término não é tão libertadora quanto dizem. Eu não tinha a menor ideia do que fazer com tantos pensamentos aleatórios que não podiam mais ser compartilhados.

Era vazio. Eu acreditava que todo relacionamento era uma espécie de posse de personalidade, gostos, opiniões; sem estar em uma relação, eu nada seria. Então, o quanto antes, tentei outra vez. Importava-me tão pouco com quem eu estava que não conhecia mais a mim. Eu já havia perdido o controle. Eu tinha pressa e não sabia a hora de parar. Atropelava todo descontentamento a dois com a certeza de que tudo – e qualquer coisa – era melhor do que ser um. Relutava em acreditar que um coração inteiro se faz em milhares de pedaços enquanto eu pudesse driblar o sofrimento.

Não sei dizer em que momento cruzei a tênue linha do cansaço sob o medo, mas eu já não suportava me procurar em outros corpos. Em frente ao espelho, só o que eu via era desespero. Se doar sem ver a quem não é o mesmo que ceder por alguém. Um nos divide. Outro nos multiplica. O tempo deveria passar em mim, e não por mim, porque, independentemente dos obstáculos, o amor costuma vir para quem decide ficar. Não adianta se perder em tantos abraços, atar nós e desfazer os laços se ainda se alimentam expectativas em sentimentos efêmeros. Se nem eu sabia onde estava, como podia esperar que o amor me encontrasse?

Agora ando com essa saudade de você para me lembrar porque foi bom, lado a lado com a solidão para me lembrar porque acabou. Uma não existe sem a outra e eu não existo sem as duas. Ter consciência de minhas fraquezas sustenta minhas qualidades. Sou livre para ser quem eu quiser, sem os meios – e as metades – para justificarem meu final feliz.

“Tive notícias suas ontem e, a princípio, isso acabou comigo. Mas isso foi ontem. Hoje, não. E se amanhã doer, vou repetir: ‘Hoje, não. Hoje eu vou cuidar de mim’.”

@BENDITACUCA

277º dia

Tive notícias suas ontem. Não pedi por elas, mas tive quando menos esperava. Ironia do destino pra testar minha fé, aposto. Ontem aquela dor já cicatrizada me formigou por dentro numa pontada fina e profunda que subiu até o céu da boca, e eu contive um grito de socorro. Já tive vontade de perguntar por você, mas só de pensar que estava feliz sem mim, paralisava. Não era egoísmo, era medo de aceitar que você já tinha seguido em frente.

Já imaginei por horas a fio um reencontro nosso sem querer e decorei o diálogo que nunca tivemos. Já desejei que você precisasse de mim pra qualquer coisa, por menor que fosse, porque eu moveria o mundo pra realizar por ti e talvez ganhasse você de volta pra mim. Já supliquei aos céus que colocassem outras pessoas em minha vida e o Universo me ouviu, mas todas elas eu comparei a ti e, aos poucos, perdi a esperança. Ninguém chegou tão perto de mim quanto você. Talvez porque eu tenha te permitido.

Nunca magoei ninguém de propósito, assim como, diversas vezes, sei que não tinham a intenção de me ferir também. É que eu sempre senti demais, me doei demais. Não caibo em pessoas rasas; eu transbordo. Amor, pra mim, sempre foi uma questão de profundidade: cair ou não de cabeça. E eu caio, quebro a cara, me machuco, porém levanto, mesmo cambaleante, ponho um pé depois do outro, ergo o peito e sigo em frente. Nem sempre consigo manter o equilíbrio, mas não desisto de tentar.

E até ontem eu estava bem, eu juro. Encontrei o ritmo do meu caminhar, perdi a pressa, decidi andar a favor do tempo e não esperar uma cura milagrosa. Mas ouvir sobre você e, pior, perceber a forma como isso me afetou me deixou na dúvida se havia te superado. E, sinceramente, eu acho que não. No entanto, assim como você, eu fiz uma escolha. Dessa vez, por mim. Doeu, confesso. Ontem eu tive a sensação de que estava perdendo a chance, e talvez a última, de você. Mas entendi que nada entre nós havia mudado, o que me martirizava era apenas a esperança que eu cultivava por

ti. Ontem eu morri um pouquinho por dentro porque andei engolindo meu próprio veneno. Dei poder de mandar em minha vida ao meu coração e me tornei refém do meu psicológico.

Tive notícias suas ontem e, a princípio, isso acabou comigo. Mas isso foi ontem. Hoje, não. E se amanhã doer, vou repetir: “Hoje, não. Hoje eu vou cuidar de mim.”

“Eu aprendi a me aceitar: meu corpo, meu rosto, meus gostos. Só eu entendo a bagunça que carrego no peito. Não espero pela aprovação de ninguém.”

284º dia

Eu tive que me recompor, sei disso. Foi como se toda a minha vida começasse de novo naquele momento; já não lembrava quem eu era, o que fazia pra me sentir bem, o que gostava de comer. Todas as minhas memórias tinham o seu nome, minhas histórias se confundiam com as suas. Por isso mesmo já cheguei a pensar que fôssemos um. Ledo engano. Se eu tivesse sabido separar quem você era de mim, não teria me sentido metade quando nos afastamos.

Eu conheço esse receio de que o ciclo recomece, o desespero contido de viver em busca do final feliz e sempre dar de cara com inícios. A vontade de gritar pro mundo: “Quando minha vez vai chegar?”. E de me perguntar: e se eu tivesse saído de casa cinco minutos depois, e se eu tivesse sustentado meu primeiro namoro até hoje, e se eu tivesse pintado o cabelo de vermelho… Será que eu ainda estaria aqui? Quando foi que fiz do meu destino um labirinto sem saída? “Já vi esse filme” é tudo o que eu penso a cada história.

Mas, então, percebo que já não confio com a mesma facilidade, não me iludo com elogios falsos, não tento agradar quem não me acrescenta nada. Meu ciclo de amigos está menor, porém indubitavelmente melhor. Eu aprendi a me aceitar: meu corpo, meu rosto, meus gostos. Tenho a minha loucura, me vejo do avesso, não me encaixo no correto. Recito falas

ensaiadas do rascunho de meu romance desfeito, apanho os sonhos que encontro pelo caminho antes que endureçam. Só eu entendo a bagunça que carrego no peito. Não espero pela aprovação de ninguém.

Nem sempre sei diferenciar a pessoa de quem eu preciso da pessoa que eu quero ter, mas faço o melhor que posso. Quem vier terá que me aceitar por inteiro; compartilho minha vida, sim. Mas me dividir? Não mais.

Nem sempre vou sorrir de alegria, nem sempre vou chorar de tristeza, mas farei o que for possível para seguir em frente um dia de cada vez. A minha maior motivação é o que tenho dentro de mim: minhas verdades secretas sobre as razões que me levam a persistir. Temos que reconhecer nossos defeitos, mesmo os piores deles, e aprender a nos perdoar. Então vou dormir com a consciência tranquila, não porque venci o mundo inteiro, mas porque todo dia enfrento meus monstros internos e ninguém sabe. Tenho que ser gentil com os outros, respeitar mesmo o que não consigo entender. Cada um sabe das batalhas que vence dentro de si.

“Depois que a gente entende a necessidade da reciprocidade, fica mais fácil diferenciar quem vale a pena de quem é perda de tempo.”

@BENDITACUCA

291º dia

Parei de contar quantas vezes por dia decido te mandar uma mensagem e perco a coragem quando vejo sua foto. E quantas vezes disco seu número e pouso o dedo no ar antes de te ligar, mas desejo com todas as forças que o Universo conspire para que esteja pensando em mim. Parei de listar seus defeitos porque, ao invés de fortalecer sua ausência, isso fez com que eu me acostumasse a eles e aprendesse a te aceitar.

A parte mais difícil é se conformar. Dói pensar que nem todo o esforço foi capaz de manter alguém, que nem as mais sentimentais declarações fizeram sentido para você. Mas depois que a gente entende a necessidade da reciprocidade, fica mais fácil diferenciar quem vale a pena de quem é perda de tempo.

Parei de dizer aos outros que ainda nos falamos para não ter que me justificar, já que sequer sei por que insistia nisso. Parei de acreditar que ainda vamos nos encontrar e ficar juntos de alguma forma; acho que antes disso acontecer, eu mereço outra pessoa em seu lugar. Parei de me convencer que tivemos algo especial, que você não foi só mais um número em minha extensa lista de tentativas tolas.

É uma espécie de vergonha que se apodera da gente, primeiro dos erros mais antigos, que depois vai se aprofundando nas discussões densas e nos pensamentos que, quando foram ditos em voz alta, perderam a razão. Sentimos vergonha não só de quem fomos, mas das pessoas por quem nos submetemos a tanto e, por fim, das pessoas que nos tornamos.

Parei de tentar entender quando foi que paramos de dar certo; aconteceu aos poucos ou de uma hora para outra? Parei de relembrar o quanto já fui feliz ao teu lado; acho que desgastei minha memória, já não sei o que foi real e o que foi criado. Eu parei de você, juro.

E se me vir na rua, por favor, não me pare. Tenho pressa de recuperar o coração que já havia parado por ti.

“Não sei como doar só um pedacinho de mim; eu sou tudo ou nada. Uma grande bagunça a peito aberto, um colapso nervoso de carinho e cuidado. Eu sou de quem eu puder amar por inteiro.”

298º dia

Senti uma angústia no peito um dia desses, não pensei muito sobre isso e passou. No entanto, no meio de uma conversa falei de você, qualquer coisa sem importância sobre algo que dissera sobre mim, então essa aflição voltou, acompanhada de uma pontada tão profunda que me desnorteou. Era saudade, eu devia ter imaginado. Respirei fundo, contei até dez e engoli meu coração. Não era a primeira vez. Acho que você deve ter sentido algo parecido, mas escolheu vir atrás. Devia ser sua primeira vez, sei lá. Depois nós conversamos, depois decidimos nos encontrar, depois foi lindo. Você disse tudo o que eu sempre quis ouvir. Você admitiu o que eu já havia desistido de saber.

Mas isso aconteceu depois.

Eu precisava que você tivesse dito antes, feito mais, insistido um tanto… antes. Eis uma verdade sobre mim: sempre tive medo dos meus sentimentos. Tive medo de assustar, de afastar por gostar demais. Eu não sei amar pelas beiradas, estou sempre apostando alto, pagando um preço maior ainda. Não sei como doar só um pedacinho de mim; eu sou tudo ou nada. Uma grande bagunça a peito aberto, um colapso nervoso de carinho e cuidado. Eu sou de quem eu puder amar por inteiro.

Então eu percebi quanto do meu agora dependia do seu depois. Eu te esperei por tanto tempo… Depois eu desisti. Vê que ironia? Prefiro as relações que acontecem simultâneas, lado a lado. Algumas deram certo, outras não, mas tive a certeza de que aconteceram quando tiveram que acontecer, tenham elas acontecido pra me ensinar ou para me fazer arrepender. Essas foram as boas histórias que eu tive. Antes. O depois sempre dependeu inteiramente de mim, e assim sigo em frente. Recomeçando. Já é tarde demais pra ti.

“A gente sabe muito bem que é apego a partir do momento em que tem certeza de que não está na mesma página que a outra pessoa depois de ter feito tudo quanto foi possível para mudar essa história. Não é mais o amor que te incentiva a continuar; é a carência.”

305º dia

Outro dia, vi um rosto familiar no meio do bar lotado, mas não lembrava de onde o conhecia. Decidi falar mesmo por uma questão de educação, mas, quando perguntei o nome dele, ouvi o seu. Era seu amigo. E eu, que achava que havia me livrado de você, tenho dado de cara com sua lembrança a cada esquina. Fico me perguntando se você também se sente assim: sem saída. Se você também me vê nas entrelinhas do teu livro de poesia, se você me ouve cantar sem afinação alguma a música que você amava, se você encara a janela do seu quarto e lembra que eu já estive lá, fitando o céu com a cabeça aninhada em seu colo e o coração em suas mãos. Se é a minha voz que te rodeia no silêncio e, principalmente, se meu nome também ainda te faz arrepiar.

Houve um tempo em que isso acabaria comigo, te juro. Eu ficaria mal por dias, me culpando pelo que nos aconteceu. Mas esse tempo passou. E não vou mentir: no fundo, eu não queria que passasse assim. Eu queria que tivesse sido especial.

Eu queria que você fosse especial.

Tenho essa mania boba de romantizar os términos e temer os inícios, de acreditar que a vida é cíclica e que, um dia, teríamos volta. Dizia evitar recomeçar pra não me perder em outra pessoa, mas percebo que quem eu não queria perder era você. Quanta gente boa eu já não deixei escapar pra não ter que te esquecer?

A gente sabe muito bem que é apego a partir do momento em que tem certeza de que não está na mesma página que a outra pessoa depois de ter feito tudo quanto foi possível para mudar essa história. Não é mais o amor que te incentiva a continuar; é a carência, o medo de não ter outra chance, de não ter sido tão importante pra alguém tanto quanto essa pessoa foi pra ti, de cair na escuridão do esquecimento, de ficar só.

Até que me dei conta de que uma música é só uma música, uma rua é só uma rua, um nome é só um nome. E você, só mais alguém. Bobagem minha ter ciúmes de algo que nunca tive! Essa é mais uma das cartas que eu nunca vou te enviar. Você não merece isso, mas eu mereço esse desfecho. Inclusive, o amor que eu te tinha, tenho cultivado em dobro por mim. E sabe de uma coisa? Estou muito melhor assim.

“A gente precisa é se amar muito, se valorizar muito, pra poder se desapegar de quem não nos acrescenta nada.”

@BENDITACUCA

312º dia

Não vou mentir: não tenho pressa de me apaixonar. Eu não quero me perder por ninguém. Sou egoísta, confesso. Mas só eu sei quanto me custa ter força. Relacionamento sério só quero comigo. Ser fiel aos meus sonhos, respeitar meus limites, acreditar nos meus planos e rir dos meus tropeços. Eu estou em paz com a solidão, é sério. Muita gente não acredita, eu sei. Dizem que é desculpa, que é trauma, que só digo isso porque me amargurei. São essas pessoas que temem ficar sós.

Talvez o mais difícil seja focar em si mesmo. Quando eu me deito pra dormir e você me vem à cabeça, quero desesperadamente seu cheiro, seu toque… Então levanto, me olho no espelho e me pergunto o quanto eu quero de mim e o quanto eu quero você. Eu me escolho todos os dias e escondo a falta que você me faz. Acontece que eu já caí nessa de achar que você valia a pena e tive cada pedacinho de mim pairando sob a esperança de que podia ser seu. Teve lá seu lado bom, eu sei disso. Aprendi muito. Mas só quem sabe o que é se ter completamente consegue entender quanto vale cada fragmento desse.

Mas vou confessar: venho tentando ser forte, pois ficar só também cansa. Às vezes, eu quero desabar nos braços de alguém, quero ter apoio e até quero sofrer, me sentir em frangalhos. Ou simplesmente sentir algo. Mas só às vezes. Na maior parte do tempo, aprendi a fazer da solidão uma aliada. Tenho mais foco, mais determinação, tenho controle de minhas decisões e pensamentos. Já cheguei a pensar que não tinha espaço na minha vida pra mais ninguém, que eu não tinha tempo para me importar com alguém, mesmo se quisesse.

Talvez eu escolha o caminho mais covarde, aquele que me poupa das dores. Mas às vezes a gente precisa dar uns passos para trás antes de seguir em frente. Não adianta insistir em romances falhos e amores tão elásticos que se perdem em sua definição. Já aconteceu comigo uma vez e me pegou de

surpresa. A gente não imagina quem vai mudar nossa vida ou, quando supõe, investe nas pessoas erradas.

Francamente, de amores pequenos, rasos e paixões passageiras, já me enchi. Nesses casos, essa solitude se faz um completo alívio. Vou de encontro à minha paz de espírito e fico. Sem arrependimentos. Não acho que valha a pena lutar por pouco, se doar por menos, se entregar sem reciprocidade. Não acho que tudo aquilo que faça o coração bater simplesmente valha a pena. Às vezes, é só saudade. Às vezes, é só vontade. Ou carência. Mas nem toda falta que se faz é amor de sobra.

Melhor eu nem me preocupar, sabe? Cedo ou tarde, a gente se esbarra outra vez e, enquanto isso, travo uma batalha interna em que às vezes venço e às vezes me perco. Faz parte. Estou à procura do melhor de mim e ninguém pode me achar em meu lugar. Nada me vale mais do que isso, portanto deixo a paixão de escanteio. Não vou me envolver com quem não me merece. Pensando bem, não é covardia coisa nenhuma. A gente precisa é se amar muito, se valorizar muito, pra poder se desapegar de quem não nos acrescenta nada.

Eu fiz a minha escolha. Agora tenho ciúmes de mim, sabe? Quero cuidar primeiro da minha paz, me ver crescer, me orgulhar das minhas dores, de antigos amores. E se no meio do caminho eu encontrar alguém que me respeite, vou ter o maior prazer em compartilhar tudo o que aprendi. Por enquanto, eu quero ficar só. Comigo. Sei lá, talvez você não me entenda, mas só eu sei o tempo que levei para aprender a gostar de mim.

“E a vida funciona assim: a gente tem que buscar quem se encaixe na gente. Não adianta nos dedicarmos a um relacionamento unilateral, é como se quiséssemos a todo custo desdobrar um coração que não faz questão de ser nosso.”

319º dia

Já haviam me falado que seria assim: uma atitude muito menor do que aquela que eu vinha esperando, que muitas vezes chamei de sinal, e eu simplesmente saberia que nada mais seria igual. Jamais souberam me dizer quando viria, de que forma iria se manifestar. Por isso, a cada chance desperdiçada eu procurava listar os contras e nutria aos poucos o que eu achava ser minha defesa contra você. Mas nada parecia ser forte o suficiente ou doloroso o bastante pra que eu quisesse realmente desistir. Eu acabava dando um jeito de ressaltar nas entrelinhas o que pra mim ainda valia a pena em ti.

Não sei quanto tempo isso durou; ao seu lado, não mais que um segundo, longe de ti, uma eternidade. Não sei dizer quanto de mim era coragem e quanto era loucura, mas eu insistia sem nem me dar conta do esforço que envolvia. Eu, que me torturava na demora de te responder, pensei em todas as possíveis formas de falar da maneira mais clara o que eu estava sentindo. Eu achava que, se falasse dos meus sentimentos, se tentasse te explicar a intensidade, você iria se sensibilizar, iria ceder. Achava que, quando gostávamos muito de alguém, esse alguém gostaria nem que fosse um pouquinho da gente de volta, apenas como um gesto de gratidão.

Mas não é assim que funciona, muito pelo contrário. Quem já esteve do outro lado reconhece essa sensação: um misto de aflição e impotência. A gente quer que a pessoa pare, que se ponha em nosso lugar, que enxergue as coisas pelo nosso ponto de vista. E quando ouvi aquela voz tão familiar me soar completamente estranha, soube que havia te superado.

Eu tinha todas as respostas possíveis e perfeitas para aquela situação na ponta da língua, mas de repente eu me dei conta de que qualquer que fosse a sua desculpa da vez ou réplica ao assunto, eu já não tinha interesse. E todo aquele infinito de dúvidas que me trazia aflição deu lugar ao completo nada. Não sei se você já sentiu isso, mas sabe quando você tem tanto a dizer que nada merece ser dito, porque a melhor das hipóteses já não lhe parece tão boa assim? E, então, você não sente vontade de dar uma palavra sequer, porque nem isso vale?

Eu precisei me libertar de quem nós poderíamos ter sido juntos pra poder aceitar quem somos separados. Por mais que você tenha me magoado, também me deu a chance de recomeçar. Mais forte do que antes. Eu não tenho razão para nutrir nenhuma esperança do passado, portanto sou livre. Nunca é fácil sair de uma vida quando a decisão não é minha, mas pior ainda é forçar a entrada em uma porta que já está trancada. Sempre é uma aventura morar em outro peito porque, não importa o que façamos, outras pessoas já deixaram suas marcas. Temos que lidar com o passado, com o fracasso e o apego que nem sequer foi nosso. E aprender a respeitar o que foi perdido com a nossa chegada pra valorizarmos a estadia. Bom é amar sem esperar nada em troca, sem haver discussão, pressão, cobrança. Bom é amar de graça, sem amarras. Mas a gente insiste em amar na rédea curta por medo da distância.

E a vida funciona assim: a gente tem que buscar quem se encaixe na gente. Não adianta nos dedicarmos a um relacionamento unilateral, é como se quiséssemos a todo custo desdobrar um coração que não faz questão de ser nosso. Do que vale essa insistência, afinal?

Quanto de mim era teimosia e vontade de estar contigo e quanto era apenas meu ego ferido? Cedo ou tarde, eu aprendi que preciso mesmo gostar de mim, cuidar de mim, me respeitar acima de todas

“Às vezes, é preciso frear as emoções, travar o passo e se perguntar a direção. Talvez o que a gente vem buscando nos outros seja também aquilo que nos falta.”

327º dia

Quando fiquei só, eu tive que descobrir o que me fazia bem, como me reerguer em dias tristes, como gargalhar sem motivo. Foi como se eu tivesse a chance de, pela primeira vez na vida, ter um encontro comigo. Exceto que, gostando ou não do que visse, teria que aprender a lidar com isso. E só assim eu pude entender que, se nem mesmo eu pudesse me aceitar e me perdoar, como poderia esperar que alguém o fizesse?

Ao mesmo tempo em que foi doloroso, foi libertador. Assumi o controle da minha solidão, não sentia mais a necessidade de curar um “amor” com outro. Nem de agarrar toda oportunidade de um novo romance, porque eu não tinha mais medo de ficar só. Eu estava bem E estava só. Duas orações independentes que se interligam e não se submetem. Talvez resultado do quanto já pedi aos céus por uma luz. Quando eu estava com alguém, sentia que era uma escolha absolutamente minha, racional, até mesmo egoísta. Eu já me tinha por inteiro, transbordando de sentimentos, não precisava de quem me completasse. A única falta que eu sentia era de ter com quem pudesse compartilhar o que aprendi.

Dei-me conta de quantas vezes o fluxo havia me levado, saía de casa pra me distrair e, no entanto, estava sempre me perguntando se eu não preferia estar assistindo um filme ou lendo. Porque a gente aprende que não pode se entregar, que tem que continuar lutando, perseverando. Mas não quer dizer

que seja igual para todo mundo. Tem gente que não espera sequer o coração sarar e com ele ainda em pedaços decide amar alguém. Uma atitude tão corajosa quanto precipitada. Tem gente que tem um medo danado de se deparar com seu reflexo no espelho e perceber que ele é dependente de sua reação, e ninguém pode fazer isso em seu lugar. Tem gente que já está tão acostumado a ter uma vida composta que mal sabe falar no singular. Tem gente que não sabe do que gosta porque talvez nunca tenha perguntado a si mesmo.

Temos o caminho acelerado, estamos sempre correndo contra o tempo como se fosse nosso pior inimigo, como se já nascêssemos atrasados para sermos felizes. Às vezes, é preciso frear as emoções, travar o passo e se perguntar a direção. Talvez o que a gente vem buscando nos outros seja também aquilo que nos falta. Talvez a gente evite se enfrentar por ter receio de descobrir o que nunca imaginamos sobre nós mesmos. Por isso, quando ouvimos das pessoas que estimamos algum dos nossos defeitos dito em voz alta nos dói muito mais. Se conhecer dói. Mas se ignorar não é a solução, pelo contrário. A gente precisa se ouvir também, se dar um consolo de vez em quando. A gente precisa se entender ou, pelo menos, não desistir de tentar.

Fiz as pazes com minha solidão, não posso evitá-la. Não quero dizer que vá ser sempre assim, mas só eu sei o quanto me custou aprender a gostar de mim, então mereço estar com quem saiba o mesmo. E não aceitar menos que isso.

“Por você, eu enfrentei o meu medo de me relacionar, eu controlei a minha ansiedade pra não nos atrapalhar, eu apoiei seus sonhos mais absurdos. Mas chega uma hora que a gente percebe que quer o mesmo de alguém, sabe? Não dá pra amar por dois.”

334º dia

Não foi por deixar de gostar de você que eu me afastei, muito pelo contrário. Foi por gostar demais. Eu tinha disposição de sobra pra fazer por você coisas que eu nunca fiz por ninguém. Porque eu também nunca havia sentido aquilo por outra pessoa, então esse sentimento me mudou completamente. Aprendi muito sobre mim e sobre a forma como me relaciono com o mundo. Eu me flagrei em emboscadas de ciúmes, algo pelo qual nunca imaginei passar. Eu me deixei levar pela teimosia. Eu me permiti ser, por você, a intensidade em pessoa.

Aquele amor foi tão arrebatador que agia como um impulso pra que eu quisesse ser alguém melhor, pra que eu me preocupasse em ajeitar a bagunça que trago no peito. Eu engolia o choro pra te fazer sorrir, eu dava tudo o que eu tivesse a você, ainda que ficasse sem nada. Eu mal conseguia controlar a minha vontade de lhe dizer a todo instante o quanto eu te amava. Sua voz era música para meus ouvidos, sua presença iluminava até meus dias mais sombrios, suas conquistas me faziam feliz como se fossem minhas. Sua risada era capaz de tocar minha alma, e eu, inexperiente, me hipnotizava.

Por você, eu enfrentei o meu medo de me relacionar, eu controlei a minha ansiedade pra não nos atrapalhar, eu apoiei seus sonhos mais absurdos. Eu achei que fosse conseguir, te juro. Mas chega uma hora que a gente percebe que quer o mesmo de alguém, sabe? Não dá pra amar por dois. Não quero mais do que eu faço, eu quero apenas o mesmo! Eu quero alguém que seja pra mim o que eu me disponho a ser por você. É pedir demais? Aliás, eu preciso de alguém assim.

Eu preciso de alguém que me veja como a melhor pessoa que já conheceu. Eu preciso de alguém que faça de tudo pra não me perder independentemente de quantas vezes tenha que passar por cima do próprio orgulho. Eu preciso de alguém que venha atrás porque também precisa de mim, porque não consegue ficar longe, porque está morrendo de saudade.

Então eu percebi o quanto esse sentimento era injusto comigo, o quanto eu merecia mais do que isso. Mais do que você tinha a me oferecer. E eu aceitei o fim.

Não vai ser fácil deixar que outra pessoa ocupe seu lugar, mas hoje eu tenho consciência de que mereço mais do que a nossa história. Aliás, mais do que viver no passado. Simplesmente preciso de alguém à minha altura.

Um dia a ficha caiu. Se isso não é o suficiente pra me fazer seguir em frente, eu não sei o que pode ser.

“Então passa. Às vezes, sem que sequer saibamos o porquê, mas passa. E talvez eu passe por isso ainda milhares de vezes. Mas só o amor verdadeiro, amor mesmo, não se conjuga no passado. Não passa, fica.”

341º dia

Foi sem querer que vi você de mãos dadas com alguém no cinema. Sabe o que eu senti? Nada. Engraçado, não é? Há um tempo isso teria me tirado do sério. Juro. Mas você não sabia disso, é claro. Assim como você nunca soube por quantas noites delirei ao acreditar que sua demora em me responder fosse a constante atenção que dava a essa pessoa. Hoje eu reconheço o quanto isso soa absurdo, mas na época dava um print na nossa conversa e mandava a quem quer que fosse preciso até ouvir que você gostava de mim como eu gostava de você. E agora tenho vontade de gargalhar quando te vejo, mal consigo acreditar que já tremi dos pés à cabeça só de ouvir seu nome.

A impressão que eu tenho é de que, um belo dia, eu acordei e não pensei em ti e isso se repetiu por vários dias até que, de repente, me dei conta disso e percebi que havia te superado. Mas a verdade é que, naquela época, eu achava que por ironia o tempo se arrastava, que se eu chorasse muito de uma vez só não sobraria nem uma lágrima para o dia seguinte, que talvez com a distância você sentisse a minha falta.

Ledo engano. Vi dia após dia cada uma das minhas esperanças tornarem-se tolas frustrações. Sem dúvidas, foi preciso tempo, embora eu não saiba

dizer quanto. Não tem segredo, sabe? Quero dizer, a gente tem que se esforçar, é claro.

No início, eu não me ponderava, decorava sua rotina e a dos seus amigos, tentava adivinhar seus passos e casos, criava histórias pra satisfazer minha curiosidade, me mordia de ciúmes. E, no fim das contas, continuava sem você. Até que isso foi se tornando cada vez mais patético, minha razão estava vencendo pouco a pouco a minha vontade de um recomeço. Quanto mais eu via ou ouvia, pior ficava. Insistir no sofrimento desnecessário é autopiedade, evita a saída. Temos o direito de ficar de luto após um término, é normal. A gente só não pode se entregar, porque absolutamente tudo que sentimos naquele momento é passageiro, garanto. Eu achava que esse sentimento ficaria enraizado, sabe? Que você fosse me marcar de tal forma que eu sempre lembraria de ti. Vi você de mãos dadas com outra pessoa e pensei: onde eu estava com a cabeça quando me apaixonei por ti?

Então passa. Às vezes, sem que sequer saibamos o porquê, mas passa. E talvez eu passe por isso ainda milhares de vezes. Mas só o amor verdadeiro, amor mesmo, não se conjuga no passado. Não passa, fica.

“Aprendi a me perdoar para encerrar os ciclos, a acreditar que mereço aquilo que busco para aceitar que quando algo não acontece como eu planejo, ainda assim é o melhor pra mim. É o que eu preciso.”

@BENDITACUCA

349º dia

Às vezes, sem que eu sequer soubesse, me boicotei, me ceguei pelos objetivos e não aproveitei o caminho como deveria. A maior parte da minha vida estive em busca de algo, de alguém ou de mim. Ou dos três, confesso minha ambição. É claro, fracassei tantas vezes quanto foi possível recomeçar. Demorei um tempão pra entender que isso é normal. Foi durante esse processo que amadureci e talhei meu caráter, que abri meu coração e despertei minha consciência.

A forma como enxergamos o mundo é apenas reflexo de como vemos a nós mesmos. Cada um de nós cria sua própria realidade e também seus monstros internos. Nossa empatia é limitada à nossa capacidade de compreensão do nosso redor. Ainda bem que hoje se fala mais – embora ainda não seja o suficiente – sobre se colocar no lugar da mulher, do negro, do pobre, do homossexual, mas ainda assim falta algo. Falta nos colocarmos no lugar de quem está bem ao nosso lado. Por estar em pé de igualdade, acreditamos que tenha a mesma realidade que nós. Mas, sinceramente, não fazemos ideia do que o outro está passando a não ser que passemos pelo mesmo que ele. Ninguém nasce desconstruído, a empatia é um trabalho para o resto da vida.

É por isso que julgar alguém é como apontar o dedo em frente ao espelho, por isso que o pouco que fazemos em prol do outro lhe parece muito, por isso que gratidão nunca é demais e bom senso é a virtude mais bem distribuída no mundo; todo mundo acha que tem o suficiente. É por isso também que não existem verdades absolutas, somos cocriadores da realidade. Verdade é uma questão de ponto de vista. É por isso que não nos cabe fazer justiça com as próprias mãos. É por isso, sobretudo, que devemos tratar as pessoas com gentileza. Porque vamos decepcioná-las, porque o mundo nos decepciona. Porque também decepcionamos a nós mesmos. Mas está tudo bem.

Porque só o simples fato de tentarmos ser boas pessoas, mesmo que não saibamos direito como, já nos faz pessoas melhores.

Não vai ficando mais fácil, mas, desde que estejamos em sintonia com nosso próprio coração e vivendo em verdade com a nossa essência, a esperança não nos matará, e o Universo irá conspirar ao nosso favor. Está tudo bem, porque aprender com os erros do passado não é um prêmio de consolação, é cruzar a linha de chegada.

Ainda me pego ligando os pontos de coisas que me aconteceram há 5, 7, 10 anos! E, pior, é cumulativo. Enquanto tento resolver essas questões, surgem novas dúvidas, novos medos, novos planos. Nunca terei todas as respostas, a vida sempre vai dar um jeito de trazer novas perguntas. E então, antes que eu perceba, estarei novamente entregue, à mercê da piedade de Deus, da ironia do destino, da contradição do Universo e da justiça dos homens.

Aprendi a me perdoar para encerrar os ciclos, a acreditar que mereço aquilo que busco para aceitar que quando algo não acontece como eu planejo, ainda assim é o melhor pra mim. É o que eu preciso. É muita arrogância da nossa parte achar que podemos cronometrar nossos planos ao invés de confiar no tempo de Deus. Tive que ter fé no impossível, não matar a esperança mesmo que ela me corroesse por dentro. Também precisei reduzir minhas expectativas, abrir mão de coisas – e pessoas – que me sugam energia, por pior que seja amá-las mesmo assim. Tanta gente boa se esqueceu de que amar só faz o bem. Tanta gente boa está cansada de tentar. Eu não quero ser como elas.

“Onde o ego existe, o amor desiste.”

356º dia

No início, eu só vi o meu lado, não vou mentir. Só conseguia pensar no quanto eu havia sofrido, eu havia feito, eu havia perdoado, eu havia me arrependido. Tratei um relacionamentos inteiro a dois como uma parte de mim, como algo feito para me satisfazer ou então para me provocar. Até que me dei conta de que não sabia o outro lado. Eu achava que sabia o que você pensava ou sentia, mas usava a minha própria lógica para justificar suas falhas. E todas as vezes que me decepcionei ou me iludi foi por acreditar demais no que eu havia criado e não no que acabara de ouvir.

Já nem conto nos dedos quantas vezes me chateei por não ter exatamente a pessoa que eu queria ao meu lado, por achar que todos os meus conselhos eram para o seu bem e não para o meu próprio bem. Para o meu próprio ego. Eu queria que você fosse melhor, não para você mesmo, mas pra mim. Foi preciso um certo tempo passar pra eu conseguir, aos poucos, enxergar com clareza o tipo de relação que havia tido. Uma idealização. Um conto de fadas moderno. Onde o ego existe, o amor desiste.

Se você teria que mudar uma porção de coisas pra ser alguém com quem eu gostaria de estar, eu simplesmente não gostava de você tanto assim. Quer dizer, do seu verdadeiro “você”, entende? Hoje eu sei que a pessoa que eu queria que você se tornasse nunca vai existir. Eu sei o quanto soa egoísta estar com alguém esperando que mude pra que seja melhor pra mim. Hoje, eu sei. A mudança, nesse caso, é uma consequência do amadurecimento de duas pessoas que decidem ficar juntas, e não deve ser o motivo pelo qual elas tentam ficar juntas, sabe?

Porque é isso que o amor faz: nos dá força, paciência e motivação. É transformador, mas não é milagre. Então, às vezes, a gente precisa deixar ir. O amor não é pra quem teme a solidão, e sim para quem ama a liberdade. O amor não é pra quem almeja a perfeição, e sim para quem enfrenta os desafios. O amor não é só dar certo, é também dar errado, dar a cara a tapa e dar a volta por cima. É tentativa, e não conclusão. O amor não é pra metades, é primeiro para um, é pra quem seja inteiro. E só assim, diante de tanta contradição, se faz eterno pelo tempo em que for recíproco. Agora eu sei que o que sentimos um pelo outro não era o bastante.

“A próxima pessoa com quem eu me envolver vai saber como valorizar quem você perdeu, porque agora eu também sei.”

@BENDITACUCA

363º dia

Todas as coisas que eu gostaria de ter lhe dito ficaram entaladas em meu peito. Às vezes, um golpe de adrenalina me fazia planejar por onde começar a despejar meu questionário sobre nós. Mas do que me adiantariam essas respostas agora? Na melhor das hipóteses, se eu tivesse a coragem de lhe perguntar e você tivesse a ousadia de me dizer, ainda seríamos o resto de nós dois. O que sobrou do fim. O que sobrou de você em mim.

E se você estivesse bem? E se você estivesse melhor que eu? Tenho que te confessar: uma parte de mim não suportaria ouvir que você havia me superado. E saído impune. Eu sei o quanto dizer isso em voz alta me faz parecer horrível. Sei o quanto isso me distancia de quem eu quero ser. Mas essa é a verdade. E, pior, ninguém poderia me ajudar a me livrar do peso de termos fracassado, nem mesmo você.

É preciso chegar até o nosso limite e perceber que podemos aguentar mais do que imaginamos para aprendermos que ninguém pode ser responsável por determinar o encerramento de um ciclo em nossa própria vida. Nunca acaba quando termina, mas, se eu me esforçar um pouco, consigo perceber o momento em que realmente foi o fim. Naquele instante em que descobri que você também estava se esforçando pra me esquecer. Olha só, que loucura! Eu, deste lado, pedindo ao tempo para não se demorar e você, do lado daí, pedindo a Deus pra não pensar mais em mim. Até parece que daríamos certo, não é? Por nos gostarmos. Ou só por gostarmos de nós, sei lá. Então eu entendi: duas pessoas, mesmo querendo muito ficar uma com a outra, podem simplesmente não se aturar. Como eu pude pensar só em mim? Só em como eu me senti? Você também detestava viver assim.

Eu já me perdoei, estou tentando melhorar. Se eu tivesse a coragem de lhe contar, você veria o quanto eu mudei. Se você tivesse a ousadia de me dizer como está, eu torceria por ti. Todas as coisas que eu gostaria de ter lhe dito e que ficaram entaladas no meu peito floresceram. Eu vou tirar proveito.

Não tenho dúvidas de que isso me tornou alguém melhor. A próxima pessoa com quem eu me envolver vai saber como valorizar quem você perdeu, porque agora eu também sei.

“Não era pra ser você. Amor não tem nada a ver com a falta que a gente sente de alguém, isso se chama carência. Não era amor. Ainda é. Ou nunca foi.”

370º dia

Eu queria que fôssemos amigos, te juro. Queria que pudéssemos conversar, terminar os assuntos exatamente de onde paramos. Queria não ter perdido o fio da meada entre nós. Até hoje não sei se é a amizade que acaba ao fim de uma relação ou se quando acaba a amizade a relação chega ao fim. Eu queria que fôssemos amigos, mas não sei por que nos tornamos dois estranhos.

Não vou mentir, dei uma olhada em suas fotos e não te vi. Perguntei sobre você e não ouvi uma só palavra sua. Que loucura! Será que nunca foi quem eu pensava ou será que se tornou quem nunca imaginei? Encarei o seu retrato pra ver se algo em mim, qualquer coisinha, por menor que fosse, ainda sofria. Nada, nada, nadinha. Não era você. Quem era você agora? Quem eu era depois de você? Sequer posso dizer que você pensa o mesmo sobre mim se já não te conheço mais.

Eu queria que fôssemos amigos, mas aprendi que amizade não é uma escolha, é uma consequência. Não era pra ser você. Amor não tem nada a ver com a falta que a gente sente de alguém, isso se chama carência. Não era amor. Ainda é. Ou nunca foi.

Eu queria que fôssemos amigos até perceber que teríamos que nos conhecer outra vez. Já não somos os mesmos, então pra que endeusar o passado? Eu

queria que fôssemos amigos porque ainda não havia percebido que vivo muito melhor sem ti. Não te desejo mal, pelo contrário, te desejo tudo em dobro. E boa sorte para lidar com isso.

“Eu te dei tudo quanto pude pra, só então, perceber que merecia quem fizesse o mesmo por mim.”

377º dia

Tive um sonho bom contigo essa noite, estávamos juntos numa ótima fase, como se nada tivesse acontecido. Quando acordei, senti a saudade me atropelar por inteiro. Até a ponta da minha alma foi esmagada com sua falta. Respirei fundo, pensei em te ligar ou mandar uma mensagem puxando assunto, então percebi que quem quer que atendesse já não seria você. Essa pessoa que tomou meus sonhos já não é mais você. Talvez nunca tenha sido. Tinha seu rosto, seu andar, sua fala, mas não tinha suas memórias, suas mágoas, seus traumas. Tinha seu cabelo, sua boca, seu olhar, mas não tinha sua personalidade, sua mente e seu coração. Você ficou lá atrás quando eu desci do carro e você não me impediu. Você ficou lá atrás quando tentei te explicar que eu poderia somar e você não me ouviu. Você ficou lá atrás quando me deixou partir achando que eu sempre voltaria pra ti.

Mas não voltei. Porque eu também fiquei lá atrás. Porque eu também desisti de nós por dentro e lutei de corpo presente. Eu nem sequer sabia o que estava fazendo, vi costume e achei que fosse paixão. Eu também fiquei lá atrás quando desafiei o tempo e relutei em seguir sem ti.

Tive um sonho bom contigo essa noite, estávamos juntos numa ótima fase, como se nada tivesse acontecido. Mas aconteceu, e ainda bem que aconteceu. Te devo uma parcela do meu aprendizado, te devo desculpas pelo que disse da boca pra fora, mas não te devo amor. Quanto à saudade, vira e mexe dá as caras, zomba da minha sanidade, subestima minha força,

então passa, e eu fico. Porque eu te dei tudo quanto pude pra, só então, perceber que merecia quem fizesse o mesmo por mim.

“Aprendi que há duas coisas igualmente maravilhosas: gostar de alguém e ser recíproco e não gostar de absolutamente ninguém. O meio termo é que lasca.”

@BENDITACUCA

384º dia

Já tive medo de ficar só e já tive medo de estar com a pessoa errada. Eis algo que levei um tempão pra aprender: existe, sim, uma medida certa para se relacionar. Já estive dos dois lados e já estive em cima do muro. Quem se doa demais acaba por sentir falta de si, e quem pouco se entrega deixa de fazer falta para o outro.

De uns tempos pra cá, notei algo sobre mim que eu nunca havia sentido: eu estou realmente aproveitando a minha companhia. Quando parei pra pensar, percebi que não queria me envolver com ninguém. Não agora. Estou em um relacionamento sério comigo e me sinto muito bem com isso. Eu me sinto livre de uma forma incomparável a tudo o que já senti, como se o mundo não me bastasse e tantos planos não coubessem em uma vida inteira. Não faz sentido priorizar outra pessoa além de mim.

No início, considerei isso de um extremo egoísmo, quase como uma vingança silenciosa às armadilhas da paixão, e me culpei, mas aos poucos passei a me sentir no controle, como se todos os meus pensamentos e sentimentos me pertencessem, sabe? Eu estou no comando com ideias afiadas, piadas na ponta da língua e um sorriso no rosto. Ninguém mais influencia meu humor. Ninguém mais afeta meu otimismo. Sem esperar tanto dos outros, aprendi a me surpreender ao invés de me decepcionar. Às vezes, sequer me reconheço. Tento achar um pouco de mim a cada dia, e isso é assustador.

Aprendi que há duas coisas igualmente maravilhosas: gostar de alguém e ser recíproco e não gostar de absolutamente ninguém. O meio termo é que lasca. O amor também é tudo aquilo que sentimos por nós mesmos quando aprendemos a deixar de nutrir apego por alguém. Amadurecer é não sentir culpa pelas pessoas que já saíram da nossa vida, mas imensa gratidão por aquelas que ficaram.

De uns tempos pra cá, passei a acreditar na razão de tudo acontecer. Com isso aprendi duas coisas: por mais que eu confie no plano superior, às vezes eu simplesmente não vou ser capaz de entender e, por mais que eu tenha me esforçado ou confie que mereço, às vezes não é o momento. É preciso aprender a aceitar. Talvez esse seja o nosso maior desafio.

Aceitar que não podemos controlar o sentimento do outro, aceitar que, mesmo se dermos o nosso melhor, não é uma ciência exata. Aceitar que o tempo não faz milagre e que esperar de braços cruzados não nos faz superar. Aceitar as perdas, as falhas, as frustrações. E, principalmente, não se sentir menor ou incapaz por terem acontecido, e sim cada vez mais forte por ter vencido. E, às vezes, essas vitórias vêm devagarinho, ganhando espaço em dias nublados, abrindo sorrisos em manhãs quentes. É preciso saber reconhecer os sinais. Não haverá pódio, aplausos nem medalha. Mas o coração vai estar em paz, e a gente simplesmente vai saber, lá no fundo, que encontramos nosso caminho.

“Fiz tudo o que pude pra não desistir de nós, então percebi que esse era o verdadeiro problema. Pois é, agora eu sei que, transbordando amor desse jeito, eu jamais caberia numa alma tão pequena.”

@BENDITACUCA

392º dia

Deixei passar a angústia que senti quando percebi que eu pensava por nós e você por si. Mudei de assunto quando ouvi que teus planos não me incluíam. Resolvi dar tempo ao tempo. Talvez fosse ansiedade. Desprezei a importância de saber através dos outros onde você estava. Fingi naturalidade ao notar que você havia ficado dias sem falar comigo. Fui paciente, persistente e até mais conivente do que gostaria. Eu tinha medo de te assustar, de te colocar na parede e te fazer sumir. Eu não queria me culpar caso você percebesse que não gostava de mim.

Fiz da frase "não tenho o direito de lhe pedir isso" o meu mantra. Porque uma pessoa legal não pega no pé, não liga toda hora, não sufoca, não cobra, não faz barraco, não implica com as amizades. A verdade é que eu estou longe de ser assim. Mas eu quis tentar por você, quis me tornar o tipo de pessoa que você gostaria de ter ao lado.

Já cheguei a pensar que fosse minha obrigação te fazer ficar e não partir. Que eu tinha que merecer a sua escolha. Falando assim, soa absurdo, não é? Mas eu fiz tudo isso, eu juro. Porque eu te quis sem porquê como nunca quis ninguém. E, se Deus quiser, ninguém mais vai querer. Mas, de tanto comparar minha sorte com a das pessoas ao meu redor, percebi que havia dado chance ao azar de me vencer.

Não era pra ser você porque, se fosse, você teria ficado. Porque, se fosse você, eu não teria receio de te ligar de madrugada pra dizer saudade. Se fosse você, eu não teria tirado sua liberdade, mas compartilhado a minha contigo. Se fosse você, eu me sentiria em segurança mesmo na sua ausência, e não com medo de outra pessoa tomar o meu lugar. Se fosse você, eu não precisaria fingir ser o tipo de pessoa que não sou pra ser a escolha de uma pessoa que sequer enxergava o meu valor.

Fiz tudo o que pude pra não desistir de nós, então percebi que esse era o verdadeiro problema. Pois é, agora eu sei que, transbordando amor desse jeito, eu jamais caberia numa alma tão pequena.

“Lamentar a perda é exatamente como lamentar uma segunda-feira. São circunstâncias. Você pode evitá-las e fingir que não existem, mas ainda estarão lá. Cedo ou tarde, você terá que enfrentar. Nunca conheci alguém que tivesse amadurecido sem passar por provações.”

400º dia

Errei a data do seu aniversário. Sério. Mas é bobagem, não é? A gente confunde até o aniversário da mãe. Acontece que eu achava que lembrava tudo, te juro. Essa é a questão: eu achava que ainda lembrava tudo sobre você. E agora não sei o que mais posso ter confundido ou, pior, criado. Se uma pessoa se esquece de como já gostou de outra, mas a outra ainda se lembra, quem pode dizer que nunca existiu ou que simplesmente acabou? Já não sei dizer se esquecer foi uma decisão ou uma consequência, mas sei com absoluta certeza que já não tem mais importância. Acho que tive mais apego à ideia de ter tido uma história com você do que com a história em si. Até porque, convenhamos, passamos longe de ter um final feliz.

A maturidade nos ensina quando passar por cima dos nossos próprios limites pra estar com alguém é um ato de amor ou de desespero. Eu me achava tão inteligente, eu me via tão por cima, eu pensava saber onde estava me metendo. E à medida que procurava motivos pra justificar minha lógica, me via cada vez mais longe de mim.

O que mais eu perdi? Soube que você está diferente, adotou um novo corte de cabelo, até disfarçou o seu andar. Percebi que já não lhe reconheço mais, ainda que esteja bem na minha frente, tampouco pelo que ouço através da boca dos outros. Talvez você não tenha mudado, apenas nunca tenha sido quem eu pensava.

Errei a data do seu aniversário e o que senti foi um alívio tremendo. Já não me causa incômodo algum. Já não me pergunto se devo falar, já não me importo em deixar passar. Lamentar a perda é exatamente como lamentar uma segunda-feira. São circunstâncias. Você pode evitá-las e fingir que não existem, mas ainda estarão lá. Cedo ou tarde, você terá que enfrentar. Nunca conheci alguém que tivesse amadurecido sem passar por provações. Talvez isso tenha sido tudo o que fomos um para o outro: uma fase, um capítulo, mero aprendizado. Agradeço por ter feito parte daqueles aniversários, não retiro uma palavra sequer do que já lhe disse. Mas hoje comemoro por não estar mais ao seu lado.

“Depois de certas perdas, a gente aprende a valorizar as pessoas que querem nos amar, e não aquelas que a gente quer que nos amem. Aprende a cuidar do que é recíproco.”

@BENDITACUCA

407º dia

Já cheguei a pensar que fosse uma clara questão de sintonia, de que a resposta estava no sentir. Já cheguei a pensar que fosse obra de Deus, do Universo e até da astrologia. Toda justificativa é pouca pra quem quer acreditar que tudo conspira pra dar certo, pra ser especial. Mas, verdade seja dita: não importa o quanto haja vontade e esforço, ninguém consegue levar o peso de duas vidas nas costas de uma só pessoa.

Às vezes, bate muito forte na gente e simplesmente não fez nem cócegas no outro. Às vezes, o nosso querer é tanto que a gente também passa a ver somente o que quer. Dizem que o amor é cego, mas, na verdade, o que nos venda são as expectativas. Depois de certas perdas, a gente aprende a valorizar as pessoas que querem nos amar, e não aquelas que a gente quer que nos amem. Aprende a cuidar do que é recíproco.

Às vezes, precisamos aceitar as partidas, a incompatibilidade de interesses ou simplesmente a falta de disposição de cada um. Dar certo é mais fácil do que se imagina. Qualquer um dá certo por uma noite, qualquer um dá certo por alguns dias. Ter futuro é outra coisa. É preciso estar engajado, é preciso ter dedicação.

Tem gente que vai ser especial para mim por pouquíssimo tempo, mas vai. E então eu vou esquecer. Ou substituir. O que acontecer primeiro. Tem gente que se lembra de mim como alguém especial, e cujo nome eu nem me recordo. Paciência. No fim, no fim mesmo, são escolhas. Às vezes, o simples fato de eu acreditar que, cedo ou tarde, vamos ficar juntos é o que me impediria de ser feliz hoje. É como se eu vivesse a minha própria vida como coadjuvante à espera dessa tão idealizada vida a dois. O que fez de você especial foi a importância que eu dei quando te perdi ou quando percebi que nunca te tive de verdade. Amor é uma decisão, o desapego também.

Reciprocidade é intenção, é atitude. Reciprocidade é gratidão, é não deixar passar em branco. Reciprocidade é estar só e sentir-se completo, é estar junto e se sentir transbordar. Reciprocidade é não deixar o sentimento esfriar. É algo que se sente por livre e espontânea sintonia, que não se pode cobrar, que não dá pra ensinar. É a única coisa capaz de fazer o amor fluir, se moldar e, sobretudo, permanecer. Reciprocidade faz qualquer relação funcionar.

“Então acabou. Não o amor, mas a gente. O sentimento vale a pena, mas a gente não. Eu sei ir embora, sei recomeçar, sei te esquecer, te juro. Mas não sei parar de amar você.”

415º dia

Eu sei ir embora. Eu sei entrar na sua vida, me apossar da sua rotina, conquistar seus pais, sei te amar, mas sei ir embora. Sei te querer bem de todo o coração e não querer ficar. Eu sei partir o peito até te caber dentro, partir a cara de tanto me expor a tapa, e sei não voltar. Sei dizer adeus sem falar uma palavra. Sei terminar o que você não soube começar.

Eu sei que não dá mais. Quem gosta também desiste. E quem ama, mais do que ninguém, sabe dizer que acabou. Então acabou. Não o amor, mas a gente. O sentimento vale a pena, mas a gente não. Eu sei ir embora, sei recomeçar, sei te esquecer, te juro. Mas não sei parar de amar você. Portanto, só deixo de estar aqui.

Você pode vir quando quiser; eu vou te ouvir, vou te fazer sorrir, vou me emprestar a ti… A gente se entende, você sabe. Eu sei o que a saudade é capaz de fazer contigo, mas não fique. Por favor, não fique.

Vamos fingir que não houve mal nenhum quando chegou ao fim o que nos fazia bem. Não seja tão exigente consigo, não temos culpa. Ou será que tudo o que temos quando não há mais relação é culpa? Já não sei dizer.

Nem excesso de querer faz milagre. Foi lindo e intenso. Mas foi, e não é. Já foi. Fui embora, mas ainda te tenho amor. Por favor, saiba receber.

“Me amar me fez outra pessoa. Aprendi a me aceitar de novo, a aceitar quem eu me tornei depois de você, sabe? Meus pés estão cravados no chão, mas meu coração, pela primeira vez em muito tempo, suspira em paz.”

423º dia

Confesso que não esperava que viesse à minha procura. Achei, sinceramente, que você fosse dessas pessoas que enterram a história e fingem que não aconteceu. Achei que na hora que se interessasse por alguém iria me esquecer completamente. Então me surpreendi quando disse que sentia minha falta e que faria de tudo pra me reconquistar, quando pediu perdão por coisas que sequer tinha feito. Pois é, como eu lhe disse, minha vida melhorou muito. Eu melhorei muito. Arrisco dizer que essa é a minha melhor fase e, finalmente, consigo aproveitá-la sem me sentir perdendo na corrida contra o tempo. Depois da tempestade que fazíamos juntos, descobri que a calma sempre vem. E, nesse caso, tem andado arrastado, com sorriso espaçoso e a incrível mania de me fazer bem.

Eu estou irreconhecível, juro. Tudo bem que estou me cuidando mais e até cortei o cabelo, mas não é por isso, é porque eu aprendi a recomeçar. Demorei um tempo pra pegar o jeito, admito. Mas logo me flagrei rindo só ao acordar. O amor próprio fez isso comigo. Aliás, o que o amor já fez por mim é mais do que eu poderia pedir. Me amar me fez outra pessoa.

Aprendi a me aceitar de novo, a aceitar quem eu me tornei depois de você, sabe? Meus pés estão cravados no chão, mas meu coração, pela primeira vez em muito tempo, suspira em paz. Ando dormindo tão bem que você nem imagina! Parece que tudo ao meu redor ganhou cores que antes eu não podia ver. Eu sinto amor por onde passo, como se eu tivesse algum magnetismo natural que me faz agradecer cada pessoa que cruza meu caminho. Tenho me focado na minha carreira, investido 100% do meu tempo em mim, e o resultado disso está estampado na minha cara. Quem me vê hoje nem imagina o que eu passei pra chegar até aqui.

Eu me sinto forte, tenho a sensação de estar inquebrável, embora você, mais do ninguém, saiba de quantos cacos se faz meu coração. Estou feliz, te juro. É absurdo isso porque a felicidade é tão volátil que, olhando atentamente, a única coisa que realmente mudou foi a forma como eu me sinto sobre o mundo, sobre mim e sobre você. E logo eu, que nunca quis me envolver, sinto gratidão por você ter me dado a oportunidade de me reinventar. Eu finalmente quebrei minha redoma de decepções.

Não aconteceu assim, de uma hora pra outra, mas veio na hora certa em que pude aceitar que mereço o amor de novo, e não que nasci pra ser só. O amor próprio me fez acreditar novamente em mim. Então, sinto muito se já não consigo acreditar em ti.

“Não é orgulho, meu bem. Nunca foi.
Onde o orgulho habita, o amor não pisa,
sei bem disso. E, sem dúvidas, eu te amei.
Mas não recomendo.”

@BENDITACUCA

431º dia

Você não tem o direito de voltar agora que eu segui em frente. Você não tem o direito de se indispor sempre que lhe questiono o que ainda tenho entalado. Você pensa que pode vir, depois de tudo, e agir como se fôssemos dois estranhos que acabaram de se conhecer? O que você espera que eu faça com tudo o que sei sobre ti? Aliás, com tudo o que sei sobre a gente. Você não tem o direito de subestimar minha memória e enaltecer as partes boas para acobertar as ruins. Tampouco de achar que o tempo foi o pivô do esquecimento, quando só eu sei em quantos porres e em quantos ombros chorei por ti.

Você não tem o direito de bagunçar minha vida com suas promessas, entoando poesia ao pé do meu ouvido. Nem tem o direito de desviar meu caminho para dar de cara com teu retorno. Você não tem o direito de deixar teu cheiro impregnado no meu lençol quando sai sorrateiramente antes que eu possa acordar, muito menos tem o direito de permanecer e me trazer café na cama como se isso compensasse as noites que me deixou em claro. Você não tem o direito de me citar teus fracassos com outras pessoas para exaltar que não encontrou ninguém igual a mim. Você devia ter percebido isso antes, e não reaparecido para pedir outra chance depois de tanto ter feito por outras bocas.

Você não tem o direito de sentar de pernas cruzadas e me olhar como na primeira vez que nos vimos, nem o direito de trazer no sorriso a paz que eu tanto procurei em outro rosto. Você não tem o direito de invadir minha vida agindo como se não tivesse saída a não estar comigo outra vez. Nem o direito de se envolver com a primeira pessoa que esbarrar na esquina e abusar da liberdade como se a saudade não lhe valesse de nada. Também não tem o direito de me tratar como se eu fosse a única pessoa na sua vida, quando ainda lembro o quanto disputei por esse título e, por isso, hoje sequer o quero mais. Eu segui em frente, juro. E, mesmo assim, não sei o

que fazer com essa angústia no peito de torcer pra que, dessa vez, você faça direito.

Apesar de tudo, mesmo você que você negue, você quer estar comigo, e é isso que te incomoda. O fato de eu ter chegado sem pedir licença e ter acampado na sua vida, espalhando minhas tralhas, trazendo bagagens pesadas, impregnando teu lençol com meu cheiro e tuas noites com meus planos. E eu me recusei a sair por muito tempo. No fundo, a gente tem tanto medo de se envolver, de se apegar, do sofrimento em si, que passamos a impedir que qualquer coisa boa comece, para evitarmos seu fim.

Eu não vou permitir que você faça isso de novo e chegue de mansinho trazendo no bolso o sossego que eu perdi da última vez que te vi sair pela porta. Você não sabe por quantas noites desejei que isso acontecesse, nem sabe que todas as vezes que meu celular vibrava, eu só queria que fosse você. Você não imagina de quantas saídas eu tive que me desvencilhar, nem como meu coração disparava toda vez que uma foto sua surgia na timeline do meu Instagram. Você não tem ideia do ciúme que eu senti de todo sorriso seu que não fosse por minha causa. Como você acha que eu vou conseguir engolir isso? Não é orgulho, meu bem. Nunca foi. Onde o orgulho habita, o amor não pisa, sei bem disso. E, sem dúvidas, eu te amei. Mas não recomendo.

É um completo absurdo que você me peça mais uma chance quando sabe exatamente o que é capaz de fazer comigo. Quem você pensa que é para voltar na hora que quiser? Você deve sincronizar seu relógio ao meu e, logo te adianto, está em desvantagem. O tempo passou e você fez questão de não ver. Hoje, você não me é suficiente. Todas as faltas que eu buscava suprir em ti, hoje, transbordam. Eu não precisava de você tanto quanto merecia ter a mim. Se tem uma coisa boa que posso dizer a seu respeito, com certeza, foi o quanto amadureci contigo. Ninguém é de todo ruim, contanto que nos faça melhor.

Não é possível que seja amor o que te fez voltar. O nome disso é carência ou, sei lá, imaturidade. Mas amor, não. Você não quer meu bem, você me quer ao seu lado sem nem mesmo se preocupar com o quanto me faz mal. Isso é posse, sequer pode ser ciúmes. Você podia ter me reivindicado e

nunca fez. É claro que você mexe comigo, e arrisco dizer que é capaz que assim seja sempre, mas eu sei que, cedo ou tarde, as cicatrizes que você me deixou vão parar de latejar. Vai ser assim porque tem que ser assim. Você me deixou livre e agora que experimentei o doce gosto que tem ser independente, não volto a ser sua sombra jamais. Você não tem nenhum direito de roubar minha liberdade, tampouco de fazer tanto mau uso do meu coração. Ponha-se em seu lugar.

“Eu emano a paz na consciência de quem segue dando o seu melhor. Mesmo com o coração marcado por pequenas farpas, eu tenho o sorriso mais tranquilo do mundo.”

438º dia

Não duvide quando digo que já lhe esqueci. É isso o que eu faço: aguento passar pela sua rua mesmo com as lembranças de todas as vezes em que fizemos do porteiro plateia para nosso espetáculo de carinho e conflito. Ora gritos com o dedo empunhado na cara, ora beijos com o coração exposto na mão. Eu suporto a imensidão de uma cama de casal sem lados dispostos deitando-me na diagonal. Eu tiro o telefone do gancho só pra não precisar atendê-lo e descobrir que, mais uma vez, não era você. Eu acredito que mais vale compor um rio de lágrimas do que desembocar insegurança em cada onda de afeto.

Você não sabe quantas vezes eu escondi que me importava demais. O quanto a solidão era devastadora, a ponto de se passar por saudade. Ou o quanto me pareceu óbvio que todas as minhas escolhas me faziam cruzar o seu caminho. Para mim, quando te conheci, estava na cara que era você. Era você a razão de minhas noites em claro com a incerteza do futuro. Era você a angústia no peito que me invadia sempre que dizia “não” a outra pessoa. Era por você que eu guardava as coisas mais lindas que tinha, era por você que não desperdiçava meu amor com mais ninguém. Foi por você que eu aprendi a esperar e a enxergar a beleza na solidão.

Agora você entende o que a sua falta me fez? Eu não vivi nada parecido com isso, não tive sequer tempo. Por ninguém valia tanto a pena tentar de

novo, nem mesmo por você. Mas eu me martirizava pelo que nunca tivemos, pelo que passei a vida buscando e, às vezes, o cansaço era maior que a crença de que esse amor existia. Como eu poderia saber o que encontrar depois de ter te perdido? Mesmo assim, eu sorrio a cada despedida de sua lembrança. Apesar de tudo, eu sei que a gente só sente saudade do que foi bom. E, abusando da sorte, eu tento te abandonar. Eu me despeço das roupas embevecidas com o seu perfume, entorno o choro como cachaça a fim de virar meu mundo. Eu me desfaço em excesso e me refaço ao avesso para não deixar qualquer pista de que ainda te espero na portaria.

Não posso negar, é pura teimosa. Tanto te quis e tanto fiz por te querer que gastei todas as fichas de credibilidade e carisma das quais tanto me orgulhava. Eu apostei tão alto em você que paguei até por mim. Não vou mais ser a mesma pessoa, disso eu sei. Mas não me importa nem um pouco. Eu estou muito mais forte do que da última vez em que nos vimos. Eu emano a paz na consciência de quem segue dando o seu melhor. Mesmo com o coração marcado por pequenas farpas, eu tenho o sorriso mais tranquilo do mundo. Provavelmente, vou tornar nossa pior briga em uma piada interna e debochar da sua sanidade quando questionar minha saudade. Eu rio perdidamente no marasmo entre o medo e o apelo. Posso te querer de volta o quanto for, mas nunca mais do que a mim. Eu preciso me encontrar de novo em meio aos trejeitos que trago de ti.

Não duvide que eu já te esqueci. Nada vai me convencer de que é pra ser você. Talvez nunca tenha sido você. Da próxima vez que me vir, por favor, não insista. Você teve sua chance. Aliás, várias vezes. E desperdiçou cada uma delas. Você conseguiu, você me venceu. Eu não acredito mais que preciso de alguém, sobretudo não acredito que preciso de você. Talvez nunca tenha precisado. Mas, lá no fundo, onde a minha alma palpita a cada encontro, eu ainda tenho esperança de que, um dia, eu dê de cara com quem me faça mudar de ideia. No fundo, eu torço para encontrar alguém por quem valha a pena mudar de ideia.

“A paz que eu buscava estava no adeus que eu não permitia que acontecesse. Eis o que aprendi sobre a desistência: não nos mata, mas, sem dúvidas, nos fortalece.”

446º dia

Foi tão estranho perceber que já não gosto mais de você que quase quis me desculpar por isso. Sério. Bobagem minha sentir culpa por fazer o que foi melhor pra mim! Mas eu estou tão bem, sinto tanta gratidão por tudo o que vem acontecendo em minha vida, que até fico sem jeito de demonstrar isso na sua frente. Passei tanto tempo idealizando que você era a pessoa capaz de me fazer sentir assim, e agora fico me perguntando se, na verdade, não andei boicotando minha própria felicidade ao seu lado.

Foi tão estranho perceber que o sossego que eu buscava com a sua presença foi a sua ausência que me trouxe. Eu estava no caminho errado, definitivamente. Talvez por isso tenhamos andado tanto em círculos, repetindo velhos erros, nos castigando. Não estou desmerecendo nada do que senti por você, muito pelo contrário, só mesmo algo muito forte e verdadeiro pode nos fazer acreditar que vale a pena tanta insistência. Mas, afinal, eu me enganei: não é o sentimento que mantém duas pessoas juntas, e sim uma baita persistência. De ambas as partes, é claro. E uma parte de mim sempre vai sentir sua falta, até porque eu não queria que tivesse terminado dessa forma. Aliás, eu não queria que tivéssemos terminado como se nunca tivéssemos existido. Mas se todo início é difícil, todo final é nostálgico.

É triste se despedir de alguém que significou tanto. Porque foi real e foi único, e foi nosso. Foi tão estranho perceber que isso também não nos pertence mais. Mas, quando eu vejo você, só consigo pensar “que bom que aconteceu!”. Tudo. Eu, você e o fim. Principalmente o fim. A paz que eu buscava estava no adeus que eu não permitia que acontecesse. Eis o que aprendi sobre a desistência: não nos mata, mas, sem dúvidas, nos fortalece.

“O amor que eu conheci contigo está cansado, mas não perdeu as esperanças de renascer. Em outro peito. Em outra vida. Dessa vez, minha, e não mais nossa.”

452º dia

Tanto quis te esquecer que esqueci do que acontece depois do fim. Percebi que tudo o que eu senti por ti havia passado. Aquela confusão de saudade, ciúme e medo deu lugar a um completo silêncio. Tentei encontrar alguma partezinha de mim que estivesse com raiva, aflita ou simplesmente desesperada por te perder e, pela primeira vez desde que te conheci, não havia nada. Quis chorar. Há uma sincera tristeza em seguir em frente que não nos contam. É triste descobrir que seu paradeiro não me interessa mais, que sua presença não influencia no meu humor. É triste saber que quando eu lhe vejo sei que estamos exatamente como deveríamos estar: cada um para o seu lado.

Então, eu tento acreditar que você ainda vai contar comigo se precisar (embora saibamos que você não vai precisar), que não era pra ser (como uma determinação divina, e não o fracasso das tentativas), que não precisamos nos tratar como estranhos (até porque é impossível ignorar o quanto sabemos um do outro).

Mas o que eu devo fazer com a vida que dividimos? Fingir que não existiu? A gente não fala muito sobre isso, não é? Falamos sobre superação, deixar as mágoas para trás, excluir das redes sociais. Falamos até sobre não falar mais disso numa patética tentativa de não nos ouvir dizer em voz alta o que o coração anda gritando por dentro. Mas não falamos sobre o que fazer com

o livro que você me deu: na minha estante me faz lembrar você, na minha gaveta me faz temer você. E se eu te devolvesse? Quer dizer que eu não te quero mais ou que eu nunca estive com você? E quanto à série que víamos juntos? Você estará ali, ao meu lado, quer eu queira, quer não. Como contar uma história sem citar seu nome, como mudar seu nome em uma história sem parecer que ainda gosto de você? Aliás, me perguntaram isso um dia desses. Eu disse que não, porque é verdade. Não gosto mais. Não como antes, não como nunca. O sentimento é outro, a situação é outra; eu também não sou mais a mesma pessoa.

Esse gostar está impregnado no livro, está na música de abertura daquela série. Esse gostar faz poesia para os altos e baixos que vivemos. Vê o lado bom de tudo, ainda quando não se tem mais nada. Esse gostar não me pertence mais. Quis chorar, mas não consegui. O amor que eu conheci contigo está cansado, mas não perdeu as esperanças de renascer. Em outro peito. Em outra vida. Dessa vez, minha, e não mais nossa.

“Eu encontrei o tipo de felicidade que não tinha contigo: a que se manifesta quando a alma da gente, finalmente, está em paz. Ainda bem que o mundo dá voltas.”

458º dia

Sobre as voltas que o mundo dá, aceitei seu conselho; cansei de provar a ti que você gosta de mim. Não devia ser o contrário? Não sei em que momento invertemos os papéis. Aliás, o problema todo foi esse: eu perdi o controle do que seria a sua parte e a tomei como minha. Já havia me convencido do que você sentia por mim e me achava na obrigação de te lembrar.

Sobre as voltas que o mundo dá, percebi que não tinha mais nenhum assunto em comum contigo. Quem diria, não é? Você era o meu único assunto até um dia desses. Mas não me interesso mais nem pelo o que você tem a dizer. Não te desejo mal, entenda… Só não te desejo mais! E agora tudo me parece apenas bobagem, passatempo. Quando te vejo, tenho a mesma sensação de quando atendo uma ligação que foi feita por engano: “pelo amor de Deus, desliga logo esse telefone!”, sabe? E pensar que eu já fiquei sem ar só de ouvir a sua voz, parece piada.

Sobre as voltas que o mundo dá, nunca tive tanta autoestima como agora. Tinha esquecido como elogios me fazem bem ao teu lado. Não devia ser o contrário? Já não consigo tirar o sorriso do rosto nem quando durmo, anda difícil explicar o que vem acontecendo comigo.

Sobre as voltas que o mundo dá, você tinha razão o tempo todo: a gente se deixou levar demais, materializamos um sentimento que deveria ter sido entalhado. Sinto que passamos do ponto. Foi muito esforço para pouca recompensa. Muita cobrança pra pouca consideração. Muita expectativa pra pouca reciprocidade. Não devia ser o contrário? Onde estávamos com a cabeça?

Sobre as voltas que o mundo dá, o que era paixão hoje soa loucura. Depois que passa fica difícil entender porque aconteceu. Ou seja, se já não faz mais sentido, está na cara que estamos falando do passado. Inclusive, andei pagando língua, eu achava que havia mudado imensamente contigo e agora percebo que, na verdade, mudei por sua causa, pra que você me aceitasse, pra que você me quisesse. Mas como eu poderia esperar isso de ti se claramente sequer me orgulhava de mim? Não devia ser o contrário? Essas mudanças deveriam fazer bem a mim, não a você.

Sobre as voltas que o mundo dá, troquei as expectativas pelas pazes com a balança. Cá entre nós, alguém vai se dar bem com o que você perdeu. Troquei a saudade pelo meu filme de amor favorito. Fui aos poucos digerindo a falta por dentro e gargalhando gratidão aos quatro ventos. Não tive mais aquela pontada no peito que me fazia sentir solidão. Ou carência. Ou os dois, sei lá. Quando reconheço o amor em qualquer canto, tudo o que eu sinto é esperança. Eu sei que o mereço, havia esquecido disso também. Eu encontrei o tipo de felicidade que não tinha contigo: a que se manifesta quando a alma da gente, finalmente, está em paz. Ainda bem que o mundo dá voltas.

“Sempre tive asas, mas só aprendi a voar quando me livrei do peso de pensar que eu não poderia ter nada melhor do que já tinha. Ou alguém melhor do que você. E eu tive: a mim.”

464º dia

Aprendi um velho truque na infância sobre superação: eu escrevia o que eu sentia, depois interpretava idealizando um amigo, um ídolo, um sonho – como um discurso de agradecimento por prêmios. Um segundo depois eu já não sentia mais nada. Até hoje não sei dizer se o segredo é escrever ou se ouvir dizer tantas bobagens em voz alta, mas funcionava. E por isso o levei comigo durante anos. Eu dei vida à minha solidão, dei próclise, hipérboles e onomatopeias. Qualquer que fosse minha dúvida, meu medo, meu anseio, por maior que fosse, por pior que fosse, não passaria de um rascunho no papel. Ínfimo, irrelevante. Depois se transformava em um travesseiro, em uma janela chuvosa ou em um diário. O que quer que estivesse na minha frente iria presenciar toda a dramaturgia ensaiada de minhas dores expostas.

Sendo assim, você já deve imaginar como cheguei aqui; até o ponto de narrar nossas histórias para saciar essa minha mania de conclusão. Não posso evitar, sempre idealizei o nosso desfecho.

Não me entenda mal, eu não desejava que fosse assim. Mas, meu bem, com o tempo a gente aprende a não acreditar mais no tempo. Aprende que o passado é uma questão de perspectiva, já que sempre tem quem o faça vir à tona. E que o presente é uma questão de força de vontade, logo sempre tem quem o esqueça e não lute por ele. Quanto ao futuro, não é preciso deixá-lo

nas mãos de ninguém. Nem nas minhas, quem dirá nas suas. Na verdade, já que toquei nesse assunto, o segredo está em abrir mão dele. Ou melhor, em abrir mão do nosso futuro.

Não me entenda mal, eu não desejava que fosse assim. Mas aprendi a me preparar para o pior mesmo esperando que o melhor aconteça. Desculpe-me, mas isso não é ficar em cima do muro. É simplesmente não designar lado a um coração tão maltratado. E eu bem sei que em certas manhãs não lhe poupei das amarguras que guardava no peito. Sem aparente motivo algum, confesso, lhe cuspi deboches, insinuações e prosa. Você se contorcia, se exaltava. Minha recompensa era te ver horas depois se perguntando o que tinha feito de errado.

Não era culpa sua. Quer dizer, talvez fosse criação sua. Mas culpa? Culpa mesmo, não. Aprendi que não se pode culpar alguém por não amar a gente como queremos. De qualquer forma, quanto a isso não guardo qualquer rancor. Até porque eu não aceitei o pouco que você me oferecia. Eu tentei, eu juro que tentei. Podia ter sido mais fácil se eu não achasse que merecia mais. Esse definitivamente era o meu problema: eu distorcia a realidade pra cumprir minha vontade de ser aquela pessoa por quem você mudaria. Mas nem todo ponto transformado em reticência, nem toda dúvida transformada em exclamação puderam evitar o óbvio: ser feliz só acontece no final.

O mais engraçado é que o nosso fim não foi o desenlace de nós dois, por mais que tenhamos acreditado, nos esforçado, nos evitado. Por mais que tenha parecido que de todas as coisas me sobraram só as metades, de todos os olhares a compaixão, de todos os caminhos a sua sombra, eu não acabei ali; eu renasci.

Não me entenda mal, eu não desejava que fosse assim. Eu realmente quis acreditar que nossa história fosse exceção, que batalhamos por algo real. Mas aprendi que, por mais que a gente queira que algo aconteça, isso não depende exclusivamente do nosso esforço. Tem gente que simplesmente não sabe quem tem ao lado. O nosso fim era inevitável. Eu vivia à beira do abismo entre tudo o que eu podia ser e tudo o que você me permitia ser. Sempre tive asas, mas só aprendi a voar quando me livrei do peso de pensar que eu não poderia ter nada melhor do que já tinha. Ou alguém melhor do

que você. E eu tive: a mim. E se agora te escrevo é porque não sinto mais nada. Nem mesmo sua falta.

“O amor é, sem dúvidas, a força mais poderosa do Universo. O amor transcende o tempo, as mágoas, o nosso próprio ego. O amor sobrevive. Mas o amor não te leva a lugar nenhum, o amor é o que te faz ficar.”

@BENDITACUCA

470º dia

Todo mundo tem esse amor que não consegue esquecer, que usa para medir a intensidade de seus sentimentos, que às vezes lhe faz desejar passar por tudo aquilo de novo e às vezes lhe faz temer perder tudo aquilo outra vez. Todo mundo tem esse amor que foi sincero e lhe ensinou uma porção de coisas, que foi desastroso e lhe mostrou a culpa.

Todo mundo tem esse amor que não morreu mesmo quando chegou ao fim, que ainda martela em seu peito, que lhe confunde a cabeça. Todo mundo tem esse amor que foi amor desde o primeiro encontro e não deixou de ser depois do último beijo. Esse amor que nos faz acreditar em anjos e demônios, que nos faz acreditar que ambos vivem dentro da gente. Um amor tão forte que nos faz ter fé no impossível e se esquivar da solidão.

Todo mundo tem esse amor que maltrata a gente só de passar na nossa frente, mas a gente sorri e segue em frente porque já se acostumou a disfarçar a falta que essa pessoa faz. Todo mundo tem esse amor e quem não tem ainda vai ter, porque só depois de nos sentirmos tão vulneráveis diante de um sentimento é que conseguimos entender o infinito que cabe dentro do peito. Esse amor que nos abre os olhos, esse amor que nos entorpece a mente. Todo mundo tem esse amor que, entre altos e baixos, nos apresenta a felicidade contida em um sorriso, que passamos o resto da vida buscando sentir só mais uma vez.

Aprendi, talvez da forma mais dolorosa que o ser humano conhece, ao perder alguém que eu verdadeiramente amava, que o amor resiste. O amor é, sem dúvidas, a força mais poderosa do Universo. O amor transcende o tempo, as mágoas, o nosso próprio ego. O amor sobrevive. Mas o amor não te leva a lugar nenhum, o amor é o que te faz ficar.

Um conhecimento que não veio da noite para o dia, diga-se de passagem. Levei anos pra perceber que mesmo um sentimento sincero que se moldou a

cada uma de minhas fases, numa tentativa desesperada de trazer para o presente alguém do passado, não era o suficiente. Ainda que fosse recíproco. A única coisa mais bonita do que um casal que faz de tudo pra ficar junto é um casal que, por gostarem muito um do outro e terem consciência do quanto se machucam, reconhece a hora de parar.

Às vezes, à medida que nos esforçamos pra dar certo com alguém, deixamos de nos priorizar. E essa é uma das piores formas de aprender que o amor de ninguém pode suprir a necessidade de quem não ama a si mesmo.

“Sentir saudades não é querer de volta”

476º dia

Vi você com outra pessoa ontem. Olhei bem para vocês, dos pés à cabeça. Pensei em como me viam. Eu estava impecável, sabia disso. Quis sentir raiva, te juro. Procurei um defeito pra me apegar. Tentei pensar que havia uma certa rivalidade entre nós: passado e futuro frente à frente. Ou que essa pessoa contigo estava me xingando mentalmente e que isso me daria um motivo para odiar, mas não consegui. Não fazia o menor sentido. Eu sei que dividimos a mesma boca, a mesma cama, a mesma família. Será que você conta as mesmas piadas ou evita pra não ter a chance de lembrar de mim? Será que dividimos o seu peito ou só havia espaço pra uma pessoa? Acho que isso cria uma certa intimidade entre dois estranhos. Temos uma vida em comum que sequer é a nossa.

Quis sentir raiva, mas tudo o que senti foi uma espécie de gratidão. Eu sinto saudades de você, mas não te quero de volta. Desejo de todo o coração que você esteja bem. Mas não te quero próximo a mim. Eu sinto, sobretudo, alívio por ter saído de um relacionamento que me puxava pra baixo. Estávamos desgastados demais. Eu precisava da chance de me resgatar, de acreditar que eu merecia ser feliz por inteiro com alguém que não me deixasse dúvidas. Alguém por quem o esforço não parecesse um fardo, alguém que fizesse valer a pena. E isso só aconteceria quando eu decidisse seguir em frente, respeitando o passado que tivemos, mas sem deixar que isso me definisse. Eu não tinha porque sentir raiva de vocês. Não fazia sentido. Eu estava feliz demais com a esperança pulsando nas veias, com aquela plenitude de ter feito a escolha certa. Não tem como eu me importar com sua felicidade, eu tenho a minha de volta. Eu estou em paz.

Sentir saudades não é querer de volta. É sinal de que a relação foi boa, apesar de tudo. De que eu ainda preservo os bons sentimentos, o desejo de que dê tudo certo na sua vida. De que o amor sobrevive depois do fim como uma brisa suave que preenche as lacunas entre nós dois, e não como uma explosiva atração. Amor é o querer bem. Mas, definitivamente, não é querer de volta. Quando eu gosto, eu luto. Quando a paixão me arrebata, eu persisto. Mas quando eu amo primeiramente a mim, eu só quero ter sossego. E desejo que você tenha o mesmo.

“Algumas pessoas que aparecem em nossa vida são ritos de passagem, vêm pra nos preparar para alguém que realmente merecemos.”

@BENDITACUCA

482º dia

Eu já tive muito medo de entrar em crise. Veja só, que bobagem! Muitas vezes, associamos crises aos aspectos ruins da nossa vida, ao que nos deixa pra baixo ou a uma fase que sonhamos que passe o quanto antes. Mas crises também representam transformações e mudanças que podem ser construtivas; tudo depende da nossa própria receptividade. Houve um tempo em que eu me queixava muito e, por coincidência ou consequência, mais coisas ruins me aconteciam. Hoje, eu consigo perceber que eu não era uma espécie de ímã para a negatividade, mas uma lente de aumento.

Eu já perdi tempo demais tecendo dificuldades e, como era de se esperar, terminei em uma teia de obstáculos. As coisas não mudaram surpreendentemente pra melhor, mas eu mudei. Porque precisei mudar, porque cheguei ao meu limite e decidi não aguentar mais um pouco, e sim fazer diferente. Eu me desfiz das minhas convicções e abracei oportunidades que teria evitado antes. Parei de dizer afirmações ao meu respeito – boas e ruins – e passei a dizer mais "sim". Eu me permiti. Falhei, errei, sofri, mas vivi como nunca antes. Estive por inteiro com todas as pessoas com as quais me relacionei, me dediquei 100% a trabalhos que sequer valiam a pena. Fui pura intensidade. Ou insanidade. Ou os dois. Mas não deixei de ser nem uma pontinha de mim em todos os momentos.

Sem dúvidas, sei como é difícil aceitar o que não conseguimos entender, passar uma borracha em páginas que escrevemos a próprio punho num esforço gigantesco e, ao mesmo tempo, completamente irrelevante, de se tornar alguém ou ter, esquecer e perdoar alguém. Também sei como é se convencer de que merece o melhor pra não perder a cabeça e se culpar pelo que – ou por quem – não deu certo. Sei o que é recomeçar do zero, do meio e do fim, e acreditar que não foi em vão, porque não pode ser em vão. Porque tem que valer a pena. E, mesmo assim, sentir que não valeu.

Essa é minha forma de abraçar a crise, de dançar com ela, de fazer amor com a crise. Fui a crise dos pés à cabeça e descobri como vencê-la dentro de mim. Tudo mudou porque eu mudei. Entendi que algumas pessoas que aparecem em nossa vida são ritos de passagem, vêm pra nos preparar para alguém que realmente merecemos. Às vezes, damos importância demais a elas ou a objetivos de curto prazo; o medo da rejeição e do fracasso nos impede de enxergar além das dificuldades. Não conhecemos pessoas por acidente, não enfrentamos obstáculos por acaso, tudo tem o propósito de nos ensinar, ainda que seja a não repetir o erro. Porque nem a melhor das intenções é capaz de justificar algumas coisas. E também precisamos aprender a aceitar isso. Porque temos que tirar leite de pedra, enxergar o lado positivo das dificuldades, pensar que poderia ser pior (embora eu deteste essa premissa) e não nos "vitimizar", porque, afinal, estamos todos no mesmo barco, não é? Sei como é se acostumar com uma vida pelas beiradas, reconhecer seu potencial e, ainda assim, compreender suas limitações.

Às vezes, a gente só precisa acreditar que merece o tal do final feliz pra não se acomodar. Ninguém jamais alcançou a felicidade de braços cruzados e pés firmes no chão. Receber a crise, aceitar o que não podemos mudar e agradecer quando aprendemos a superar. Quando estiver difícil, seja resiliente. Quando passar, seja grato.

“Não adianta chorar pelo coração partido; quem o feriu não vai saber curá-lo. O único amor capaz de nos salvar é, e sempre será, o próprio.”

488º dia

Eu passei meses esperando que você me dissesse alguma coisa, esperando que você fizesse alguma coisa, que você sentisse alguma coisa. Torci à noite em silêncio pra que gostasse de mim, me perguntei se já tinha outra pessoa em sua vida com quem você insistisse em ficar, assim como fez comigo.

Pra mim, nunca foi igual. Já te disse isso. Eu soube, desde o primeiro momento, que você era um "problema", mas eu havia me convencido de que nunca me apaixonaria por ti, portanto, não tive medo. Não pensei duas vezes. Não era pra ser você, disso eu tenho certeza.

Mas não sei em que momento percebi – já que custei a admitir – que a gente não controla o que sente. É como se existisse alguém dentro de mim que queria te sacudir pelos ombros, queria te dizer "Para de ignorar essa vozinha que diz pra ficar comigo. Para de pensar! Para de me afastar!". Diante do meu próprio desespero, eu me calava.

Eu já quis voar no seu pescoço e pedir "pelo amor de Deus, me dê uma chance!". Mas resisti porque é isso que a gente aprende a fazer. Porque é isso que eu ensino a fazer, inclusive. Porque eu sempre tive muito medo de estar só nessa, de parecer fora da realidade e de dar voz à paixão. Porque eu tenho orgulho. E, principalmente, porque eu me via com você e você me queria a distância.

Eu queria que fosse simples, te juro. Mas eu ainda estou aprendendo a lidar com isso, por isso eu falho. E se você quisesse ficar comigo, eu te decepcionaria várias vezes, sei disso. Porque não tem receita de bolo. Eu só finjo que sei o que estou fazendo. Eu sou uma bagunça, está na cara. Não seria fácil. Mas eu quis tentar por você. E eu não me arrependo. De nada. Eu podia ter sido melhor pra você, sei disso. Eu não sabia que era capaz de me sentir assim, não sabia que podia ver tanta esperança em alguém. E agora eu sei.

Culpo a minha intuição, pois pressenti todas as vezes em que estivemos por um triz. Eu sei, parece bobagem, mas, numa batalha entre razão e emoção, quase sempre o sentimental vence. Mas isso não quer dizer que eu ganho, muito pelo contrário. Quer dizer que eu insisto, que eu vou atrás, que eu prometo o que não posso cumprir.

Confesso que já juntei meus cacos e entreguei paa a mesma pessoa que os quebrou: você. Porque acreditava na mudança, no amadurecimento e, sobretudo, no amor. No entanto, percebi que, à medida que permitia que você fosse responsável por uma parte tão importante de mim (se não for a mais), perdia o controle do seu impacto em todos os aspectos da minha vida. Bastava uma discussãozinha besta e eu passava o resto do dia de cara fechada. Não tirava da cabeça nenhuma dúvida gerada pelas entrelinhas que só eu via. E logo eu, que reverenciava a entrega e levantava a bandeira dos apaixonados, aprendi que não posso permitir que o comportamento de ninguém tire a minha paz.

A partir do momento em que isso acontece é como se eu passasse a viver em função da sua vida, das suas vontades, dos seus sentimentos. Ninguém pode ser responsável por determinar o que é melhor pra mim, com quantas lágrimas faço um sorriso, com quantos passos dou a volta por cima. É uma questão bem simples: não adianta chorar pelo coração partido; quem o feriu não vai saber curá-lo. O único amor capaz de nos salvar é, e sempre será, o próprio.

“Todas as vezes que você me machucou foram por não me permitir te amar. E eu, inocente, achei que fossem por não querer me amar. Ninguém pode me dar aquilo de que eu preciso. A minha verdadeira história de amor sempre foi comigo.”

494º dia

Veja se você consegue me entender: não me falta nada. Eu juro. Desde que eu saí da sua vida, pude caminhar em direção a minha. É até irônico que eu só tenha conseguido alcançar tudo o que sempre quis depois de te perder. Acho que era porque enquanto eu queria você, eu não queria mais nada tanto assim. Acabei me acomodando, ou simplesmente me desfocando.

Você não faz ideia de quanta energia já desperdicei tentando juntar as pistas de onde você estava, e principalmente, com quem. Você não faz ideia de quantas noites fui dormir rezando pra não acordar com sua ausência batendo na minha porta e estragando meu dia. Você não faz ideia do que foi percorrer esse caminho só, mas olhando para trás pra ver se você corria e me alcançava. E me decepcionar toda vez que percebia a distância aumentando entre nós. Você não faz ideia do quanto esperei por ti, na mesmice, fazendo tudo do mesmo jeito pra ver se você, me vendo assim, se lembrava que já me amou.

Agora eu te entendo. Eu sei, é difícil de acreditar, não é? Eu, que tornava seu ponto final reticências, estou, finalmente, do seu lado. Pena que você já não está mais aqui. Mas é aquela coisa: se estivesse, talvez eu nunca tivesse

vindo. Logo eu, que tanto tentei quebrar seu muro, construí aos poucos um em volta de mim. Não me entenda mal, eu estou bem. Acontece que levei tanto tempo pra me sentir assim, eu quis tanto, eu tentei tanto – e eu desisti tantas vezes também – que percebi o quanto faz sentido você não querer se envolver em determinados momentos. Você se encontrar e ter medo de se perder por alguém. Você estar só e não sentir solidão. Você não ter ninguém te esperando em casa, nenhum número na discagem rápida, ninguém em quem pensar antes de dormir, ninguém de quem lembrar ao acordar e considerar isso liberdade.

E hoje a história mudou. É sério. Basta olhar pra mim que você vai perceber, eu também mudei bastante. Eu me sinto incrível, tenho um orgulho imenso de mim. Acho que estou cada vez melhor e tenho ao meu redor pessoas que fazem questão da minha presença. E eu nem preciso me esforçar pra isso.

Agora eu entendo. Como eu poderia viver com alguém o que não conseguia viver comigo? Você tinha razão esse tempo todo. Você nunca foi capaz de me fazer feliz. Só eu tenho esse poder. Porque, mesmo com as incontáveis vantagens de amar alguém, nada se compara ao amor que cultivamos por nós mesmos. E você sabia disso. Sabia tanto que tentou evitar, tentou me evitar. Sabia tanto que tentou fugir e tentou se enganar. Porque eu te traria o caos, a bagunça de morar em outro peito, o aconchego de estar com alguém que te admira. Tudo do que você nunca admitiu gostar tanto. E agora eu te entendo.

Tudo aconteceu naturalmente depois que eu parti da sua vida, depois que eu parti meu coração ao meio e tive que aprender a lidar com o vazio. Tive que fazer as pazes com a saudade.

Todas as vezes que você me machucou foram por não me permitir te amar. E eu, inocente, achei que fossem por não querer me amar. Pois é, agora eu te entendo. Ninguém pode me dar aquilo de que eu preciso. A minha verdadeira história de amor sempre foi comigo.

P.S.: Mas sabe o que é engraçado? Agora eu entendo. Eu te chamei de amor, mas você foi um livramento.

“Temos que aprender a nos despedir das pessoas que perdemos para saber valorizar aquelas que permaneceram.”

500º dia

Nada acontece por acaso. Eu, que sempre duvidei que tivéssemos um propósito predestinado, me flagrei ligando os pontos de tudo pelo que já passei. Eu, que abusei do livre arbítrio para decidir meus próprios caminhos, já cansei de questionar o porquê de tantas falhas. Logo eu, amante do ceticismo, aprendi que não há mal nenhum em acreditar que não era pra ser.

Pois é, com a maturidade aprendi a selecionar minhas batalhas e, sobretudo, a diferença entre perder e recuar. Às vezes, a insistência é um fardo mais pesado do que a desistência. Às vezes, a vida tem seus próprios meios de nos fazer esperar a hora certa para o que desejamos. Às vezes, pagamos o preço por escolhas que não foram nossas. Aprendi que isso não é uma demonstração de injustiça e, sim, de sintonia.

Ninguém é – ou está – sozinho. Quer queiramos, quer não, estamos interligados. Nossas atitudes, vontades e planos também dependem da cooperação de outras pessoas. Dificilmente conseguimos perceber no ato o quão importantes somos uns para os outros, nem aceitamos quão dependentes somos da harmonia entre corpo, mente, espírito e seres humanos. Especialmente seres humanos.

Tudo o que fazemos – de bom ou de ruim – tende a voltar pra gente. A reciprocidade está em tudo, pois é uma forma de nos manter no caminho do bem quando houver dúvidas de para onde ir e de não nos preocuparmos

com a maldade alheia, com quem nos feriu e com quem nos deixou. Porque tudo que vai, volta. Porque gente ruim cai sozinha, não precisa de empurrão. A cada decepção, a gente se fortalece. A cada queda, a gente cresce.

Gosto de pensar que nada foi em vão, que algumas das pessoas com que nos envolvemos foram essenciais para o nosso crescimento – e não porque decidiram ficar, mas porque não hesitaram em partir. Temos que aprender a nos despedir das pessoas que perdemos para saber valorizar aquelas que permaneceram. Gosto de acreditar que as escolhas que fiz foram as melhores pra mim, e não porque tudo deu certo do início ao fim, mas porque eu não aprenderia certas coisas das quais hoje me orgulho se não fosse por uma porção de escolhas erradas. Gosto de saber exatamente onde estou pisando, sobretudo para que não seja em cima de ninguém. Gosto de controlar o que penso, de me questionar e de refletir, mas de deixar meu coração inteiramente livre pra se decidir. Gosto de aprender com meu passado, de juntar as peças como se fosse um enorme quebra-cabeça, de pôr cada coisa em seu lugar e perceber como, com o tempo, os pontos se ligam sozinhos e dúvidas que me atormentavam se tornam certezas que me aliviam. Gosto do gosto amargo da língua mordida, de me contradizer e de mudar.

Aprendi a ter gratidão pelas pessoas que encontrei, por aquelas que me deixaram, pelas que me fizeram mal e me tornaram mais forte, pelas que me fizeram bem e me ensinaram sobre o amor, pelas que não me fizeram nada e passaram como se nunca tivessem vindo, até essas me mostraram que não há necessidade alguma de tornar as pessoas especiais, de carregar a responsabilidade de ter significado algo para alguém. Algumas pessoas que cruzam nosso caminho são apenas uma forma de aprendizado. Aprendi a ter gratidão porque o bolo de chocolate estava tão gostoso quanto parecia, porque o céu estava lindo, porque tinha uma maratona disponível da minha série favorita, porque encontrei inesperadamente alguém de quem gosto muito na rua e aquilo iluminou meu dia. Nunca acreditei em milagres, mas percebi que quando Deus coloca várias pessoas em sua vida e cada uma delas faz um pouquinho por ti, no fim, milagres acontecem. Aprendi a ter gratidão pelos pequenos milagres que colecionamos diariamente.

Se tudo acontece por uma razão, estou aqui pra descobrir qual é a minha. Não tenho medo de enfrentar o desconhecido que habita em mim. Não tenho vergonha de voltar atrás e tampouco receio de seguir em frente. Gosto de pensar que nada tenha sido em vão, que algumas pessoas com quem nos envolvemos desempenharam o seu papel de nos amadurecer.

Você está indo bem. Eu estou indo bem também. Mesmo que não seja tudo como a gente quer, está tudo bem. Ainda estamos aqui. Viver é um lindo caos. Ninguém sai ileso, e está tudo bem. Ando fazendo o melhor que posso e torço para que você faça o mesmo.

Querid@ leitor@,

Eu não sei quem você é, mas sei que já ouviu isso antes. Eu não sei de onde você vem, mas sei que deve estar cansado. Eu não sei das suas batalhas, mas sei que, eventualmente, todo mundo sente o peso de suas bagagens lhe tombarem as costas. Eu não sei o que você quer, mas sei que precisará de determinação e de muito esforço pra conseguir. Eu não sei a quem você decepcionou, mas sei que, se estiver verdadeiramente arrependido, merece perdão, que deve, primeiramente, vir de si mesmo. Eu não sei quem você amou, mas sei que isso lhe acompanhará para o resto da sua vida; no entanto, isso não precisa definir o resto da sua vida. Eu não sei do que você tem medo, mas sei que para ter chegado até aqui foi preciso muita coragem, portanto você vai conseguir superar. Eu não sei pelo que você já passou, mas sei que as boas pessoas que encontrou te marcaram tanto quanto as más. Eu não sei por que você chora, mas sei que vai sorrir quando tudo passar. Eu não sei quem você é, mas sei que, no fundo, assim como eu, você nasceu pra amar. E, assim como eu, você já morreu de amor.

Peço desculpas em nome de todas as pessoas que já te feriram, elas também estão aprendendo. Espero que você consiga entender que ninguém é digno do seu rancor, nem você. Não o guarde. Eu não sei quem você é, mas sei que estamos no mesmo barco, ou talvez no mesmo banco, ou talvez na mesma rua. Eu não sei quem você é, mas tudo vai ficar bem, porque qualquer ato de bondade, por menor que seja, faz a diferença no mundo, mesmo que você não veja.

Se você fizer a sua parte, viver por amor e em plenitude com a sua verdade, o Universo irá conspirar ao seu favor e você pode ter certeza de que já venceu na vida.

AGRADECIMENTOS

Este livro tem o melhor de mim. Todo o resto, aqui dentro, é uma bagunça. Eu sou tempestade, aqui vocês veem a bonança. Sou uma pessoa muito chata que se aprofunda em tudo. Eu não consigo ser rasa, eu me afogo em questionamentos. Eu penso muito mais do que devia. Eu sinto muito sobre o que eu penso, mais do que gostaria. Eu não conseguiria ter vivido em uma só vida tudo sobre o que já escrevi, e isso não me impediu de sentir.

Então, primeiramente, quero agradecer aos meus seguidores, que me deram a honra de conhecê-los melhor e que compartilharam suas histórias comigo, que me ensinaram sobre empatia e me motivaram quando eu pensei em desistir da escrita. Vocês salvaram a minha vida.

Este livro já estava em minha mente e em meu coração há muito tempo, mas se não fosse pela contribuição de algumas pessoas, eu não sei quando se tornaria realidade. Cada uma delas ao seu modo, ajudou este projeto a acontecer: Fernando Suhet, obrigada por ter visto potencial em mim e pelo convite para participar da Coleção Compartilha; você foi o empurrãozinho de que eu precisava. Lucas Maroca, meu editor, obrigada por acreditar em mim, por todo o apoio que tem me dado e, sobretudo, por apostar sem pensar duas vezes em minhas ideias mirabolantes; você faz com que eu me sinta capaz. Monalizi Prata, obrigada por ser você – minha melhor amiga e meu braço direito –, por tantas vezes ter me ajudado quando estive prestes a enlouquecer. Você é meu porto seguro. Maíra Gurgel, obrigada por ter aparecido em minha vida justamente no momento em que eu mais precisava te encontrar. Você me fez perceber o que eu havia conquistado e me deu coragem pra enfrentar este desafio. Klaus Albuquerque, obrigada por ser extremamente solícito a todos os meus projetos, por me fazer acreditar que são possíveis e por me disponibilizar seu tempo e seu talento para que eles possam acontecer. Ter um amigo como você faz toda a diferença. Graças a Deus, tenho uma extensa lista de amigos a quem agradecer pelo apoio, pelas palavras de motivação, por não me deixarem só em um caminho que

percorri sozinha. Seria injunto citar nomes. Vocês sabem quem são e o quanto eu os amo.

Agradeço ao meu pai, que me passou todo o conhecimento possível enquanto estava vivo e tem me guardado e me protegido até hoje. Seu amor por mim me ensinou a me amar.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Deus pela oportunidade de fazer o que eu amo, por não ter desistido de mim quando eu mesma havia cansado. Agradeço a generosidade do Universo por me guiar e permitir que essa energia que escorre pelos meus dedos alcance todos os seres para que assim sejam cada vez mais felizes, despertos e unidos. Eu acredito no propósito de tudo acontecer e que tenho o dom de acolher, inspirar e motivar outras pessoas. Eu quero deixar o melhor e mais bonito que houver em mim em cada um que cruzar o meu caminho. Eu acredito que o amor vive e se manifesta através de mim, e sou imensamente grata por isso. Assim é.

A diversidade de vozes que se fazem ouvir nas redes sociais deu uma pista certa para Crivo Editorial: repercutir múltiplos autores e múltiplas histórias e escritas presentes na Web.

Vozes repletas de vivências, significados e sentidos… Vozes diversas que se fazem ouvir diariamente! Esta é a Coleção Compartilha! Um novo espaço na Crivo, para autores da internet. Curtir, interagir e compartilhar!

O livro “500 Dias sem Você” da autora Samantha Silvany é o primeiro volume da coleção.